

Um Cantinho no Coração

Vacancy: Wife of Convenience

Jessica Steele

Romance Edição nº 7



Colly Gillingham está em apuros. Ela tem uma semana para empacotar suas coisas e sair de casa. Pela primeira vez na vida, precisava de um emprego — e rápido! Então, lendo em um anúncio a oferta de uma vaga de secretária, Colly corre atrás da oportunidade.

No momento em que Silas Livingstone põe os olhos nela, sabe que é exatamente a mulher que ele está procurando. Mas, na verdade, a vaga é para esposa de conveniência. Será que Colly vai aceitar a oferta?





Digitalização: Rita
Revisão e Formatação: Cynthia M.

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Copyright © 2005 by Jessica Steele
Originalmente publicado por Mills Boon London
Título original: VACANCY: WIFE OF CONVENIENCE

Impressão:
RR DONNELLEY MOORE
Tel.: 55 248-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora SA
Rua Teodoro da Silva, 907
Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900
Tel.: 55 2 3879-7766

Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 7, 4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondências para:
Caixa Postal 8516
Rio de Janeiro, RJ — 20220-971
Aos cuidados de Virgínia Rivera
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capítulo I

Ela o tinha visto pela primeira vez no funeral de seu pai, e não esperara vê-lo novamente. Mas lá estava ele, parado à sua frente, alto, como ela se lembrava, com cabelos escuros e com cerca de trinta e poucos anos.

Colly não tivera a oportunidade na época de descobrir quem ele era. Sua madrastra, apenas cinco anos mais velha do que ela, o tinha monopolizado durante a cremação, depois do velório.

— Vá até a casa para tomar um refresco — Colly havia escutado claramente o convite de Nanette.

Ele declinara suavemente, parecendo querer ir até Colly oferecer-lhe as condolências, mas ela estivera entretida com outras pessoas e tinha se virado.

Todavia, agora estava no edifício da companhia Livingstone, e ele lhe falava, desculpando-se que o Sr. Blake, o homem com quem ela marcara uma entrevista, estava infelizmente incapacitado naquele dia.

— Silas Livingstone — apresentou-se. Colly não sabia o nome dele, mas ele obviamente sabia o seu. — Se você puder esperar dez minutos, estarei livre para entrevistá-la no lugar do Sr. Blake.

— Não seria melhor que eu marcasse uma outra hora? — Ela preferia não fazer isso. Já estava nervosa o bastante para a entrevista, e não tinha certeza se um dia teria a coragem de voltar.

— De maneira alguma — replicou ele, alegremente. — Eu a atenderei em pouco tempo — acrescentou, e se afastou em direção ao escritório mais próximo.

— Quer que eu espere em algum outro lugar? — Colly perguntou para a secretária esperta, na casa dos quarenta, que parecia estar lidando com três tarefas ao mesmo tempo.

— Não — Ellen Rothwell respondeu com um sorriso amável. — O Sr. Livingstone tem um dia ocupado. Agora que encontrou uma brecha para você, vai querer que esteja no lugar combinado.

Colly sorriu em retorno, mas decidiu não dizer mais nada. A situação já era embaraçosa o bastante, uma vez que, como Ellen Rothwell tinha explicado, a secretária atual de Vernon Blake havia telefonado para todas as outras candidatas e cancelado os horários daquele dia. Porém, ao ligar para a casa de Colly, tinha sido informada de que ela estava fora e não havia como contatá-la.

Ela já sabia que a madrastra possuía uma tendência a ser malvada. Recusar-se a lhe telefonar no número que ela estivera o tempo todo, apenas endossava esse fato.

Colly reprimiu um suspiro e tentou pensar na entrevista que teria a seguir. Vernon Blake era o diretor europeu da Livingstone Desenvolvimentos, e estava procurando uma secretária sênior que falasse diversas línguas. O salário anunciado era fenomenal e, uma vez que Nanette queria que ela se mudasse, se Colly tivesse sorte o bastante para conseguir o emprego, poderia alugar uma casa para morar e ser independente.

Este tinha sido seu pensamento quando vira o anúncio. Nunca mais dependeria de ninguém. Uma secretária sênior de muitas línguas. O que havia de tão difícil nisso? Ela sabia digitar e, embora não falasse diversas línguas fluentemente, uma vez tinha sido muito boa em francês e italiano, assim como em espanhol e alemão. O que mais uma secretária precisava?

Observando Ellen Rothwell lidar com telefonemas, anotar em rápida estenografia e então calmamente decidir o que representava algum tipo de problema, Colly percebeu que era preciso muito mais para ser secretária. E que experiência tinha na área? Absolutamente nenhuma!

Ela quase se levantou então, pediu desculpas e escapuliu. Mas então se lembrou por que queria aquele emprego que pagava tão bem. Muito em breve, estaria sem-teto. E ela, que nunca tinha trabalhado na vida, precisava agora desesperadamente de um emprego bem remunerado.

O testamento que seu pai deixara a magoava. A viúva de 28 anos de idade tinha herdado tudo, a filha dele, nada. Ele tinha todo o direito de deixar seu dinheiro e propriedade para quem quisesse, é claro. Mas Colly, sua única filha, sua governanta, desde que a última partira sete anos atrás, estava agora prestes a perder a única casa que conhecera. Não que a casa continuasse parecendo um lar.

Colly ficara chocada quando, a pouco mais de dois anos, seu pai, sempre sério e nervoso, tinha se tornado todo infantil com a nova recepcionista do clube que freqüentava.

Suspeitou que ele estava saindo com alguém quando o pai começou a se preocupar com a própria aparência. E ficou feliz por ele. Perdera a mãe quando tinha oito anos, e seu pai vinha se sentindo infeliz por tempo demais.

Todavia, quando ele levou a loira Nanette para casa, o prazer de Colly se misturou com horror. Nanette era aproximadamente quarenta anos mais nova que o pai!

— Eu queria tanto conhecê-la — a loira de 28 anos tinha dito. — Joey me falou muito sobre você.

Joey! Seu sério pai, Joseph, era *Joey*! Pelo pai, Colly sorriu e tentou não ver a maneira que os olhos de Nanette percorriam a sala em busca de algo valioso.

Colly tinha secretamente esperado que seu pai continuaria feliz quando Nanette rompesse o relacionamento dos dois, mas ficou chocada de novo quando, em vez do relacionamento acabar, Nanette mostrou-lhe o magnífico anel de esmeralda que Joseph Gillingham lhe dera e declarou:

— Nós vamos nos casar!

Perplexa, Colly conseguiu encontrar palavras para congratulá-los. Mas quando, se dando conta de que Nanette seria a dona da casa, mencionou que encontraria um lugar para si mesma, nem seu pai nem Nanette a ouviram.

— Eu seria totalmente inútil para cuidar de uma casa — Nanette protestou. — Você deve ficar para cuidar da casa. Concorde, querido?

— É claro que você deve ficar — disse Joseph da maneira mais jovial que Colly já vira. — Naturalmente, eu vou continuar pagando sua pensão — acrescentou ele, com um olhar tímido para sua pretendida, deixando óbvio para Colly que a pensão, que não era grande e ajudava nos suprimentos da casa, tinha sido discutida por eles.

A situação toda a deixou desconfortável. Tanto que chegou a pesquisar preços de aluguel para se mudar. Porém, o dinheiro que possuía não pagava nem os menores lugares.

Então, permaneceu em casa. E seu pai e Nanette se casaram. E nos meses seguintes, a nova "gatinha" de seu pai mostrou, quando Joseph não estava por perto, que tinha garras afiadas quando as coisas não saíam do seu jeito. Mas permanecia doce e adorável para o marido.

Morando na mesma casa, Colly não pôde deixar de notar que Nanette tinha um jeito muito sorrateiro com ela. E em pouco tempo, começou a suspeitar que a madrasta não estava sendo verdadeira com seu Joey. O fato de Nanette preferir companhia masculina à companhia feminina não era um problema para Colly. O problema era a frequência com que Nanette recebia telefonemas de um homem estranho.

Colly não pôde evitar concluir que Nanette estava tendo um caso quando alguns meses depois, atendeu ao telefone para ouvir uma voz masculina murmurar em tom íntimo:

— Quem foi a criatura perversa que me deixou apenas com brincos embaixo do travesseiro para me lembrar do paraíso?

Colly bateu o telefone. Aquilo era demais. Nanette, que estava naquela hora fazendo compras, tinha dito que passara grande parte da noite anterior consolando uma amiga que estava sofrendo.

Quando Nanette retornou das compras meia hora depois, Colly não pôde se manter calada:

— Os brincos que você usou ontem à noite estão debaixo do travesseiro dele.

— Oh, ótimo — replicou Nanette, nem um pouco perplexa por ter sido descoberta.

— Você não se importa? — indagou Colly furiosa. Nanette pôs as sacolas no chão.

— Com o quê?

— Meu pai...

— O que tem ele?

Colly abriu a boca, mas sua madrasta a interrompeu:

— Você não vai contar a ele.

— Por que eu não contaria?

— Ele está infeliz?

Ele não estava. Nunca tinha sido um homem alegre, parecia ter sofrido um transplante de personalidade desde que conhecera e se casara com aquela mulher.

— Ele está nas nuvens — respondeu Colly. Nanette voltou a pegar as sacolas.

— Conte-lhe se quiser — desafiou despreocupada. -Eu já disse a ele que acho que você não gosta de mim. Adivinhe em qual de nós duas ele vai acreditar?

Colly queria muito contar ao pai o que estava acontecendo, mas achou que não poderia. Não por si mesma ou por correr o risco de não ser acreditada, mas porque ele era, em essência, um homem muito mais feliz.

Então, cheia de culpa por não lhe contar, mas esperando que ele não a culpasse quando descobrisse mais sobre o caráter da mulher com quem se casara, Colly ficou calada.

Um ano se passou e seu pai ainda adorava a esposa. Claramente Nanette estava fazendo um jogo muito inteligente e ele não tinha idéia que a esposa gostava de saltar de um caso a outro.

Isso foi até aproximadamente seis meses atrás, antes do súbito ataque cardíaco dele, quando Colly viu, pela primeira vez, seu pai fitando a esposa com um olhar levemente desconfiado.

Contudo, ele parecia apenas marginalmente menos feliz do que antes, mas, durante seus últimos meses, passou mais tempo em seus estudos do que tinha passado desde o casamento.

Seu pai havia sido um famoso engenheiro projetista e, embora estivesse aposentado, era altamente considerado por outros executivos neste campo especializado.

E então, sem aviso, morrera. Colly, em tremendo choque, não podia acreditar. Questionou o médico, que lhe contou que seu pai tinha sofrido um enorme dano no coração e que nada poderia tê-lo salvado.

Ela ainda estava em choque no dia seguinte, quando Nanette a procurou para mostrar-lhe o testamento que encontrara vasculhando as coisas de Joseph Gillingham. Estava datado de um mês depois do casamento deles, e Colly logo percebeu que Nanette estivera procurando especificamente pelo testamento quando ela declarou, triunfante:

— Que gracinha! Ele me deixou tudo! — E sem tentar demonstrar pena, acrescentou: — Oh, pobrezinha. Ele não deixou nada para você.

Aquele foi um outro choque. Não que estivesse esperando receber algo em particular. Naturalmente Nanette, como esposa, seria a herdeira principal. Colly percebeu que deveria ter assumido que seu pai viveria para sempre, ele tinha apenas 68 anos, afinal. E, embora não fosse enormemente rico, possuía uma renda considerável de vários anos de investimento.

Dois dias depois da morte do pai, Colly sofreu um novo choque quando Nanette entrou em seu quarto para informá-la:

— Naturalmente, você vai encontrar algum outro lugar para morar.

De alguma maneira, Colly conseguiu esconder a reação de choque e respondeu:

— Naturalmente. Eu não sonharia em continuar aqui.

— Ótimo — murmurou Nanette. — Você pode ficar até depois do funeral, e então eu a quero fora. — E, tendo dado o ultimato, virou-se e saiu do quarto.

Abalada demais, Colly não pôde raciocinar direito por alguns minutos. Não tinha idéia do que faria, mas desejou que seu tio Henry estivesse lá para aconselhá-la.

Henry Warren não era um parente de sangue, mas amigo do pai dela, a palavra "tio" era um título de cortesia. Ela o conhecia por toda a vida. Tinha a mesma idade de Joseph, mas, recentemente aposentado de sua firma de advocacia, havia embarcado numas férias prolongadas na semana anterior. Nem mesmo sabia que o amigo Joseph havia morrido.

Não que os dois tivessem se visto muito depois do casamento de Joseph. Seu pai freqüentava cada vez menos o clube. E Henry Warren raramente os visitava nos últimos tempos. Era por causa da amizade deles que o pai de Colly sempre lidara com uma firma diferente de advogados, acreditando que negócios e amizade não se misturavam. Mas o primeiro instinto de Colly era o desejo de voltar-se para tio Henry.

Porém, ele estava fora do país e Colly se deu conta de que não havia ninguém para ajudá-la e aconselhá-la. Teria de lidar com a situação sozinha. Não tinha pai, não tinha tio Henry, e Nanette a queria longe dali.

Com tal percepção veio o conhecimento de que possuía muito pouco dinheiro, certamente não o bastante para pagar um aluguel por mais de uma semana ou duas. Isso se os preços continuassem os mesmos de dois anos atrás, quando procurara acomodação alugada no mercado.

Ainda tentava manter a cabeça clara no dia do funeral de seu pai.

Claramente recordava-se de ter visto Silas Livings-tone lá, o nome lhe sendo desconhecido. Como Nanette tinha conseguido parecer uma viúva sofredora ao mesmo

tempo em que tentava envolver Silas Livingstone era um mistério absoluto para Colly. Ele e um outro homem mais velho haviam se retirado logo após a cremação, recusando educadamente o convite de Nanette para um refresco na residência.

Para se candidatar a um emprego na Livingstone Desenvolvimento, Colly precisaria fazer uma pequena pesquisa sobre a companhia. E, sendo uma empresa de engenharia, a presença de representantes no funeral de seu pai, não era surpreendente.

Colly saiu de seus devaneios para observar Ellen Rothwell lidar com o que surgia à sua frente. Podia notar que o trabalho de secretária envolvia mais do que apenas ser capaz de digitar.

Já sabia disso, é claro. Mas, sofrendo com a morte do pai e com a ameaça de não ter para onde ir, quando tinha visto no anúncio que a secretária deveria falar várias línguas, se candidatara.

Observando Ellen por mais alguns segundos, concluiu que devia estar louca quando se candidatara. Colly levantou-se, pronta para partir, mas naquele momento, a porta do escritório de Silas Livingstone foi aberta, e lá estava ele, tão perto que ela pôde ver-lhe a tonalidade escura dos olhos azuis.

— Entre — convidou ele, afastando-se para lhe dar passagem. Colly tinha um metro e oitenta, e ainda assim teve de olhar para cima a fim de encará-lo. Ele a seguiu para uma grande sala que continha, não apenas móveis de escritório, mas também uma saleta de estar, onde, sem dúvida, ele conduzia assuntos mais relaxados, dada a mesa de centro e cadeiras almofadadas. Fechando a porta atrás de si, gesticulou para que ela se sentasse próxima à mesa.

— Senti muito sobre seu pai — começou ele. Então ele sabia quem ela era.

— Obrigada.

— Columbine, certo? — perguntou ele, olhando para o currículo à sua frente e obviamente para deixá-la mais à vontade.

— Todos me chamam de Colly — replicou ela e sentiu-se uma tola, pois agora teria de explicar. — Pensei, uma vez que eu estava me candidatando formalmente para a posição com o Sr. Blake, que eu deveria usar meu nome completo ou... meu nome formal. — Ela estava começando a se sentir quente, mas não conseguia se calar. Nervos, supôs. — Mas Columbine Gillingham é muito feio. — Ela fechou os lábios e comprimiu-os.

Silas Livingstone olhou-a e parecia satisfeito que ela finalmente perdesse o fôlego. Contudo, quando ela estava se preparando para desgostar do homem diante de si, ele lhe deu um sorriso prazeroso e concordou.

— É verdade. Passei no escritório de Vernon Blake mais cedo. A atual secretária dele disse que tudo estava correndo tranquilamente na ausência do chefe, com a exceção de uma candidata, Columbine Gillingham, que não podia ser contatada. Seu pai mencionou ter uma filha chamada Columbine, e não achei que poderia haver duas de vocês.

Foi a vez dela de olhá-lo. Era por isso que ele tinha decidido entrevistá-la pessoalmente? Por causa da conexão com o pai dela? Mas não havia tempo para perguntar, e Colly supôs que era irrelevante porque, obviamente um homem com pouco tempo para desperdiçar, Silas Livingstone já a estava entrevistando.

— Qual é a sua experiência como secretária? — perguntou, olhando para o currículo dela, como se estivesse procurando onde, em tinta invisível, constava que ela possuía alguma experiência na área.

Colly sentiu-se quente novamente.

— Não tenho muita experiência como secretária -foi obrigada a responder. — Mas sou boa em línguas. E digito muito rápido.

Ele se recostou na cadeira, a expressão ilegível.

— Quão rápido? — indagou educadamente.

— Quão rápido? — ecoou ela.

— Quantas palavras por minuto? — elucidou ele. E, claramente tendo formado uma imagem da total falta de experiência dela, acrescentou: — Você tem alguma idéia?

Ela não tinha idéia. Não podia nem arriscar um número. Sentando-se ereta, ofereceu de modo orgulhoso:

— Devo ir embora?

Ele meneou a cabeça de leve e olhou diretamente dentro dos olhos verdes de Colly.

— Você já teve algum emprego antes?

— Humm... não — ela teve de admitir. Mas rapidamente adicionou: — Eu mantinha a casa para meu pai. Quando terminei a escola, assumi as tarefas do lar até...

— Até que seu pai voltou a se casar? — Mais uma vez ele lhe lançou um olhar direto.

— Eu... A nova esposa de meu pai preferiu que eu continuasse a cuidar de tudo. — Aquilo soava patético!

— Então você nunca trabalhou fora de casa? Cuidar da casa a mantivera bastante ocupada, embora tivesse interesse em arte.

— Eu geralmente ajudo numa galeria de artes nas terças-feiras — foi o máximo que Colly pôde dizer. Havia visitado aquela galeria em particular o bastante para conhecer o dono, Rupert Thomas, quem uma vez lhe pedira para cuidar do local enquanto dava uma saída. E então ela começara a ir todas as terças para tirar o pó dos quadros, organizar algumas faturas, lidar com alguns clientes, sem mencionar fazer café para Rupert quando ele estava presente.

— Este é um emprego remunerado? — Silas Livings-tone quis saber.

Colly estava se sentindo desconfortável e sabia que nunca deveria ter ido.

— Não.

— Você já teve um emprego remunerado?

— Meu pai me dava uma pensão — murmurou ela.

— Mas você nunca ganhou... fora de casa? — documentou ele. Então, abruptamente questionou: — Conte-me, Columbine, por que você se candidatou para este emprego?

Ele a irritava. Claramente não podia entender por que, sem nenhuma experiência, ela mandara um currículo. Colly também não podia entender... agora. Mas o fato de ele a chamar de Columbine a irritava também. Tanto que estava prestes a superar a vergonha e dizer-lhe que não era herdeira do pai.

— Porém seu pai lhe deixou alguma coisa, certo? Deixou-a provida — ele não hesitou em perguntar.

Colly não queria responder, mas supôs que tinha de responder a pergunta.

— Não — respondeu brevemente.

— Eu pensei que ele tivesse dinheiro.

— Você pensou corretamente.

— Mas ele não lhe deixou... nada?

— Nada.

— A casa?

— Preciso encontrar um outro lugar para morar.

Havia uma expressão astuta naqueles olhos azuis escuros quando ele a fitou.

— Presumivelmente, a nova Sra. Gillingham fez um bom trabalho — afirmou ele e Colly soube que, enquanto seu pai havia sido cego para as traições de Nanette, Silas Livingstone, em poucos minutos de conversa com ela no crematório, tinha entendido tudo.

Mas Colly estava embarçada de novo, e preparada para sair dali. Ele deveria achá-la uma tola por ter se candidatado ao cargo em primeiro lugar. Tudo que podia fazer agora era tentar sair de lá com a dignidade intacta.

Ela ergueu o queixo de modo orgulhoso.

— Obrigada por me atender, Sr. Livingstone. Candidatei-me ao emprego porque preciso trabalhar e não por um capricho...

— Sua pensão acabou — ele a interrompeu, como se tivesse certeza disso. — Você precisa se sustentar?

— Preciso de um emprego que pague excepcionalmente bem, se vou morar sozinha e ser independente. Mas...

— Você está procurando um lugar para alugar?

— Esta é uma de minhas prioridades — confirmou ela. — Isso e ser independente. Pretendo construir uma carreira e...

Colly parou quando percebeu que Silas Livingstone a estava estudando de novo. Havia uma expressão vigilante nos olhos dele, como se tivesse acabado de ter uma idéia.

Mas mesmo enquanto desprezava tal noção, não podia negar que ele parecia interessado no que ela estava dizendo.

— E quanto a amigos do sexo masculino? — perguntou ele. — Você obviamente tem amigos homens. Onde eles entram em sua intenção de construir carreira para ser independente?

Colly pensara que a entrevista havia terminado e não tinha idéia para onde estava indo agora. Mas, uma vez que falara mais do que pretendia para aquele homem, não fazia sentido recuar agora.

— Meu pai achou melhor deixar tudo para sua nova esposa, e tinha o direito de fazer isso. Porém, foi um choque para mim, e por isso determinei-me a nunca mais ser dependente de ninguém. — Ela começou a se levantar, mas Silas tinha uma outra questão.

— Você tem algum amigo homem em particular?

— No momento não estou interessada em homens e nem mesmo em namorar — replicou ela. — Eu...

— Você não está noiva?

— Casamento é a última coisa na minha mente.

— Você não está pensando em se acomodar ou em viver com um homem?

— Casamento, homens ou morar com um deles não estão nos meus planos — respondeu ela. — Quero construir uma carreira, ser independente. — Colly nunca tinha sido entrevistada para um emprego antes, portanto supôs que tais questões pessoais faziam parte de uma entrevista desse tipo, mas para ela, a entrevista estava terminada. — Perdoe-me por ter ocupado tanto do seu tempo — começou antes de partir. — Quando me candidatei, pensei que eu seria capaz de fazer o trabalho. Nunca foi minha intenção desperdiçar o tempo do Sr.

Blake, ou o seu. Mas, uma vez que certamente não conseguiu o emprego, não gastarei mais do seu tempo.

Ela se levantou da cadeira, mas estranhamente, Silas Livingstone gesticulou para que se sentasse de novo. Surpresa e sem compreender a razão, Colly obedeceu.

— Lamento que você não possua experiência necessária para trabalhar com Vernon Blake — disse Silas Livingstone. Então acrescentou rapidamente: — Mas talvez uma outra coisa a interesse.

Colly sentiu um fio de esperança. Embora fosse quase certo que este outro emprego

não pagaria tão bem quanto o que tinham anunciado, havia uma esperança de que pudesse encontrar um emprego que a faria melhorar de vida. Afinal, uma companhia do porte da Livingstone Desenvolvidos devia empregar centenas de pessoas. Por que não pensara nisso antes? Devia haver algumas outras vagas que pudesse ocupar!

— Estou interessada em qualquer coisa — disse ela, tentando não parecer muito ansiosa, mas arruinando tudo quando acrescentou: — Absolutamente qualquer coisa.

Silenciosamente, ele a estudou pelo que pareceu séculos. Finalmente respondeu:

— Ótimo.

— Que tipo de trabalho é? Tenho um bom conhecimento de computadores. Ou talvez o trabalho tenha a ver com tradução. Eu...

— É um cargo recentemente criado — interrompeu ele. — Ainda não pensei em todos os detalhes. — Mais uma vez, ele pareceu estudá-la com grande intensidade. — Talvez você esteja livre para almoçar comigo... vamos dizer, na quinta-feira?

— Almoçar? — repetiu ela. Aquele era o modo que entrevistavam?

Ele não respondeu, mas abriu uma gaveta e retirou o que parecia ser uma agenda e começou a folheá-la. Mas, mesmo enquanto ela pensava em almoçar com aquele homem para que ele lhe desse mais detalhes da nova vaga, Silas estava meneando a cabeça.

— Pelo que parece, almoço está fora de questão pelas próximas semanas. — Aquilo foi um alívio. Embora o homem tivesse uma aparência magnífica, Colly sentia-se estranhamente relutante em almoçar com ele. Seu alívio, contudo, não durou muito, porque, largando a agenda, Silas Livingstone a encarou e anunciou: — Terá de ser um jantar. Você está livre na sexta?

Colly não tinha certeza se o queixo caíra. Fechou a boca e o fitou. Apesar de não ter muita experiência com homens, sabia que aquela era uma nova aproximação. Podia também não ter muita experiência com entrevistas de emprego, mas não era preciso ser um gênio para entender que aquilo não fazia parte das normas.

— Perdoe-me, Sr. Livingstone — replicou ela, tentando arduamente manter o tom neutro. — Mas acredito que já lhe falei que meu único interesse é encontrar um emprego que pague bem. — E, caso ele tivesse se esquecido, acrescentou: — Homens e encontros amorosos não estão nos meus planos no momento.

— Eu ouvi você e acho que este é um excelente começo — disse ele. — Porém, minha única intenção ao convidá-la para jantar, é para que possamos discutir, em detalhes informais, essa vaga recentemente aberta.

Colly o olhou com cautela. Dois anos atrás, não desconfiaria de nada. Contudo, dois anos vivendo sob o mesmo teto que Nanette a ensinara a não confiar demais nas pessoas.

— Isso são negócios? — perguntou ela.

— Estritamente negócios — respondeu ele, completamente sério.

Colly o estudou. E, de alguma maneira, sentiu que podia confiar nele. Podia acreditar que aquela não era uma simples maneira de conseguir um encontro amoroso. E, olhando para ele, sofisticado e viril, de repente achou improvável que aquele homem, que provavelmente tinha centenas de mulheres a seus pés, precisaria usar algum tipo de artimanha para conseguir sair com uma mulher, de qualquer forma. Na verdade, Colly começou a enrubescer por ter pensado que ele poderia estar interessado nela para algo além de negócios.

— Sexta-feira, você disse? — perguntou ela, finalmente.

— Se você estiver livre.

— Você não pode me falar mais um pouco sobre este emprego agora?

— A... situação é recente, como mencionei. Preciso fazer uma pesquisa e estudar os detalhes.

— Sua pesquisa estará pronta na sexta?

— Oh, sim — disse ele com segurança.

— Levando em conta minha falta de experiência, acha que eu seria capaz de fazer o trabalho?

— Acredito que sim. — Os olhos azuis estavam fixos em Colly.

Ela se levantou. Sentia-se confusa e esperou que não demonstrasse.

— Onde devemos nos encontrar?

Silas Livingstone se levantou também. Alto, lindo e sério, falou:

— Eu a apanho às oito horas.

Colly abriu a boca para dizer-lhe o endereço. Então voltou a fechá-la. Estava em seu currículo e obviamente o fato não passara despercebido a ele. Na verdade, ela tinha a impressão de que nada passava despercebido para aquele homem que obviamente ia pesquisar sobre o emprego recentemente criado antes de oferecer-lhe.

Capítulo II

Sua primeira entrevista com Silas Livingstone tinha sido na terça-feira. Na quinta da mesma semana, a cabeça de Colly estava girando pelo esforço de tentar imaginar que tipo de trabalho poderia ser mais bem discutido durante um jantar informal.

Ainda se questionava silenciosamente por que, sem ter experiência como secretária, tinha se candidatado para o emprego de secretária sênior. O desespero de conseguir alugar um lugar para morar sozinha a levava a isso, concluiu.

E o fato de que teria de encontrar um local para morar, e rapidamente, tinha sido endossado na noite anterior, quando Nanette havia entretido alguns amigos rudes. Era direito dela, claro, mas as risadas exageradas que vinham da sala de estar feriram a sensibilidade de Colly. Não fazia nem um mês que seu pai falecera.

Sua viúva obviamente tinha decidido ficar alegre logo. Além disso, Colly via poucos sinais de sofrimento na mulher. E tudo que queria, pensou, era encontrar um lugar para si mesma e começar a se tornar independente. Sabia agora que, qualquer que fosse o emprego criado por Silas Livingstone, ela o aceitaria.

Embora a tal vaga talvez não pagasse tão bem quanto o emprego de secretária sênior, Silas estava bem ciente das circunstâncias dela, portanto, certamente não estaria lhe oferecendo uma nova vaga a menos que o salário não fosse suficiente para pagar um aluguel.

No fim da tarde de sexta-feira, Colly tinha racionalizado que, porque suas habilidades envolviam manter bem uma casa, um pequeno conhecimento de arte e de línguas estrangeiras, aquela nova vaga devia envolver o uso de línguas de alguma maneira, a qual, infelizmente, não era de secretária. Mas, novamente, por que um jantar? Era quase como se o emprego não estivesse dentro do escritório. Como se não tivesse nada a ver com a vida do escritório, e esta era a razão pela qual ele a entrevistaria de modo informal em um restaurante.

Estava fantasiando demais. Colly subiu para tomar um banho e se vestir, aprontar-se para Silas Livingstone. Por se tratar de um jantar de negócios, optou por uma saia preta de lã na altura dos tornozelos e uma blusa de seda branca. Adicionou um cinto de camurça que enfatizava sua cintura fina. Penteou os longos cabelos castanhos com

mechas avermelhadas num elegante coque, e quando se olhou no espelho, ficou satisfeita com sua aparência geral. Foi somente então que aceitou que tinha grande esperança naquela entrevista. Esperava muito que não voltasse para casa desapontada. Naquela mesma tarde, Nanette havia perguntado quando ela iria partir.

Foi pura falta de sorte quando, às 7h50, com um casaco preto de lã no braço, Colly desceu para esperar e encontrou Nanette no hall.

— Aonde você vai? — perguntou Nanette, olhando-a de cima a baixo.

— Vou sair para jantar.

— E quanto ao *meu* jantar? — indagou a mulher mais velha.

Colly teve vontade de dizer que era a governanta do pai, não dela, mas refreou-se.

— Pensei que você também fosse sair — respondeu, a atmosfera da casa totalmente hostil.

— Um... amigo irá se juntar a mim mais tarde — disse Nanette com um brilho estranho nos olhos. — E não nos perturbe quando você chegar.

Colly foi esperar na copa. Era uma noite escura de janeiro, e avistaria os faróis do carro quando Silas Livingstone chegasse. *Não espere por muito*, disse a si mesma, tentando se acalmar. Havia todas as chances de não conseguir o emprego, o qual significaria sua independência e um novo estilo de vida.

Alguns minutos depois, faróis de um carro iluminaram a casa. Colly pegou seu casaco e, esperando que fosse Silas Livingstone e não o "amigo" de Nanette, saiu da copa e foi encontrá-lo.

Era seu possível futuro empregador. Ele saiu de trás do volante e deu a volta para abrir-lhe a porta de passageiro.

— Olá, Colly — cumprimentou alegremente.

Bem, aquilo soava amigável o bastante. Ela preferia Colly a Columbine.

— Olá — murmurou ela. Logo estavam acomodados e o veículo já em movimento. — Você encontrou a casa facilmente? — perguntou de modo educado. Era uma bela casa, num bairro muito conceituado.

— Sem problemas — respondeu ele, enquanto se dirigia para o restaurante que tinha escolhido, o qual era localizado em um hotel.

Ele esperou no *foyer* enquanto ela guardava o casaco na recepção. Após respirar fundo para se acalmar, Colly aproximou-se, oferecendo-lhe um sorriso. Ele sorriu de volta, os olhos revelando que gostava da aparência dela. Colly já havia saído com outros homens antes, mas nunca com alguém tão bonito e sofisticado.

Mas aquele não era um encontro, lembrou a si mesma enquanto ele a escoltava para a área do saguão.

— Espero que você tenha superado seu desapontamento da última terça-feira. — Ele esperou que ela se sentasse.

— Enrubesco toda vez que penso na coragem que tive para me candidatar — replicou ela, enquanto ele se acomodava à sua frente.

Silas parecia aprovar sua honestidade. Mas quando Colly pensou que ele começaria a entrevistá-la para a vaga recentemente criada, ele não o fez, mas meramente comentou:

— Você está passando por um momento de desespero. — E perguntou: — O que gostaria de beber?

Ele continuou a ser uma companhia cortês e prazerosa.

— Sr. Livingstone — começou ela a certo ponto.

— Silas — corrigiu ele, e continuou a conversa educada enquanto se transferiam para o salão de jantar.

Ele pediu-lhe a opinião sobre diversos assuntos durante o prato de entrada, e, na verdade, era tudo que ela podia esperar em um companheiro de jantar platônico. Tanto que estavam no meio do prato principal antes de Colly lembrar que não estavam lá como amigos, mas como futuros empregador e empregado.

— Este emprego — começou ela durante uma pausa na conversa, percebendo o quanto se sentia à vontade com ele. Se aquele fosse o objetivo de Silas, não poderia ter se saído melhor.

— Chegaremos no assunto na hora certa — comentou ele. — O bife está de seu gosto?

Eles estavam de volta no saguão tomando café, antes que Colly encontrasse uma outra chance de introduzir o assunto do trabalho sem parecer rude.

— Apreciei muito esta noite, mas...

— Mas agora, naturalmente, você quer saber mais sobre a vaga. — Ele a favoreceu com um olhar prazeroso e explicou: — Eu queria conhecê-la um pouco melhor, antes de embarcarmos numa... discussão de negócios.

— E... você acha que me conheceu?

— O suficiente, acredito — disse ele sorrindo. — Eu também queria privacidade para expor o que tenho em mente.

Os adoráveis olhos verdes de Colly se arregalaram.

— Você está... hum... fazendo isso parecer pessoal demais.

Ele considerou a resposta, mas não negou, como Colly esperava.

— Suponho que, de certa forma, poderia ser considerado pessoal.

— Devo me levantar e partir agora? — questionou ela friamente.

— Eu preferiria que você me ouvisse primeiro. — Os olhos escuros de Silas se fixaram nos olhos apreensivos de Colly. — Você está segura aqui — acrescentou ele, olhando ao redor do saguão, agora deserto. — E temos toda a privacidade que precisamos para discutir sobre a vaga.

Então era por isso que ele não tinha entrado em detalhes durante o jantar! Algumas outras pessoas poderiam ter escutado a conversa.

— Certo, estou ouvindo. — Colly relaxou novamente, porque se a conversa não saísse como queria, podia recusar a oferta dele de levá-la para casa e pedir que alguém na recepção lhe chamasse um táxi.

Escutar que Colly estava pronta para ouvir os detalhes do emprego era tudo que Silas Livingstone esperava. Todavia, em vez de detalhar o emprego, disse primeiro:

— Conheci um pouco sobre você esta noite, Colly. O suficiente para saber que quero oferecer-lhe esta... posição.

O coração dela ficou mais leve. Oh, graças a Deus! Ia conseguir! Silas Livingstone devia acreditar que ela era capaz de fazer o trabalho, ou não estaria disposto a oferecer-lhe.

— Oh, isso é maravilhoso. — Ela sorriu, o alívio evidente na expressão. Em breve, poderia ser auto-suficiente, ter seu próprio dinheiro e ser capaz de alugar um apartamento, e não precisaria mais viver sob o mesmo teto que Nanette.

Silas fitou-lhe os olhos verdes.

— Você ainda não sabe qual é o emprego — avisou-a.

— Não me importo com qual seja — murmurou ela, encantada. — Contanto que seja honesto e pague bem. Você não me ofereceria se...

— As coisas estão tão ruins para você?

Colly respirou fundo para negar. Então, quando pensou no estado de suas finanças

atuais e na óbvia pressa de Nanette em vê-la pelas costas, percebeu que não podia ser muito pior do que aquilo.

— Que tipo de trabalho eu terei de fazer? — questionou, em vez de responder a pergunta.

Silas a estudou por um momento, antes de perguntar:

— Diga-me, Colly, se não fosse tão essencial encontrar um lugar para morar e um emprego com um salário suficiente para pagar um bom aluguel, qual seria o cenário ideal para você?

Mais uma vez, Colly desejou que soubesse mais sobre as técnicas comuns de entrevista. Embora, fitando os olhos azuis escuros de Silas Livingstone, teve a impressão de que ele nem sempre seguia o caminho do que era comum.

Ela desviou os olhos.

— Quero ser independente — respondeu. — Pensei, alguns anos atrás, que eu gostaria de morar sozinha...

— Mas seu pai quis que você ficasse como governanta da casa?

— Nanette, a mulher com a qual ele se casou, preferiu que eu ficasse.

— E agora que ela herdou a casa e tudo mais, quer que você vá embora — concluiu ele.

Não era uma pergunta e sim uma afirmação. E uma que Colly não podia negar.

— Portanto, isso faz com que minha prioridade seja encontrar um lugar para morar e, é claro, um emprego também. — Ela deu de ombros, sentindo-se mais do que um pouco embaraçada, mas, sem precisar pensar, continuou respondendo honestamente sobre seu cenário ideal: — Por escolha, eu preferiria fazer algum tipo de treinamento. Talvez um ano de curso enquanto pensasse em possibilidades de carreiras, ou até mesmo ir para universidade. — Ela se sentiu envergonhada de novo quando olhou para Silas e confessou: — Eu provavelmente não deveria estar lhe falando isso, mas, aparte meu interesse em arte, embora eu não possua um talento específico, não tenho idéia no que sou especialmente boa.

Silas sorriu então. Ele não fazia isso com muita frequência, mas quando o fez, Colly momentaneamente esqueceu-se do que estavam falando.

— Gosto do seu jeito — disse ele. — Você tem integridade, e cheguei a conclusão de que posso confiar em você.

Colly sentiu-se enrubescer. Era disso que tinha se tratado a conversa não profissional durante o jantar? Silas fazendo perguntas, observando-lhe o comportamento geral para decidir que tipo de pessoa ela era? Nossa, o homem era inteligente. Tão inteligente que ela não desconfiara de nada.

— Oh, sim. Você deve ter... confiado em mim para oferecer-me o emprego. — Ela se recompôs. E decidiu que já era mais que hora de saber detalhes sobre a tal vaga. — Posso saber o que o trabalho envolve exatamente? Quais serão minhas tarefas?

Então descobriu que somente saberia disso quando Silas estivesse pronto, porque ele ainda não acabara de questioná-la.

— Antes, conte-me o que você sabe sobre a firma Livingstone Desenvolvimentos.

Percebendo que a entrevista realmente continuava, ela replicou:

— Isso é fácil. Quando eu soube que tinha uma entrevista na última terça-feira, tentei descobrir tudo que pude sobre a companhia. Eu nunca passei por uma entrevista antes, portanto, não tinha idéia para que tipo de questões eu saberia a resposta — explicou ela.

Ele assentiu e quis saber:

— O que você descobriu?

— Eu descobri que Livingstone Desenvolvimentos, que não era chamada assim na época, foi fundada anos e anos atrás por um Silas Livingstone.

— Sessenta anos atrás pelo meu avô — completou Silas.

— Era apenas uma pequena firma na época, lidando com equipamentos industriais, acho. — Ela esperou que Silas a interrompesse. Ele não o fez, então ela prosseguiu: -A firma se expandiu quando o filho de seu avô assumiu.

— A firma deu um salto progressivo quando meu pai assumiu — confirmou Silas. — Sob a liderança dele, a firma passou a ser uma grande companhia internacional de consultoria e engenharia.

— E quando, cinco anos atrás, Borden Livingstone saiu e você foi eleito presidente, lutou para conseguir o design e manufatura de produtos de engenharia mais avançados.

— *Você fez sua lição de casa* — comentou Silas quando ela não tinha mais nada a acrescentar. Então, dando-lhe um olhar direto: — Tudo isso talvez a faça ver a quantidade de trabalho árduo que foi feito nos últimos sessenta anos para tornar Livingstone Desenvolvimentos na companhia próspera e respeitada que é hoje. -s olhos dele ainda estavam fixos em Colly quando adicionou: — E que desperdício colossal de todos esses anos de trabalho árduo seria se eu não puder dar um jeito de impedir que a companhia afunde.

Perplexa, Colly o encarou.

— Livingstone Desenvolvimentos está com problemas? — indagou ela, esquecendo-se dos próprios problemas. Afinal, a companhia empregava milhares de pessoas!

Mas Silas estava meneando a cabeça.

Não — negou ele. — Estamos prosperando. A firma estava prosperando, entretanto, sessenta anos de esforço poderia ser desperdiçado? Não fazia sentido. Deveria haver alguma grande condição para aquilo.

Mas? — perguntou ela. Silas deu-lhe um olhar de aprovação por ela estar acompanhando-o.

Um grande "mas" — concordou ele. — Tive uma reunião com meu pai na segunda-feira. Meu pai, devo dizer, é o homem mais calmo que conheço. Eu nunca o vi em pânico. Mas não posso negar que na segunda ele estava extremamente agitado sobre alguma coisa.

— Sinto muito por isso — disse ela, educadamente. Então descobriu que gostaria de saber mais, porém achou que não seria educado perguntar.

— Não mais do que senti quando descobri porque ele estava preocupado — comentou Silas.

A curiosidade de Colly aumentou, para não dizer sua inteligência. Subitamente se deu conta de que Silas não a teria levado lá e estaria lhe contando aquelas coisas se não tivesse algum propósito por trás.

— Não quero bisbilhotar, mas...

E não precisou continuar bisbilhotando quando Silas a interrompeu, informando-a:

— Tudo isso foi um pouco chocante para mim, mas tive tempo, desde segunda-feira, para me ajustar. Quando a vi na terça-feira, comecei a reconhecer o que precisava ser feito, e entendi que depende de mim não deixar a companhia afundar.

— Estou tentando acompanhar — disse ela, confusa.

— O que estou lhe dizendo é estritamente confidencial.

— É claro — concordou Colly.

— Eu também estou lhe contando de uma maneira muito ruim. Talvez seja melhor eu voltar para o princípio — decidiu ele.

— Pode ser uma boa idéia. — Se as entrevistas de emprego se desenrolavam daquela maneira, ela tinha de admitir que estava intrigada.

— Para começar, meu avô teve um casamento simplesmente maravilhoso.

— Sim. — Colly falou devagar, sem ter idéia da direção que a conversa estava tomando.

— Infelizmente, minha avó faleceu seis meses atrás.

— Oh, lamento — murmurou ela.

— Como você pode imaginar, meu avô ficou devastado. Mas parece estar lidando com o sofrimento. Naturalmente, todos nós estamos tentando ajudá-lo neste momento tão difícil. Meus pais e minha tia Daphne, a filha do meu avô, particularmente. Na verdade, meus pais passaram o último fim de semana com ele em Dorset. — Silas fez uma pausa. — Motivo pelo qual meu pai me ligou assim que chegou em casa no domingo. Eu não estava. Ele deixou um recado, dizendo que precisávamos nos encontrar com certa urgência. E devo dizer que meu pai não costuma dizer esse tipo de coisa, a menos que algo muito importante esteja acontecendo.

Colly estava cada vez mais confusa.

— A Livingstone Desenvolvimento estava correndo algum tipo de risco?

— Isso mesmo — Silas aprovou. — Meu pai não é do tipo que entra em pânico, como mencionei, mas sabia que alguma coisa séria estava acontecendo quando meu avô quis falar-lhe em particular no escritório. Meu pai saiu do escritório tremendo inteiro, ainda tentando absorver o que meu avô tinha dito.

Colly estava tentando desesperadamente entender o que aquilo tinha a ver com ela e com a nova vaga que Silas criara.

— Seu avô precisa de uma governanta? — arriscou um palpite infeliz. Seria um emprego com acomodação, mas ela queria ser governanta de um senhor de idade?

— Eleja possui uma governanta — Silas a informou. Colly ficou perdida de novo.

— Desculpe-me. Ficarei calada até que termine. Você ainda não terminou?

— Estou chegando lá. A coisa é que, uma vez que meus pais e tia não podem estar com meu avô o tempo todo, ele passa muitas horas revivendo o passado. E, com a perda tão recente de minha avó, longas horas pensando nela e nos anos felizes de casamento que tiveram. — Silas suspirou. — O que nos leva ao domingo quando, em seu escritório, meu avô informou ao meu pai que pretende alterar o testamento. Em vez de meu primo Kit e eu herdarmos a considerável quantidade de ações da firma, as quais compartilhamos, como eu sempre soube que aconteceria, ele pretende deixar o lote todo para Kit, se eu não mudar de idéia rápido e me casar.

Colly piscou. E não sabia o que perguntar primeiro.

— Você é casado?

— Eu nunca fui.

— Mas, seu primo Kit é casado?

— Está casado há dez anos.

— Você não está noivo ou vivendo com alguém? — questionou ela mais ou menos do mesmo jeito que ele a questionara na terça-feira.

Ele meneou a cabeça.

— Não.

— E você não quer se casar?

— Definitivamente não. E, muito embora eu goste de meu avô, fico ressentido com ele. Apenas porque tem um sublime respeito pela instituição do casamento, quer me forçar a encontrar uma esposa.

— Mas se você não quer ser deserdado, apaixone-se — Colly disse a primeira coisa que lhe veio à mente.

— Isso não vai acontecer.

— Seu pai acha que ele vai mudar de idéia?

— É pouco provável. Meu pai teme pelo que *vai* acontecer. Que tudo pelo que ele e eu trabalhamos durante todos esses anos, será nada se Kit passar a controlar a firma. O que, nestas circunstâncias, definitivamente acontecerá.

— Ele... não tem capacidade para o trabalho?

— Não me entenda errado. Kit e eu nos demos muito bem durante o tempo em que crescíamos. E gosto dele, apesar de seus defeitos. Mas, além de não possuir poder no que se relaciona ao trabalho, é facilmente influenciado pelos outros. Embora já tenha se desfeito de algumas das ações que a mãe lhe deu, Kit, como eu, tem ações suficientes para garantir-lhe um lugar na presidência da empresa. Mas, enquanto temos um dever para com nossos acionistas, também temos um dever para com nossa força de trabalho. E sinto que Kit não entende isso. É uma certeza que o navio vai afundar se ele tiver de dirigir a companhia.

Colly não entendia muito de negócios, mas se Silas Livingstone estava dizendo, acreditava nele.

— Então, ou você se casa e herda um número suficiente de ações para impedir que seu primo assuma o controle, ou terá de ficar parado, assistindo-o arruinar tudo que três gerações da Livingstone construíram?

— Exatamente — concordou Silas. — E embora eu deseje que Deus mantenha meu avô vivo por muitos anos ainda, tenho de encarar a realidade de que ele está com 84 anos.

Nessas alturas, Colly esquecera completamente que apenas tinha jantado com Silas Livingstone para ouvir sobre o emprego que ele estava oferecendo. Recordou-se o quanto ficara magoada no momento que soubera do testamento de seu pai. Pela aparência das coisas, as ações que Silas Livingstone sempre acreditara serem metade suas, iriam parar em outras mãos.

Pensando sobre tudo que tinha acabado de ouvir, todavia, só podia ver uma solução para Silas, se ele quisesse realmente salvar a companhia.

— Lamento, Silas, mas parece-me que, a menos que você esteja preparado para deixar a companhia falir, terá de superar sua aversão ao casamento e encontrar uma esposa.

Por infinitos momentos, Silas não disse uma palavra. Então, respirando fundo, falou:

— Esta foi a única conclusão que pude chegar, também. — E então, olhando-a fixamente, acrescentou: — É aí que você entra.

Colly o encarou, perplexa. -Eu?

— Você — concordou ele.

O cérebro dela não estava-entendendo.

— Não — disse ela sem pensar. Então, quando se deu conta, desculpou-se: — Sinto muito. Por um momento totalmente absurdo, tive a estranha impressão de que você estava me pedindo em casamento.

Colly riu envergonhada, sentindo-se uma completa tola. Estava prestes a repetir seu pedido de desculpas, mas ousou olhá-lo antes, certa de que Silas devia estar rindo. Então viu que não havia nada de divertido na expressão dele.

Colly engoliu em seco e perguntou com voz trêmula:

— Você não estava fazendo isso, estava?

— Não posso negar — respondeu ele, olhando-a com seriedade.

Aquilo significava que Silas estava sugerindo que se casaria com ela? *Não, não seja ridícula*, disse a si mesma, e tentou se recompor. Qualquer que fosse a sugestão, decidiu que era hora de expressar seus próprios sentimentos.

— Eu não quero um marido — declarou sem rodeios.

— Ótimo — foi a resposta dele, reforçando a sensação de Colly de que tinha feito papel de tola. — Eu não quero uma esposa. — Ela perguntou-se se deveria se levantar e partir, mas Silas voltou a falar: — Tanto você quanto eu temos um problema, concorda?

Sei qual é o seu problema.

E o seu problema é que você precisa de um lugar para morar e de dinheiro para financiar seus estudos ou cursos profissionalizantes.

Espero que você não esteja pensando em me dar o dinheiro — murmurou ela, orgulhosa, e viu um pequeno sorriso cruzar as feições dele. — Eu trabalharei para conseguir dinheiro...

Encare isso como um trabalho — ele a interrompeu calmamente.

Este é o emprego que você está me oferecendo? -Aquilo não estava acontecendo. Ela devia ter entendido alguma coisa errada.

Silas respirou profundamente, como se a considerasse uma pessoa extremamente difícil. Colly não se importava. A idéia toda era absurda, isto é, se compreendem bem.

— Tente ver isso logicamente — Silas falou após alguns momentos.

Colly o encarou e foi sua vez de respirar fundo. Supunha que sua reação *tivesse* sido mais instintiva do que lógica.

— Então? — perguntou ela, o mais calmamente possível.

— Na minha linha de negócios, tenho de trabalhar, não para o presente, mas para o futuro. Usar técnicas de planejamento futuro o tempo todo.

— Como se casar com alguém antes que seu avô deixe o testamento?

— O que espero não será por anos ainda. Mas, sim. Se qualquer outra pessoa além de meu pai tivesse me dito que o velho teimoso pretendia fazer isso, eu não teria acreditado.

— Mas seu pai não entra em pânico desnecessariamente?

Silas assentiu.

— Fazia vinte e quatro horas que eu tinha descoberto sobre a decisão de meu avô, quando a filha de um homem muito respeitável no mundo da engenharia entrou em meu escritório, dizendo que fora deserdada...

— E isso pôs uma luz na sua cabeça?

— Exatamente. Você então continuou dizendo o quanto precisava de um emprego que pagasse bem, e como teria de encontrar um lugar para morar, e eu subitamente tive a idéia de um plano futuro.

— Você... humm — ela não podia dizer aquilo. Não queria fazer papel de boba novamente. Porém, não pôde evitar lembrar-se de como ele a questionara sobre amigos homens, se era noiva e coisas do tipo.

— Eu tive uma idéia — murmurou ele. — Uma idéia que tenho estudado de todos os ângulos desde terça-feira.

— E qual é essa idéia? — questionou ela, e esperou, mal respirando, para saber se ele poderia estar sugerindo o que ela pensava, ou se tinha entendido tudo errado.

— A idéia é — ele a olhou fixamente, a expressão séria — casar-me com você.

Um pequeno gemido de choque escapou da garganta de Colly.

— Obrigada pelo jantar — disse ela e levantou-se.

Silas era, ela descobriu, um homem que não desistia facilmente. Ele havia decidido

cinicamente, sem emoção, que se casaria, e caso encerrado.

Mas ele também se levantou.

— Ouça-me, Colly. Nenhum de nós dois quer se casar, então isso está a nosso favor.

— Como você chegou a tal conclusão?

— Nenhum de nós está emocionalmente envolvido, li não é como se tivéssemos de viver juntos.

Ele pôs um braço sob o cotovelo de Colly, conduziu-a para fora do saguão, esperou que ela pegasse o casaco, e depois a levou até o carro. Mas em vez de dirigir, virou-se para ela e declarou:

Você também tem um problema, Colly.

Ela o olhou de lado.

— Estou ciente disso — respondeu brevemente.

— E posso solucionar seus problemas — disse ele. E antes que ela o interrompesse, acrescentou: — Meu avô possui um pequeno apartamento aqui em Londres, onde ele e minha avó ficavam quando vinham para a cidade.

Ele não o usa desde a morte dela, e afirma que nunca mais irá usá-lo. Mas, por causa das memórias de tempos felizes passados lá, não quer vendê-lo. Ele me pediu para cuidar do apartamento, e passo a noite lá ocasionalmente. Mas você estaria me fazendo um favor se cuidasse dele. O lugar precisa ser habitado.

— Santo Deus! Você está me oferecendo uma locação? — exclamou ela sabendo que nunca seria capaz de pagar o aluguel.

— O que estou oferecendo, em retorno de você me dar meia hora de seu tempo para ficar diante de um juiz e responder apropriadamente as perguntas, é um lugar para morar. Acho que você ficará confortável lá. Além disso, vou investir em qualquer curso que você queira fazer, seja um curso profissionalizante ou uma universidade.

Aquilo era algo de fazer cair o queixo! Tinha saído com Silas para uma entrevista de emprego e nunca esperara nada parecido! Precisava recapitular.

— Se eu me casar com você, estará preparado para...

— No dia que você se casar comigo, mandarei depositar dez mil libras na sua conta bancária, com depósitos subseqüentes e quando requeridos.

— Não! — disse ela sem hesitar, e virou-se para olhar à frente.

— Pense sobre isso, Colly.

— Eu gostaria de ir para casa — murmurou ela. Estava consciente do olhar observador dele, mas ficou aliviada quando, após alguns segundos, Silas olhou para frente e ligou o carro.

Nenhum dos dois falou durante o trajeto de volta. O que ele estava pensando, Colly não tinha idéia, mas sua cabeça estava positivamente girando. "Pense sobre isso", ele tinha dito. Como poderia não pensar?

Quando estava desesperada por um lugar para morar c ele lhe oferecia acomodação grátis! Quando, com 23 anos, precisava descobrir uma profissão, e ele estava oferecendo financiar-lhe cursos ou uma universidade.

Ela deveria aceitar a oferta. Mas, casar-se com Silas? Colly sabia que isso era algo que simplesmente não podia fazer.

Silas ficou em silêncio durante todo o trajeto, como se tivesse decidido dar-lhe o espaço que ela necessitava para se acostumar com a idéia. Porque assim que parou na frente da casa dela, virou-se para encará-la.

— O que você decidiu? — indagou.

— Eu pensei que tivesse lhe dado minha resposta.

— Aquela foi instintiva, uma reação momentânea -disse ele. — Case-se comigo.

— Eu... eu nem mesmo o conheço — protestou ela.

— Você não precisa me conhecer. Apenas meia hora... Nunca mais precisamos nos ver.

— Não — repetiu Colly. -Não posso, sinto muito. Sei o quanto isso é importante para você, mas...

Você precisa pensar — interrompeu ele abruptamente, fazendo-a olhá-lo. — Tive desde terça-feira para me ajustar à noção. Quatro dias para pesar tudo, para pensar e repensar, para me acostumar com a idéia antes de tomar a decisão que tomei. Em reflexo, talvez eu não esteja sendo justo, jogando isso sobre você e espetando que devolva a resposta que eu quero.

Ela estava prestes a reiterar que sua resposta era não. Li que se tivesse pensado na idéia por quatro dias, não faria diferença, sua resposta continuaria sendo não. Que simplesmente não precisava pensar naquilo, ou se acostumar com a idéia. Mas Silas não estava mais a seu lado. Estava fora do carro e chegara à porta de passageiro.

Colly desceu do veículo e ficou parada por um momento na entrada da porta da frente. Olhou para baixo, onde as luzes da rua faziam brilhar as mexas avermelhadas de seus cabelos.

— Pense sobre isso — disse ele. — Pense melhor e eu lhe telefonarei na terça à noite.

Colly olhou para cima. A expressão de Silas não lhe dizia nada. Ela abriu a boca para negar e dizer que não precisava pensar, mas então percebeu que ele não estava a fim de aceitar um não.

— Boa noite — murmurou ela e entrou.

Sábado e domingo passaram com Colly ainda tentando acreditar que a conversa da sexta-feira à noite tinha mesmo acontecido e não era fruto de sua imaginação. Silas Livingstone realmente sugerira que eles se casassem? Realmente lhe pedira para pensar, dizendo que ligaria para obter uma resposta?

O que quer que fosse, a proposta absurda de Silas tinha conseguido uma coisa: a cabeça de Colly estava tão cheia que sobrava pouco espaço para se preocupar com as indiretas irritantes de Nanette toda vez que se encontravam.

Todavia, na segunda de manhã, Nanette estava extremamente cruel.

— Você ainda está aí? — perguntou quando desceu a escada.

— Estou fazendo planos — respondeu Colly, sem um plano na cabeça.

— É melhor você agir rápido, então. Se não estiver fora desta casa até o fim da semana, vou mandar trocar todas as fechaduras.

— Você não pode fazer isso! — protestou Colly.

— Quem irá me impedir? Joseph Gillingham deixou esta casa para mim. — E, de modo triunfante, acrescentou: — É minha!

Não pela primeira vez, Colly desejou que o advogado e amigo de seu pai, Henry Warren, estivesse lá para aconselhá-la. Certamente não podia ser expulsa dessa forma da casa que vivera vinte e três anos. Mas tio Henry ainda estava de férias no exterior, e procurar ajuda de algum outro advogado, requeria dinheiro. E dinheiro era o que ela menos tinha no momento.

Mais tarde naquele dia, Colly saiu para procurar um apartamento para alugar. Os preços estavam exorbitantes! Não podia pagar um mês adiantado no pior lugar na cidade.

A proposta de Silas Livingstone para que ela se casasse com ele apenas no papel, começou a balançá-la. Colly tencionou. Não podia fazer isso. Casar-se com de? Aceitar o dinheiro de Silas? Não, isso estava fora de questão.

Retornou ao carro, mas não tinha vontade de voltar para casa. Não era mais seu lar. Pensou em quais outras opções tinha? Nenhuma. Repassou a cena com Nanette naquela manhã e não podia tirá-la da mente. Foi quando percebeu que se continuasse pensando naquilo, poderia enfraquecer completamente. Não podia se casar com Silas Livingstone.

Num impulso, pegou seu telefone celular. Diria-lhe agora. Não esperaria que ele ligasse no dia seguinte. Daria-lhe a resposta agora, enquanto ainda tinha forças para isso.

Contudo, supôs que não seria tão fácil alcançá-lo. Ele era um homem ocupado. Nem mesmo tivera tempo livre para almoçar com ela na semana anterior.

De qualquer forma, ligou e foi atendida pela amável Ellen Rothwell.

— Desculpe-me, mas Silas não está no momento. Ele deverá estar no escritório entre três e quatro horas da tarde.

— Muito obrigada. Eu... ligo mais tarde — replicou Colly e, incapaz de continuar imóvel, deixou o carro, desejando que tudo tivesse acabado.

Enquanto andava sem rumo, começou a culpá-lo. Era por culpa de Silas que ela se encontrava nesta situação. Se ele tivesse acreditado em sua palavra na sexta-feira, ela não estaria considerando os prós e contras de uma sugestão tão absurda.

Não que pensara profundamente sobre o lado dele das coisas, embora fosse óbvio que Silas devia estar desesperado para fazer tal proposta. O pai e o avô sofreriam se o primo ficasse no controle da companhia.

Silas conhecia o primo melhor do que ela, que nunca o vira. Mas certamente o tal Kit não era tão ruim assim. Se fosse, então o avô Livingstone realmente mudaria seu testamento a favor do Kit casado? Colly não podia entender isso.

Mas, subitamente, ficou chocada quando reconsiderou. Nunca lhe ocorrera que ficaria sem-teto quando seu pai morresse. Mas ele havia mudado *seu* testamento, não havia? E, enquanto ela poderia ter-lhe perdoado por não receber uma herança, ele a deixara sem um centavo.

Sentindo-se perturbada, Colly desejou que não tivesse começado a pensar na proposta de casamento pelo ângulo de Silas. Porque agora estava pensando em todos aqueles empregados que poderiam perder seu sustento de vida, nos acionistas que talvez tivessem investido na companhia próspera mais do que tinham condições... todos que sofreriam financeiramente, como Silas temia. Era tão triste quanto saber que ela ficaria sem um lar, e que, no final de semana, poderia jogar as chaves de casa fora e nunca mais ser capaz de entrar lá.

Por volta das duas e meia, enquanto parecia calma por fora, Colly tinha considerado tantas questões que não podia agüentar mais. Assim como não podia se casar com Silas. E quanto antes lhe comunicasse isso, melhor. Telefonaria de novo. Mas, oh, com certeza, ele estaria ocupado para atendê-la.

Foi quando notou que não estava longe do prédio onde ficava a Livingstone Desenvolvimento. Às cinco para as três, estava passando pelas portas de vidro.

Embora soubesse onde era o escritório de Silas, havia uma maneira de fazer essas coisas. E, de qualquer maneira, ele podia estar com alguém na sala, o que significava que ela não podia entrar lá sem ser anunciada.

Foi até a mesa da recepção. Eu sou Columbine Gillingham — disse para a recepcionista. — É possível falar com... Ellen Rothwell?

Colly começou a tremer de nervoso, e isso foi antes da recepcionista informá-la que a Sra. Rothwell a estava esperando.

— Você sabe o caminho?

Colly esperou que conseguisse se acalmar até chegar à sala de Ellen. Infelizmente,

isso não aconteceu. Continuava tremendo e rubra enquanto se recordava daqueles olhos azuis que haviam prendido os seus, quase como se pudessem penetrar sua alma.

Você está sendo tola, disse a si mesma antes de entrar na sala de Ellen Rothwell.

— Silas não retornou ainda, mas sente-se, pois ele não vai demorar — Ellen a informou de modo prazeroso.

Nervosa, Colly agradeceu e se sentou. Então pensou que Silas devia ter dito a sua secretária que, apesar de estar sempre ocupado, aceitaria receber os telefonemas de Colly e que, se ela aparecesse lá pessoalmente, ele a encaixaria em sua agenda de alguma maneira.

Então a porta externa se abriu e, enquanto o coração dela saltava no peito, voltou a diminuir o ritmo quando viu que não era o homem que fora visitar. Aquele homem tinha mais ou menos a mesma idade que Silas e a mesma altura. Mas as semelhanças acabavam aí. Ele tinha cabelos cor de areia e, onde Silas possuía uma boca bonita e bem delineada, a boca daquele homem era fina e inexpressiva.

— Ellen, minha garota querida, meu primo está aí? — ele quis saber, os olhos voltando-se para Colly e devorando-a.

— Ainda não — replicou Ellen, mas a atenção do homem estava em outro lugar quando sorriu amplamente para Colly.

— Você está aqui para ver Silas? — questionou ele e, antes que ela pudesse responder: — Kit Summers — apresentou-se e estendeu a mão direita.

Seria rude ignorá-lo. Colly apertou-lhe a mão e quis removê-la quando ele a segurou por mais tempo que o necessário.

— O que uma garota bonita como você está fazendo num lugar como esse? — Kit Summers perguntou, obviamente flertando.

Meu Deus!, pensou ela. Aquele homem poderia dirigir a companhia. Colly pegou Ellen rolando os olhos para o teto e conteve uma gargalhada.

Kit Summers pareceu não se importar por Colly não ler respondido e, ainda sorrindo, sugeriu:

— Olhe, Silas pode demorar horas. Por que eu não a levo para tomar uma xícara de chá?

Colly o olhou. Aquele homem era casado, entretanto, pelo que parecia, não perdia uma única oportunidade de flertar. Ela ia negar o convite friamente quando Ellen Rothwell intercedeu:

Você trouxe os dados que Silas pediu, Kit?

Aquilo o abalou o suficiente para que tirasse os olhos de Colly por um momento.

Droga, era para hoje que ele os queria? Bem, é melhor eu ir embora. Não lhe diga que estive aqui. E negue qualquer rumor que você possa ter escutado de que eu estava no clube de golfe esta manhã. — Com isso, Kit se foi.

Colly permaneceu sentada lá, sentindo-se atônita e aniquilada. O primo de Silas era "irresponsável", e isso cru evidente. E se as primeiras impressões contassem alguma coisa, ele não era a pessoa adequada para dirigir qualquer firma, muito menos uma grande companhia internacional.

Então subitamente a boca de Colly secou. Ouviu passos vindos da porta de outro escritório. Se não estivesse muito enganada, Silas estava de volta.

Não estava enganada. O interfone tocou.

— Kit esteve aqui? — perguntou Silas.

— Esteve e partiu — informou sua secretária e rapidamente acrescentou: — A Srta. Gillingham está aqui para vê-lo.

O anúncio foi cumprimentado por silêncio total. Ele desejando muito que tivesse escrito um bilhete ou telefonado, qualquer coisa menos ter ido pessoalmente! Colly começou a transpirar de nervoso. De repente, houve um movimento do outro lado da porta, e um instante depois, a porta se abriu e Silas Livingstone, alto, poderoso e muito diferente do primo, apareceu.

Ele não sorriu ou a lembrou que ela deveria ter esperado o telefonema no dia seguinte. Em vez disso, falou:

— Olá, Colly. — Ele fixou os olhos nos dela como se quisesse ler ali por que ela tinha ido falar-lhe pessoal- mente.

Colly se levantou. Chegara o momento de dar-lhe a resposta que não podia esperar até o dia seguinte. Ele deu um passo atrás, convidando-a a entrar no escritório, depois a seguiu e fechou a porta atrás dos dois, dando-lhes toda a privacidade que precisavam.

Capítulo III

— O que você tem para me dizer? — perguntou Silas.

— Eu... — Colly estava nervosa e a voz parecia presa na garganta.

Ela moveu-se mais para o centro da sala, mas Silas indicou uma das cadeiras e convidou calmamente:

— Sente-se, por favor. — Se ele tinha consciência do quanto ela se sentia perturbada interiormente, não demonstrou.

Sentar-se na frente dele em vez de tê-lo a seu lado, parecia uma boa idéia. Colly acomodou-se na cadeira, então descobriu que Silas não tinha a intenção de ficar do outro lado da mesma, quando virou a cadeira do lado dela e sentou-se.

— Desculpe-me por ter aparecido sem avisar — Colly encontrou a voz. — Eu sei o quanto você é ocupado.

Sem comentários, ele foi direto ao ponto:

— Você não pôde esperar até amanhã para me dar uma resposta?

— Minha resposta foi não — respondeu ela prontamente.

— Na sexta-feira. — Ele a encarou. — Na sexta foi não. Desde então, você teve muito tempo para refletir.

Ela não havia pensado em outra coisa.

— Minha resposta ainda era não esta manhã — disse Colly. -Apenas que...

— Apenas quê?

— Bem, para lhe dizer a verdade, senti-me enfraquecendo quando, esta manhã, Nanette mencionou... Para ser honesta, isso tudo é terrivelmente embaraçoso para mim! — Ela desistiu de explicar.

— Você está indo bem — Silas a assegurou calmamente. — Continue.

— Bem, parece que logo não terei um lugar para morar.

— Aquela "mulher" quer que você saia? Colly tossiu baixinho.

— Até o fim da semana — concordou, percebendo que ele não tinha muito respeito por sua madrastra. — Eu disse que era embaraçoso — murmurou ela. — De qualquer forma, minha visita a algumas agências imobiliárias mostrou-me que será difícil encontrar um aluguel.

— Então, nestas bases você decidiu que sim. Mudou de idéia e concorda em se casar comigo?

— Não — negou Colly. — Estou sendo totalmente honesta com você. Minha resposta

esta manhã ainda era não — continuou, tentando explicar. — Uma vez que você e eu somos dois estranhos um para o outro, vai contra todos os meus princípios deixar que você pague meus cursos ou o que for necessário para a construção de uma carreira.

Ela parou para respirar e o fitou. Mas Silas não disse nada, ficou apenas estudando-a.

— De qualquer forma, na luz dos acontecimentos desta manhã, na condição iminente de não ter um lar e inabilidade de achar um lugar para morar, senti que estava enfraquecendo em minha decisão... e considerando aceitar sua oferta. — Ela respirou fundo. — Então achei que não deveria esperar até amanhã para lhe dizer isso. Mas não consegui falar-lhe ao telefone mais cedo. Como eu estava aqui perto, achei melhor vir pessoalmente lhe informar.

Antes que sua decisão enfraquecesse mais? — sugeriu ele.

— Sim. — Colly hesitou mais uma vez. Nunca se sentira tão fora de lugar como naquele momento. — Mas...

— Mas? — Silas a incentivou, percebendo que ela continuava hesitando.

— Mas... eu conheci seu primo.

Ele moveu a cabeça de um lado para o outro, alerta, interessado.

— E?

— Oh, Silas, você não pode permitir que ele assuma o controle da companhia — murmurou ela espontaneamente. Silas a olhou pelo que lhe pareceu segundos infinitos. Então, calmamente falou:

— Você, Colly, tem o poder de detê-lo.

Ela o encarou, o coração descompassado. Sentiu como se estivesse diante de uma grande decisão em sua vida.

— Esqueça seu orgulho em aceitar minha ajuda — murmurou ele após alguns momentos — e pense no que estará fazendo por mim e por esta companhia. Eu serei muito mais beneficiado que você.

Aquilo fez com que Colly se sentisse melhor. Mas ainda assim não parecia certo.

— Por que eu? — indagou ela quando a questão lhe surgiu. E, olhando-o, notando o quanto ele era atraente fisicamente, adicionou: — Você deve conhecer muitas mulheres que concordariam com isso.

Silas não negou, mas considerou a pergunta por alguns segundos antes de responder:

— Por que você, como eu, tem uma necessidade, e estaríamos ajudando um ao outro. E, se posso ser honesto, porque você não quer se casar comigo e preferiria qualquer outra solução se fosse possível.

— Ah! — exclamou ela, como se de súbito tivesse entendido. — Porque você sabe que eu não vou persegui-lo depois e tentar lucrar às suas custas.

Ele a olhou.

— Precisamente — admitiu e com total espontaneidade, os dois riram. Era bom rir com Silas, amenizava o clima sério.

Então o interfone tocou e Ellen Rothwell, desculpando-se pela interrupção, informou-lhe de um compromisso que o esperava.

Colly se levantou. Parecia-lhe que já atrapalhara o dia de Silas o bastante.

— Você ainda... quer fazer isso? — ela perguntou quando Silas também estava de pé.

— Definitivamente — respondeu ele, os olhos fixos nos dela.

Colly respirou profundamente. Mal podia acreditar que estava prestes a comprometer-se com aquele homem bonito e viril.

— É melhor você dizer quando — consentiu ela.

Silas não demorou a compreender que ela tinha acabado de concordar em ser sua

esposa. Sem perder tempo com palavras, afirmou:

Quanto antes, melhor. — E, decidido, ele foi até a mesa, escreveu alguma coisa num pedaço de papel e entregou a ela. — Vá dar uma olhada na sua nova casa -disse. — Teremos assuntos a discutir também. Posso estar lá por volta das nove esta noite. Está bem para você?

Uma vez que se comprometera não tinha mais volta, Colly se deu conta. Silas estava levando o negócio a sério.

— Tudo bem — concordou ela e foi para porta.

Saiu do prédio da Livingstone sentindo-se atordoada. Tinha acabado de fazer o que pensava? Tinha acabado de fazer o que não pretendia fazer? Ia realmente o casar com Silas Livingstone?

Nas próximas horas, analisou seus sentimentos. Grandes mudanças vinham acontecendo em sua vida ultimamente. Primeiro, seu pai falecera. Então, antes de poder superar a morte do pai, havia descoberto que a madrastra não ia permitir que ela continuasse morando sobre o mesmo teto. E agora, pensou, tinha de se acostumar com a idéia de tornar-se uma... esposa!

Embora não fosse uma esposa de verdade, corrigiu-se rapidamente. Encontraria Silas naquela noite para combinar o que deveriam fazer. Eles marcariam a data do casamento, e depois passariam meia hora num cartório e nada mais.

Com tantas coisas girando na mente, só agora se lembrou que tinha prometido ligar para Rupert Thomas, o dono da galeria de artes, a qual ela ajudava nas terças-feiras.

— Diga-me que você vem amanhã — implorou ele. E em seguida, exagerou: — Senti terrivelmente sua falta quando não veio na última terça.

Rupert tinha 40 anos, fora casado duas vezes, mas estava solteiro no momento. Era um bom amigo.

— Eu irei amanhã — concordou ela. — Como vão os negócios?

— Terríveis, terríveis! — replicou ele, mas, de acordo com Rupert, estavam sempre terríveis, portanto, não havia novidade ali. Eles conversaram por alguns minutos, então Colly desligou.

Supôs que deveria ir à cozinha para comer alguma coisa, mas não queria arriscar encontrar Nanette e ter de ouvir os comentários maldosos da mulher.

Todavia, cruzou com ela quando estava saindo antes das nove, a fim de encontrar Silas no endereço que ele lhe dera.

— Aonde você vai? — Nanette exigiu saber.

Na verdade, Colly a estava achando tediosa e ficou tentada a dizer-lhe para cuidar da própria vida. Mas educação não custava nada e aquela mulher tinha iluminado os últimos anos da vida de seu pai, mesmo que não tivesse sido verdadeira com ele.

— Vou ver um apartamento — disse ela e ficou, satisfeita que Nanette pareceu perplexa e intrigada. Porém, a mulher mais velha logo se recompôs.

— Para seu bem, espero que o tal apartamento esteja vago até sábado.

Sábado! Colly deixou seu lar tristemente ciente de que não podia mais chamá-lo de lar. Pensou na mãe e quase chorou. Tudo tinha sido tão diferente na época em que sua mãe era viva. Tanto amor...

Ela afastou os pensamentos de amor. Iria se casar sem amor. Silas também, e isso era bom para ambos. Tal reflexão levou uma dúvida à sua mente. Silas havia dito que eles teriam coisas a discutir.

Até agora, ela não pensara que haveria muito para ser discutido. Mas, para começar, o que aconteceria se algum deles se apaixonasse por alguém? E como lidariam com o

divórcio? Supôs que era assim que o casamento deles terminaria, em divórcio, com nenhum dos dois machucados pela experiência. Mas e se Silas se apaixonasse por alguém e quisesse sair fora? O que aconteceria então?

Estranhamente, Colly experimentou uma pequena sensação de impaciência com o pensamento de que ele pudesse se apaixonar por alguém. Estranho era realmente a palavra certa para aquilo, pensou quando estacionou na frente de um edifício de aparência nova. Certamente não estava interessada nele!

Colly foi a primeira a chegar. Ficou dentro do carro e observou a bonita entrada do edifício. Parecia inacreditável que logo se mudaria para lá, mas até agora gostava do que via.

Pouco tempo depois, um longo carro polido estacionou atrás do seu, e o coração de Colly disparou quando reconheceu Silas Livingstone atrás do volante.

Descendo do carro, ela o acompanhou para a porta de entrada e esperou que ele a destrancasse. O prédio era de três andares e o apartamento do avô dele, no térreo.

— É adorável! — exclamou ela, enquanto Silas a levava de cômodo a cômodo. Era pequeno, como ele dissera, mas tinha um quarto, uma sala de estar e de jantar juntas, um banheiro e uma cozinha. Todos os cômodos eram espaçosos. Colly vivia em uma casa muito boa e bonita, mas não tinha nada a reclamar sobre seu novo lar.

— Quaisquer móveis que você não queira, podem ser estocados num depósito — disse Silas quando eles voltaram à sala de estar.

— Está tudo ótimo — respondeu ela. Os móveis eram antigos e lindos, embora houvesse algumas peças modernas também.

— Se quiser, pode trazer alguns de seus móveis — sugeriu ele. — Eu gostaria que você se sentisse em casa aqui.

— É muita amabilidade sua — replicou Colly, sorrindo-lhe e achando-o extremamente gentil. Sem dúvida, o homem era charmoso. — Mas estou bem feliz com o apartamento do jeito que é. — Ela evitou contar-lhe que Nanette provavelmente chamaria a polícia se a visse retirar um palito de fósforo de sua herança.

Silas assentiu e lhe entregou as chaves do apartamento.

— Mude-se assim que desejar.

— Você não acha que devemos ir ao cartório antes? — questionou Colly, mas gostou do fato de Silas ter demonstrado que confiava nela.

— Não faz sentido você passar algumas semanas num hotel quando este lugar pode se beneficiar com uma moradora. Vamos nos sentar? — sugeriu ele.

— Perdi alguma coisa? — murmurou Colly. — Onde o hotel entra nisso?

— Não entra — disse ele, e começou a falar o que tinha em mente: — Ellen conseguiu manobrar minha agenda de modo que eu tenha algum tempo livre amanhã.

— Sim? — Colly esperou que ele esclarecesse melhor.

— Você está livre amanhã cedo?

— Prometi a Rupert que...

— Rupert? — Silas interrompeu, a expressão séria. -Não tem problema — replicou ela.

— Rupert é o dono da galeria, a qual ajudo nas terças-feiras. Eu disse que iria amanhã, mas se for necessário, posso ligar e cancelar.

— Cancele — Silas instruiu bruscamente. O que acontecera com o charme dele?

— Por quê?

— Porque nós precisamos dar entrada na papelada do casamento.

— Oh — exclamou Colly, um pouco surpresa. Já tinha formado uma opinião de que Silas Livingstone era o tipo de homem que delegava poderes. Mas pelo jeito, estava com

muita pressa de se casar.

— A que horas você...

— Eu a apanharei às 10h20. Você precisará de sua certidão de nascimento ou do passaporte.

— Er... Eu estarei pronta. Humm... quando você quer..

— Casar-me com você?

Era uma forma de colocar aquilo.

— Pelo jeito, você não quer adiar.

— Não tem porquê — concordou ele. — Uma vez que aparentemente teremos de esperar 15 dias a partir de amanhã, e que um dia de folga seria melhor para mim, sugiro que nos casemos em duas semanas num sábado. — Ele a olhou com expressão interrogativa.

— Não tenho objeção quanto a isso — concordou Colly. A observação dele em relação a ela não passar algumas semanas no hotel começava a fazer sentido. O que Silas estava dizendo era que, uma vez que ela ficaria sem-teto no próximo fim de semana, poderia se mudar imediatamente, em vez de passar um tempo no hotel antes do casamento deles.

— Ótimo.

Colly começou a entrar em pânico.

— Este casamento — começou, mas quando viu que tinha toda a atenção de Silas, teve dificuldade em prosseguir.

— Este casamento?

Isso é absurdo. Fale, Colly, pensou, irritada consigo mesma.

— Não seria... Quero dizer, eu não teria que... fazer nada mais...

— Nada mais?

Oh, certamente ele não era tão obtuso! Por um momento, ela o odiou por sentir-se forçada a falar.

— Eu não terei de morar com você, quero dizer.

— Você tem seu próprio apartamento — respondeu ele educadamente, e ela sentiu vontade de socá-lo.

— Você falou que ocasionalmente passa a noite aqui — murmurou ela com teimosia. Era preciso esclarecer tudo agora e não deixar nenhuma questão sem resposta. — E, enquanto você me deu um jogo de chaves, não duvido que tenha um outro jogo com você.

— Verdade. — Ele não negou.

— Bem — ela podia sentir que enrubescia, mas precisava dizer -, eu não quero nada... físico entre...

— Você está vermelha — interrompeu Silas, parecendo fascinado com a coloração do rosto dela.

E aquilo a irritou.

— Estou falando muito sério. Eu não quero um marido. — Colly parou, olhou-o, e de repente tudo ficou claro em sua mente. — E você não quer uma esposa -terminou, entendendo que qualquer coisa "física" estava fora dos planos dele.

— Você obviamente precisa trabalhar isso — observou Silas casualmente.

Colly começou a se sentir quente de novo.

— Você tem certeza que precisa fazer isso? — perguntou apressada para cobrir seu embaraço.

Silas assentiu.

— Circunstâncias drásticas pedem medidas drásticas. — Ela sabia que ele não estaria tomando aquela medida "drástica" se tivesse outra saída. E enquanto ações drásticas não faziam muito o estilo de Colly, era também sua única solução. O fato de que ficaria sem um lar, sem emprego, sua inabilidade de aprender o bastante para tornar-se independente, tinham feito as ações drásticas sua única possibilidade. — Eu conheço meu pai -continuou Silas. — Se não estivesse absolutamente certo de que meu avô falava muito sério, teria mantido a conversa estritamente para si. — Você — disse ele, olhando diretamente nos olhos verdes de Colly, é minha salvação.

Ela desviou os olhos, incerta de como devia se sentir sobre aquilo. Mas, considerando tudo que havia acontecido, tudo o que aconteceria, percebeu que agora não era o momento de se irritar porque, sem fingimento, sua intenção era esclarecer qualquer mal entendido.

Então se recordou que mais cedo naquela noite tinha ponderado sobre a questão do divórcio. Mas quando o olhou, foi para vê-lo pegando um cartão e entregando-lhe.

— O endereço e telefone da minha casa — Silas a informou. — Não posso ver uma situação na qual você precisaria de nenhum dos dois, mas...

— Eu posso — ela o interrompeu.

— Pode? — Ele a estava olhando seriamente de novo, se porque não se importava de ser interrompido, ou porque não estava muito feliz que ela pudesse ser uma complicação e lhe telefonar a cada cinco minutos, Colly não sabia.

— Nós discutimos os aspectos legais de... hum... -Ridiculamente, ela não podia pronunciar as palavras "nosso casamento". — Mas, e quanto ao fim disso?

— Fim disso?

Lá estava ele de novo, obrigando-a a falar.

— Divórcio. E quanto ao...

A expressão de Silas endureceu.

— Não haverá divórcio — exclamou ele com veemência.

— Não haverá divórcio? — Era a vez dela de ecoar as palavras dele.

Silas meneou a cabeça.

— Meu avô tem idéias antiquadas sobre a santidade do casamento. Para ele, divórcio é um palavrão. Não tenho idéia de como ele pretende escrever o novo testamento, mas tenho certeza absoluta de que haverá uma cláusula sobre o efeito que um divórcio em meu casamento teria enquanto ele viver. Kit se casou pelo mesmo motivo, portanto, o primo não divorciado herda as ações.

— Ele o deixou com pouca saída, não deixou? — comentou ela.

— Sim — admitiu Silas. — E fiquei ressentido com isso.

— Você não vai contar a seu avô que está casado... quando estiver?

— Oh, não!

— Por estar zangado com ele? Silas meneou a cabeça devagar.

— Um pouco por causa disso, talvez, mas principalmente porque ele iria querer conhecer minha noiva.

— Oh, céus! Eu não tinha pensado nisso — murmurou Colly, mentalmente rejeitando a idéia.

Silas a favoreceu com um de seus raros sorrisos.

— Mesmo a conhecendo muito pouco, Colly, pelos meus instintos, eu diria que você também não vai contar a ninguém sobre nosso casamento.

— Do meu lado, não há ninguém que precise saber -respondeu ela. Ele tinha uma boca linda quando sorria. — Este deve ser um segredo nosso, então? — indagou. Meu

Deus, qual era o problema com ela? Abruptamente desviou os olhos da boca de Silas para os olhos.

Ele assentiu.

— Eu terei de dar alguma dica para meu pai, a fim de mostrar-lhe que não precisa se preocupar. Mas você pode confiar totalmente na minha discrição.

— Sei disso — murmurou ela. E de repente as palavras saíram de sua boca: — E se nos casarmos e depois você se apaixonar por alguém? — Ela tinha toda a atenção de Silas e ficou sem graça, mas continuou apressada: — E se você quiser se casar com outra pessoa?

— Eu não vou querer.

— Como pode saber? — exclamou ela, nada impressionada pela confiança da declaração.

— Ela teria de ser mais do que extra-especial para que eu pensasse em me divorciar de você e arriscar ver minha herança nas mãos do meu primo.

— Você não conhece ninguém... extra-especial? — Colly se pegou perguntando.

Ele fez uma careta.

— Essa mulher não existe.

Colly refletiu sobre aquilo por um momento antes de concluir:

— Vou me casar com você porque resolverá problemas para nós dois, mas acho que deveríamos ter algum tipo de limite de tempo.

— Você acha que pode se apaixonar e querer se casar com outra pessoa? — perguntou ele, como se a idéia sugerisse que ela o estava traindo.

— Não! — negou Colly prontamente. — Eu já lhe disse, estou mais interessada em construir uma carreira do que um matrimônio. Apenas... preciso cobrir quaisquer eventualidades, isso é tudo. E acho que é melhor decidir tais assuntos agora do que diante de um juiz, daqui algumas semanas.

Silas a encarou, o olhar desviando para a boca de Colly antes de voltar a se fixar nos olhos. Então falou seriamente:

— Lamento, mas não posso concordar com nenhum limite de tempo na duração de nosso casamento. Fazer isso seria especular o futuro falecimento de meu avô, e isso me aborreceria demais.

— Oh, eu concordo plenamente — disse ela num impulso, de repente perguntando-se por que aquilo tinha sido importante, de qualquer forma. Silas já deixara claro que não queria se divorciar enquanto o avô vivesse. — Desculpe-me. Foi insensibilidade da minha parte tocar neste assunto.

Silas pareceu contemplá-la.

— Sabe de uma coisa? — começou um minuto depois. — Acredito que terei uma esposa muito boa. — Colly pôde apenas fitá-lo, mas de súbito percebeu que não havia nada íntimo na observação quando, sem parar para respirar, ele continuou: — Você vai namorar, eu espero, durante o nosso casamento?

— Você está dizendo que não vai? — devolveu ela. E, sem poder evitar, ambos riram.

— Isso parece ser tudo — disse ele, alguns segundos depois. — A menos que você queira perguntar mais alguma coisa? — Colly meneou a cabeça, descobrindo que gostava de rir com Silas. — Então eu vou lhe mostrar onde fica a garagem para seu carro, e iremos embora.

Silas Livingstone preencheu os pensamentos de Colly durante todo o trajeto para casa. E enquanto vasculhava papeladas pessoais nas gavetas, onde guardava a certidão de nascimento.

— O que você está fazendo? — perguntou Nanette, entrando no escritório e vendo-a com alguns papéis nas mãos. — O que você tem aí?

— Nada que pertença a você — replicou Colly friamente. Então percebeu que não teria de agüentar mais aquela mulher insuportável, que, na verdade, agora que já tinha as chaves de seu novo lar na bolsa, podia se mudar no dia seguinte, se assim quisesse. — Uma vez que logo irei morar em outro lugar, estou levando papéis pessoais comigo. — Com isso, escapou da sala.

Colly estava indo para a sala de estar esperar por Silas na manhã seguinte, quando se lembrou que tinha de telefonar para Rupert. Não se surpreendeu por ter esquecido. O fato de que ia se casar com Silas Livings-tone em duas semanas preenchia todos os seus pensamentos. Mas Rupert a esperava na galeria vinte minutos atrás.

Estava ao telefone do hall quando sua madrastra passou por ela, a caminho de ir preparar uma xícara de café. Enquanto Colly tentava consolar Rupert, que dizia que todas as mulheres estavam contra ele, e que sua última namorada o dispensara na noite anterior, a campainha tocou.

— Sinto muito sobre isso, Rupert — disse Colly, querendo chegar à porta da frente antes de Nanette. — Agora tenho de...

Tarde demais. Nanette estava lá. Colly escutou o murmúrio de encanto da madrastra, e não pôde mais ouvir os lamentos de Rupert, quando Nanette convidou Silas para entrar.

— Tudo que eu disse para ela — Rupert estava resmungando...

Nanette levou Silas para a sala de estar e fechou a porta.

— Desculpe-me, Rupert, mas preciso desligar. Tenho de resolver uma coisa...

— Você gostava dela, não gostava? Meriel? Ele devia estar se referindo à última namorada.

— Ela era uma ótima pessoa. Olhe, Rupert, preciso ir. Desculpe-me por não ter ligado mais cedo, mas...

Uns cinco minutos se passaram antes que Colly fosse capaz de desligar o telefone e correr para a elegante sala de estar, onde Nanette estava representando a viúva triste, porém disponível.

— Aí está você — murmurou ela docemente quando Silas se levantou. — Esqueceu de mencionar que Silas viria aqui?

Colly ignorou a questão.

— Quase me esqueci de ligar para Rupert, também. — E, virando-se para Silas, falou: — Desculpe-me por fazê-lo esperar.

— Tem certeza de que não aceita um café? — Nanette perguntou a ele.

— Não, obrigado — respondeu Silas secamente. — Pronto, Colly?

Nanette lançou um olhar à enteada que dizia que a questionaria mais tarde, e Silas escoltou Colly para seu carro.

— Eu estava pronta no horário — comentou Colly enquanto atravessavam a rua.

— E então se lembrou de Rupert — completou Silas.

— Eu... tinha outras coisas na mente — murmurou ela quando ele lhe abriu a porta de passageiro.

— Você se importa muito em ter de sair daqui? — perguntou ele, olhando para trás e gesticulando para a mesa.

— Eu... — Colly meneou a cabeça. — Não é mais meu lar — disse e ficou espantada quando a voz saiu chorosa.

Para sua surpresa, Silas estendeu a mão e tocou-lhe o braço num gesto de conforto.

— Tudo vai melhorar — murmurou suavemente. De súbito, Colly sentiu vergonha de si

mesma.

— Um dia foi — comentou ela e entrou no carro, dizendo a si mesma que devia manter a guarda em momentos de fraqueza, mas começando a gostar do homem com o qual ia se casar. Gostava especialmente do lado mais sensível de Silas.

No cartório, as coisas foram lidadas com facilidade, e logo estavam de novo no carro e Silas dirigia para a única casa que Colly tinha conhecido, mas da qual no sábado partiria para sempre.

— Não posso ver nenhuma razão para que você me contate, mas tem meus telefones se precisar de algo -disse ele quando Colly, em frente de casa, ia abrir a porta do carro. — Espere um momento. — Ele a deteve e tirou um medidor de anel do porta-luvas. — É melhor tirar a medida certa.

Um arrepio a percorreu quando Silas pegou-lhe a mão esquerda para tirar a medida de seu dedo anular.

— Posso usar o anel de casamento de minha mãe -murmurou ela.

— Está me chamando de pão duro? — provocou ele e Colly descobriu que também gostava do jeito que Silas brincava, fazendo-a relaxar.

Ela saiu do carro para descobrir que ele também descera e estava dando a volta para aproximar-se.

— Eu... humm... vejo você em duas semanas, no sábado — disse ela como despedida.

Silas assentiu.

— Mude-se para o apartamento assim que estiver pronta — sugeriu antes de partir.

Nanette estava ávida para saber como ela tinha conhecido Silas Livingstone e por que saíra com ele e onde haviam ido.

— Ele está no negócio de engenharia, como meu pai — respondeu Colly casualmente, e decidiu que Nanette podia fazer o que quisesse com a informação, porque era tudo que receberia.

Colly então foi para a galeria e escutou Rupert reclamar sobre a ingratidão de Meriel. Quando ele fez uma pausa, ela lhe contou que iria se mudar para o apartamento.

— Eu não a culpo — exclamou ele, obviamente não tenho idéia que ela não possuía um centavo, e achando que alugaria ou compraria um apartamento. — Nunca entenderei o que seu pai viu em Nanette, aquela criatura horrível! — dramatizou, tendo-a visto uma única vez.

Colly foi para casa no fim da tarde e começou a empacotar seus pertences. Mudou-se para sua nova casa na sexta, e não ficou nada triste que Nanette tinha ido às compras e não pudera se despedir. Colly deixou as chaves na mesa do hall e partiu rapidamente.

As semanas até o dia do casamento passaram rápidas e devagar ao mesmo tempo. Logo estava acomodada em seu novo lar, e gostava de onde morava e das redondezas, mas experimentou uma sensação de melancolia. Talvez fosse devido à velocidade que tudo tinha acontecido e estava acontecendo. Tinha alguns momentos de pânico quando pensava no dia em que se casaria com Silas Livingstone, o homem alto, elegante e extremamente bonito. Às vezes, parecia mais um sonho do que realidade.

Não encontrou nenhuma razão para contatá-lo, embora não tivesse se importado com algumas palavras que a assegurassem. Assegurasse? *O que é isso, Colly?*, censurou a si mesma. *Você tem vinte e três anos e a vida vai melhorar.* Já tinha melhorado. Apesar de ainda sentir muito a falta do pai, não precisava mais ser provocada pela viúva dele.

Dois dias antes de se casar com Silas, o telefone do apartamento tocou. Colly teve um sobressalto de susto. Por vários minutos, ficou alarmada demais para atender. E se fosse o avô de Silas, o dono do apartamento?

O bom senso venceu. Por que ele ligaria para um apartamento que achava estar vazio? Ela atendeu, pronta para dizer que era engano se fosse o avô Livingstone. Então, com imenso alívio, ouviu a voz de Silas e percebeu que no final, fora ele quem tivera a necessidade de contatá-la.

— Algum problema? — perguntou ele sem rodeios.

— Nenhum. Mas fico satisfeita que você telefonou -disse ela impulsivamente e desejou que não tivesse feito, porque, enquanto Silas esperava pacientemente que ela explicasse o motivo da satisfação, Colly começou se sentir uma tola. — De alguma maneira, não parece real — exclamou.

— Confie em mim, é real. — Havia um sorriso na voz dele.

— Eu sei — murmurou ela e se sentiu melhor. — Algum problema do seu lado?

— Nenhum que sábado não solucionará — respondeu ele com facilidade, e foi direto ao propósito de sua ligação: — Vou transferir algum dinheiro para sua conta. Pode me dar os detalhes de seu banco? Eu espero se você tiver de procurar o número da conta.

Querendo lhe dizer que não se preocupasse com aquilo agora, mas percebendo que Silas era ocupado demais para se incomodar em ligar outro dia, Colly foi encontrar seu talão de cheques.

Contudo, dando-lhe os dados que ele tinha requerido, não pôde evitar dizer:

— Não há pressa. Se você não quiser...

— Eu quero — ele a interrompeu, o sorriso na voz de novo. -A propósito, seu banco sabe seu novo endereço?

Ela não tinha pensado naquilo.

— Farei isso amanhã.

— Então, vejo você no sábado — concluiu ele.

— Eu não chegarei atrasada. — Colly falou da maneira mais neutra possível.

E não se atrasou. Fevereiro chegara, não o mês mais excitante do ano. Ela quisera comprar alguma roupa nova para se casar, então se lembrou que aquilo seria meia hora em frente de um juiz e não exatamente um casamento. De qualquer forma, não tinha dinheiro para comprar roupas novas, embora suspeitasse que Silas já providenciara para que sua conta ficasse mais gorda do que jamais estivera.

Porém, aquele dinheiro não era para extravagâncias com roupas, mas a base para que começasse a investir em algum tipo de carreira. Colly sabia que nunca lhe pediria mais, não reivindicaria os aumentos subseqüentes que Silas tinha mencionado. Então foi para seu carro vestindo um conjunto amarelo claro que já possuía há algum tempo, mas que era bonito.

Chegou alguns minutos adiantada no cartório, e ficou aliviada de ver que Silas já estava lá. Ele veio em sua direção e pareceu gostar do que viu. Do lado dela, teve de admirar como o temo caía em Silas com perfeição, o modo como ele usava roupas elegantes sem esforço.

— Você está adorável — disse ele como um cumprimento, e se tivesse idéia do quanto ela se sentia insegura, não poderia ter dito nada melhor.

Ela queria elogiá-lo de volta, porém, nervosa demais, tudo que pôde dizer foi um rouco:

— Obrigada.

Colly passara uma noite atordoante com as dúvidas de última hora. E, ter chegado no cartório, ter decidido prosseguir com aquilo, não tinha feito nada para acalmar seus nervos. Contudo, se Silas estava notando seus sentimentos, não demonstrou. Em vez disso, declarou calmamente:

— Arranjei duas testemunhas. — E olhando fixamente nos olhos verdes, acrescentou:

— Pronta para um recomeço?

E subitamente aquelas palavras, o olhar firme dele fez tudo se harmonizar. Colly sabia por que Silas estava se casando. Para assegurar o futuro da companhia que dirigia. E, casando-se com ele, ela estava assegurando o próprio futuro, garantindo a si mesma um recomeço que tanto necessitava.

— Vamos fazer isso — concordou ela com um sorriso.

Não muito depois que parou ao lado de Silas diante do juiz e das testemunhas que ele arranjava, os dois estavam casados. A estranha sensação de uma aliança de casamento no dedo fez Colly entender que, enquanto Silas era seu marido perante a lei, ela era sua esposa.

Emoção a invadiu no fim da cerimônia quando, por tradição, o certificado de casamento lhe foi entregue como propriedade sua. Colly virou-se para Silas e entregou-lhe o certificado, uma vez que aquilo era tudo que interessava a ele. Silas aceitou, olhou-a com gratidão e deu um sorriso maravilhoso.

Ela ainda estava um pouco trêmula de nervoso. Mas quando ele inclinou-se e plantou-lhe um beijo suave nos lábios, o coração deu saltos inacreditáveis.

— Obrigado, Colly — murmurou ele.

Ele a beijara! Aquele não era um compromisso romântico, mas... Silas a beijara. Um segundo depois, todavia, ela percebeu que eles não estavam sozinhos. Além do juiz, havia testemunhas. Caso houvesse qualquer tipo de desconfiança no futuro, as testemunhas sempre poderiam alegar que havia romance no ar.

Colly tentou se recompor. Pelo amor de Deus, qualquer um pensaria que ela queria os beijos dele! Sorrindo-lhe, esperou enquanto Silas agradecia as testemunhas.

Quando saíram do cartório, Silas a escoltou até o carro. E de repente tudo parecia estranho. Ela o fitou quando pararam perto do veículo. Aquele homem era seu marido e, no entanto, era pouco provável que eles voltassem a se encontrar. Colly não sabia o que fazer, se lhe apertava a mão ou simplesmente entrava no carro e partia. Certamente não ia beijá-lo. Optou por destrancar o carro.

— Você gostaria de almoçar? — convidou ele, abruptamente, quase como se tivesse falado sem pensar.

Colly voltou a tremer e abriu a porta do motorista.

— Você não tem tempo — replicou, sabendo que Silas não tinha um minuto para respirar.

— Hoje eu poderia arranjar algum — disse ele.

Ela não o agradeceu. Apenas meneou a cabeça. Ele obviamente sentia que devia oferecer-lhe um almoço por educação.

— Nosso acordo foi por meia hora — informou-o, e viu os lábios dele se curvarem num sorriso um momento antes de afastar-se para permitir que ela entrasse no carro. -Adeus — disse ela e, olhando-o, viu que ambos estavam sorrindo.

— Adeus, esposa — murmurou Silas quando ela entrou, fechou a porta e começou a dirigir.

Colly passou por ele e os dois acenaram. Nunca tinha imaginado que o dia de seu casamento seria daquela forma. Que a última vez que viria seu marido no dia do casamento seria pelo espelho retrovisor do carro, a distância entre os dois aumentando cada vez mais.

Lembrou-se do jeito feliz que tinham sorrido um para o outro. E percebeu que poderia ter caído aos prantos. E reconheceu que Silas Livingstone estava tendo um efeito peculiar sobre ela.

Capítulo IV

Na segunda-feira, tendo removido a aliança de casamento do dedo, embora fosse incapaz de remover da memória o toque dos lábios de seu marido nos seus, Colly recompôs-se novamente. A essas alturas, estava desdenhando quaisquer idéias de que suas emoções eram afetadas por Silas Livingstone. Entretanto, um sorriso involuntário curvou-lhe a boca por pensar que estava casada com Silas Livingstone, e que poderia usar o nome dele se quisesse. O que, é claro, não queria. Entretanto, não pôde evitar pronunciar "Colly Livingstone" em voz alta a fim de ver como soava.

Meneando a cabeça, pegou a lista telefônica. Um pouco depois, tinha dado os primeiros passos em direção a se inscrever num curso profissionalizante.

Infelizmente, embora a ficha de inscrição seria colocada no correio, e depois seguida por uma entrevista, haviam lhe informado que era improvável que ela conseguisse iniciar o curso antes de setembro.

O que significava, uma vez que o orgulho a impedia de usar o dinheiro de Silas enquanto passasse os próximos seis ou sete meses na ociosidade, que deveria encontrar um emprego. Mas, o quê? Já tinha desistido de ser secretária.

Somente então lhe ocorreu que não tinha contado a Rupert sobre o emprego de secretária, e que estivera, na verdade, procurando emprego. Mas quando foi na galeria na terça-feira, achou que deveria ser honesta com ele e avisá-lo de que as circunstâncias estavam um pouco diferentes, e que ela teria de procurar um emprego temporário remunerado.

Rupert, como sempre nas nuvens, entendeu o "temporário" como se os advogados estivessem demorando a entregar-lhe a propriedade do pai dela.

— Imagino que sua madrastra vai querer pôr a mão em parte do dinheiro. -Após dar sua opinião, Rupert já estava pensando o que faria sem a pessoa que o ajudava de graça nas terças-feiras. — Você não pode ir embora! — exclamou. — É tão boa com os clientes. E em quem mais posso confiar para tomar conta da galeria quando saio para fazer compras?

— Você encontrará alguém — Colly tentou conformá-lo.

— Eu terei de *pagar* alguém! — replicou ele, então seus olhos se iluminaram. — Eu pagarei você — decidi. — Não vai ser muita coisa, é claro. Mas pelo menos você terá um trabalho remunerado.

Colly considerou a oferta. Uma vez que não tinha muita experiência em nada além de tarefas domésticas, trabalhar para Rupert período integral por um salário baixo era um bom negócio.

— Você sabe que existe um salário mínimo permitido por lei? — ela o lembrou. Afinal, não poderia trabalhar de graça. E, embora Rupert estivesse sempre reclamando sobre a falta de dinheiro, era ela quem controlava as finanças da galeria, e sabia que ele estava indo muito bem.

— Você é boa para barganhar, Srta. Gillingham — murmurou ele, mas estendeu a mão para fechar o negócio.

Sra. Livingstone, ela o corrigiu mentalmente, e teve de sorrir do quanto estava sendo ridícula. Felizmente, Rupert não percebeu nada. Eles apertaram as mãos formalmente.

No dia seguinte, Colly recebeu um extrato do banco, informando-a que dez mil libras tinham sido depositadas em sua conta. Mesmo sabendo que aquilo aconteceria, ficou

chocada ao ver o número no papel. Entretanto, sabia que continuaria trabalhando período integral para Rupert, e só usaria o dinheiro de Silas quando fosse necessário. Ainda assim, não parecia correto usar o dinheiro dele, mesmo que aquilo fosse parte do acordo.

Colly, tendo postado sua inscrição para o curso profissionalizante, vinha trabalhando há duas semanas na galeria, e estava ocupada no pequeno escritório quando Rupert a chamou para que embrulhasse um quadro que tinha acabado de vender.

— Parei o carro em fila dupla — ela escutou o cliente dizendo a Rupert. Colly embrulhou rapidamente a pintura e levou para o homem.

— Sr. Andrews? — perguntou ela e descobriu que o Sr. Andrews não estava com tanta pressa assim.

— Tony Andrews — ele apresentou-se. E, obviamente gostando do que via: — Srta...? Sra...? Desculpe-me, eu não sei seu nome.

O que ela poderia fazer? Era uma funcionária remunerada. Além disso, não havia mistério sobre seu nome.

— Colly Gillingham. É muito arriscado parar em fila dupla por aqui.

— Eu volto — prometeu ele e se foi.

Ele voltou. E convidou-a para sair. Colly estava incerta, e recordou-se que nem ela nem Silas haviam colocado qualquer restrição sobre encontros amorosos, mas negou, de qualquer forma. Tony Andrews era determinado e voltou após alguns dias com o mesmo convite, obtendo a mesma resposta negativa.

Então, na terça-feira da semana seguinte, uma coisa surpreendente aconteceu. Colly estava trabalhando na galeria quando a porta se abriu e o velho amigo de seu pai, Henry Warren, entrou.

— Tio Henry! — exclamou ela e, sentindo um grande entusiasmo, aproximou-se e deu-lhe um abraço paterno. — Como foram suas férias?

— Chegamos no sábado. Mas apenas ontem eu fui ao clube. — Ele a olhou com tristeza. — Fiquei tão chateado de saber sobre Joseph.

— Deve ter sido um grande choque para você — murmurou ela, percebendo que alguém no clube devia ter contado a Henry sobre a morte de seu pai.

— Ontem foi minha noite para choques. Eu fui direto vê-la apenas para ser informado por uma alegre Nanette que você tinha se mudado sem deixar um endereço. Felizmente, lembrei-me de seu pai ter mencionado que você tinha um pequeno trabalho nesta galeria. — Um sorriso de satisfação cruzou os lábios dele antes de acrescentar: — A alegria de Nanette acabou quando eu lhe disse o que tinha a dizer.

— O que você disse a ela? — perguntou Colly, curiosa.

— Aquela criatura achou que estava muito bem de vida — replicou ele. — Foi minha feliz tarefa informá-la que, um pouco antes de eu sair de férias, seu pai me contatou e fez um novo testamento.

— Meu pai...

— Seu pai tinha começado a perceber que, aparte ser muito injusto com você, vinha sendo um grande tolo.

— Meu Deus! — exclamou Colly incrédula.

— Como você provavelmente sabe, ele estava tão apaixonado por Nanette que ficou cego para tudo. Mas, devagar, começou a entender as coisas e tomou-se apavorado com o que tinha feito. Ele foi me procurar no clube.

— Mas... você não é o representante legal dele. Henry Warren sorriu de novo.

— Pobre Joseph. Estava muito envergonhado para voltar à firma com a qual sempre lidara. Eu escrevi o novo testamento dele em segredo. — Henry parou, então anunciou:

— Ele dividiu a herança igualmente entre vocês duas.

Colly o fitou. Estava atônita.

— Meu pai me deixou... — Ela não pôde continuar.

— Metade de tudo. Da casa, do dinheiro, as ações. A palavra "ações" trouxe Silas à mente de Colly, mas tentou se concentrar no que Henry estava dizendo.

— Vamos até o escritório. Vou fazer um café para nós — convidou ela, tentando equilibrar as emoções. Mas o café foi esquecido quando, na sala particular, perguntou: — O novo testamento é... legal?

Henry Warren deu-lhe um olhar de reprovação.

— Você nem deveria me fazer uma pergunta dessas, garota. Certifiquei-me de torná-lo totalmente legal -ele a assegurou. — É desnecessário dizer que nem seu pai nem eu sabíamos que ele partiria tão breve desta vida. — Henry parou por um momento, como estivesse se lembrando do amigo. — Mas sei que Joseph gostaria que eu cuidasse de seus interesses, Colly. Com essa finalidade, aqui para bloquear todos os bens de seu pai.

Colly estava perplexa.

— Nanette sabe... que os bens estão bloqueados?

— Se não souber, descobrirá logo — respondeu ele, alegremente.

Colly estava tendo dificuldade de absorver aquilo tudo. Sentia-se confusa.

— Café — lembrou-se, mais pela necessidade de fazer alguma coisa prática.

Foi depois do café que Henry lhe perguntou sobre seu novo endereço. Ela não queria mentir, mas não se sentiu capaz de contar-lhe sobre seu casamento com Silas. O casamento dos dois era um segredo, então apenas deu a Henry seu endereço e número de telefone.

Ele assumiu que ela estava alugando o apartamento e jovialmente falou:

— Você poderá comprar um apartamento próprio agora. Na verdade, tem dinheiro o bastante para comprar a parte de Nanette na casa, se quiser voltar a viver lá.

— Verdade?

— Oh, sim. — Ele assentiu. — Considerando que aquela mulher terá metade de tudo, você ficará relativamente rica uma vez que tudo estiver arranjado.

Várias coisas vieram à cabeça de Colly ao mesmo tempo. Primeiro, estava mais feliz vivendo no apartamento do avô de Silas do que estivera vivendo com o pai e a segunda esposa. Segundo, não queria voltar para aquela casa. A vida após a morte de sua mãe tinha sido muito triste, só agora percebia o quão triste. Porém, mais importante que tudo era a percepção de que possuía seu próprio dinheiro agora. Não precisava usar o dinheiro de Silas!

— Eu não tenho idéia de quanto demora essas coisas legais. Há alguma chance de eu receber... — Colly se sentiu envergonhada de perguntar.

— É claro. — Henry, ciente do embaraço dela, interrompeu. — Eu não duvido que Nanette conseguiu convencer os advogados anteriores de seu pai a lhe adiantarem alguma coisa na conta.

Colly chegou em casa naquela noite com a cabeça girando devido aos últimos acontecimentos. Contudo, uma semana depois, foi capaz de agir sobre o assunto que a perturbara tanto no princípio. Tinha aceitado as dez mil libras de Silas por causa do acordo que haviam feito. Mas nunca se sentira confortável em usar o dinheiro dele. Desde a visita de Henry Warren na galeria, o fato de ter aceitado tal dinheiro a perturbava cada vez mais.

Naquela noite, escreveu para Silas, contando-lhe sobre o amigo e advogado do pai, Henry Warren, e como ele tinha retornado de férias e aparecido na galeria com »i

surpreendente notícia do novo testamento de seu pai. Escreveu que, embora fosse extremamente grata a Silas por seu apoio quando ela tanto precisara, não mais necessitava de seu dinheiro. Incluiu o cheque de dez mil libras e adicionou o quanto adorava viver no apartamento e como, se ele concordasse, ela gostaria de ficar como inquilina, pagando um aluguel. Desejando tudo de bom a Silas, assinou: "Colly".

Ela pôs a carta no correio na quarta-feira antes de ir para galeria. Com sorte, se ele recebesse a carta e o cheque no dia seguinte e não tardasse a responder, Colly receberia alguma correspondência de Silas no sábado.

A resposta veio mais rápido que isso, e em pessoa. Ela tinha acabado de jantar na quinta e estava arrumando a cozinha quando alguém bateu à porta. Colly pensou que deveria ser algum vizinho, caso contrário o interfone teria tocado para que ela pudesse abrir a porta da frente.

Pronta para ser amigável com qualquer que fosse o vizinho, foi para a porta, abriu-a e parou em surpresa. De alguma forma, havia esperado uma resposta por escrito.

— Você tem a chave da porta externa? — perguntou ela.

— Nós estabelecemos isso — replicou Silas, olhando-a de cima a baixo. — E desta porta também, mas achei que você preferiria que eu batesse antes de entrar.

Colly sorriu, percebendo, surpresa, o quanto estava feliz por vê-lo.

— Entre — convidou. — E quando ele o fez: — Você recebeu minha carta?

— Sim — confirmou ele. — Mas não fiquei muito feliz com ela. — Na verdade, ele parecia bem aborrecido quando perguntou: — Você está dizendo que quer o divórcio?

Colly o encarou, boquiaberta.

— Quando eu disse isso?

— Você escreveu em termos de terminar o nosso acordo!

— Não, não escrevi — retorquiu ela, olhando-o no tapete da sala de estar. — Eu meramente mencionei que tenho meu próprio dinheiro agora. E, para ser honesta, nunca me senti muito confortável em usar o seu.

— Você concordou...

— Eu sei, eu sei! — De súbito, Colly sentiu o corpo esquentar. E quem não se sentiria assim com aqueles olhos azuis brilhando para ela? — Mas não preciso mais de seu suporte financeiro.

— Mesmo assim você pretende manter o nosso acordo? — demandou ele.

— É claro. — E ela sorriu porque ele parecia tão furioso. — É pura benção ser casada com você.

— Nós raramente nos encontramos — comentou Silas, olhando-a fixamente, os lábios curvados num sorriso. — O casamento perfeito.

O coração de Colly deu um salto estranho.

— Mas já que nos encontramos... e você veio pessoalmente, tudo bem se eu continuar aqui agora que...

— Você me ofende perguntando uma coisa dessas -interrompeu ele. Ela suspirou.

— Você vai deixar que eu pague um aluguel, então? A resposta de Silas foi rápida e direta:

— Sem chance.

— Pelo menos pense sobre isso — tentou ela.

— Não há o que pensar. Nós fizemos um contrato. Pagar aluguel nunca entrou no acordo.

— Mas na época eu não sabia...

— Não! — repetiu ele, encerrando o assunto, o tom não deixando espaço para

argumento e, antes que Colly pudesse responder: — Você está confortável aqui?

— Quem não estaria? Eu adoro este lugar.

— Ótimo.

— E essa é sua última palavra sobre o assunto? . — É! — retornou Silas bruscamente. Aquilo não a agradou. Colly virou-se e foi para porta.

— Eu teria lhe oferecido um café — informou-o brevemente, mas abriu a porta, de modo que ele soubesse que poderia morrer de sede antes que ela lhe oferecesse uma bebida.

— Eu teria recusado — respondeu ele no mesmo tom. E, sem entender por que, ela teve de rir.

— Adeus, Silas.

Ela viu o olhar dele ir para sua boca sorridente. E sentiu os joelhos fraquejarem quando Silas sorriu.

— Adeus, esposa. — E antes de partir, ele inclinou-se e beijou-a de leve nos lábios.

Colly não podia tirá-lo da cabeça depois daquilo. Gostava de beijos suaves, descobriu. Não que houvera muitos deles. Dois, de fato. Um possivelmente para selar o negócio do casamento. E o outro provavelmente para vingar-se porque ela não lhe fizera o café. Era uma punição muito agradável, decidiu.

Então rejeitou uma noção tão ridícula. Mas, recordando-se das frases: "Você está dizendo que quer o divórcio?" e "Você escreveu em termos de acabar com nosso acordo", ela se deu conta da razão pela qual Silas tinha ido pessoalmente, em vez de escrever. Era com o acordo dos dois que ele estava preocupado. Necessitava saber, agora que ela não mais precisava de ajuda financeira, exatamente como ficaria a relação deles, a fim de se assegurar que tudo daria certo nos planos futuros em relação ao testamento do avô. Por que outro motivo teria ido pessoalmente, afinal?

No dia seguinte, Colly decidiu que estava pensando demais em Silas Livingstone, e determinou-se a esquecê-lo. Para tal fim, aceitou sair com Tony Andrews.

Tony trabalhava em relações públicas e era divertido com suas várias anedotas, mas ela não lamentou quando a noite terminou.

Ele tentou beijá-la amorosamente. Muito amorosamente. Colly já tinha sido beijada antes, mas descobriu uma súbita aversão a um beijo amoroso, ou de qualquer outra maneira.

— Boa noite, Tony — disse ela, empurrando-o.

— Nunca num primeiro encontro?

Nem num segundo nem num terceiro. Colly entrou em casa desejando que não tivesse saído com ele. Então entendeu que aceitara o convite mais porque penou que deveria do que porque realmente queria.

Tony a convidou para sair diversas vezes depois disso, mas ela lhe disse que não achava uma boa idéia.

— Eu irei me comportar — prometeu ele. Colly falou que pensaria sobre o assunto.

Todavia, ainda encontrava-se pensando em Silas. Fazia duas semanas desde que o vira pela última vez. Gostaria que ele aceitasse o pagamento do aluguel, mas tinha de aceitar que o uso gratuito do apartamento fazia parte do acordo dos dois. Tinha de aceitar também que Silas era o tipo de homem que desgostava de estar em débito. Sob as circunstâncias, supôs que deveria estar grata pelo fato de que ele aceitara a devolução das dez mil libras.

Apenas que, no dia seguinte, quando outro extrato do banco chegou, descobriu que Silas não tinha aceitado. As dez mil libras continuavam em sua conta. Ele não descontara

o cheque!

Colly suspirou. Não queria escrever-lhe uma segunda vez, e foi para galeria perguntando-se o que poderia fazer sobre isso.

— Vou sair por aproximadamente uma hora — anunciou Rupert quando ela entrou.

— Você acabou de chegar! — provocou ela, imaginando que havia uma nova mulher em cena.

— Ocupado, ocupado, ocupado — resmungou ele e partiu.

O movimento da galeria estava tranquilo e, após realizar algumas tarefas, Colly, com Silas na cabeça, foi fazer um café e pegou o jornal que Rupert tinha descartado antes de sair.

Estava folheando as páginas quando, de repente, viu uma possível razão pela qual Silas não tinha descontado o cheque. Ele estivera fora do país a negócios, mas havia voltado para casa e agora estava gravemente doente.

Chocada, perplexa e com um aperto no coração, ela continuou lendo. Aparentemente, Silas tinha contraído um vírus dos trópicos e estava hospitalizado numa área de isolamento. O artigo citava o nome do hospital. Ela sentiu-se tonta de medo... e teve de ligar para o hospital. Como todos os outros, parecia, inclusive a imprensa, não descobriu nada.

Sem poder sossegar, quando Rupert retornou, Colly estava com as chaves do carro na mão.

— Preciso sair — anunciou num tom que deixava claro que iria, com ou sem a permissão do chefe.

— Você vai demorar? — foi tudo que ele perguntou.

— Eu não sei.

— Leve o tempo que precisar — murmurou Rupert. E Colly ficou agradecida que ele não lhe fez perguntas.

Nunca tinha se sentido tão preocupada como quando estava a caminho do hospital. Mais tarde, supôs que deveria ter sido pura determinação que a fez chegar nas portas da unidade de isolamento.

— Posso ajudá-la? — perguntou uma enfermeira séria que lhe bloqueou o caminho, impedindo-a de ir mais longe.

— Silas Livingstone? — indagou Colly. — Como ele está?

— Ele está bem — respondeu a enfermeira, estudando o rosto pálido de Colly.

Lágrimas de alívio encheram os olhos de Colly.

— Ele está melhorando? — insistiu com voz trêmula.

— Ele está bem. — A enfermeira séria de repente sorriu. — E você, é?

— Colly Gillingham. Ele está realmente bem?

— Você é parente do Sr. Livingstone? — a enfermeira quis saber antes de dar mais detalhes.

Esposa era parente.

— Sim — respondeu Colly.

E então descobriu que eles tinham sido capazes de classificar o vírus e, embora Silas continuasse hospitalizado, assim que saíssem os resultados dos testes da manhã, esperavam poder transferi-lo da unidade de isolamento para uma outra ala do hospital. Colly deu um profundo suspiro e um pouco de cor retornou às suas faces.

— Obrigada — murmurou e se virou.

— Você gostaria de vê-lo por alguns minutos? Colly virou-se de novo. Sabia que deveria dizer não.

Todavia, experimentou uma tremenda necessidade de ver, por si mesma, como Silas estava.

— Posso?

— Você terá de usar um camisolão hospitalar e máscara — avisou a enfermeira. Era um pequeno preço a pagar.

Estar vestida num camisolão branco, com uma toca e máscara no rosto foi insignificante para Colly quando, com a enfermeira mostrando o caminho, entrou no quarto de isolamento.

O coração disparou no momento que viu Silas de olhos fechados, recostado sobre os travesseiros.

— Uma visita para o senhor — anunciou a enfermeira, e ficou para se certificar de que eles realmente se conheciam.

Colly aproximou-se. Silas abriu os olhos quando ela alcançou a cama e apenas a fitou. Percebendo que, vestida como estava, ela poderia ser qualquer pessoa, falou:

— Sou Colly.

— Quem mais eu conheço com esses fabulosos olhos verdes? — retornou ele. Os olhos verdes eram praticamente a única parte visível.

A enfermeira estava convencida. Saiu da sala.

— Desculpe-me por me intrometer na sua doença -murmurou Colly, aliviada em ver que Silas parecia melhor do que imaginara. — Li no jornal que você tinha sido infectado por algum vírus tropical e — ela vasculhou a mente por uma razão -, achei melhor vir checar se eu não estava viúva.

Ela não tinha idéia de onde haviam saído tais palavras, mas, para seu encanto, Silas achou o comentário engraçado. E riu, realmente riu. E naquele momento, Colly aceitou que estava perdidamente apaixonada por ele.

— É melhor eu ir — disse ela, querendo ficar e nunca mais deixá-lo. — Sua enfermeira falou que a visita deveria ser breve. Você precisa descansar.

— Não tenho feito nada além de descansar desde que cheguei aqui.

— Em breve você estará de pé — ela o encorajou.

— Por que você veio? — perguntou Silas, mas as pálpebras começavam a cair. Colly decidiu que era melhor sair na ponta dos pés.

Ela não voltou ao hospital para vê-lo. Queria ir. Os dias se passaram e precisou de muita força de vontade para não retornar ao hospital. Não era adequado. O único requerimento no acordo deles era que ficassem meia hora diante do juiz. Não podia ir ao hospital uma segunda vez e arriscar ouvi-lo perguntar: "Por que você veio?"

Portanto, ficou longe, apesar de sentir-se enlouquecida para saber dos progressos de Silas. Diariamente folheava o jornal à procura de notícias, mas não havia nenhuma.

Então, subitamente, no fim da tarde de sexta-feira, uma semana desde que o vira, seu telefone tocou. Silas, pensou! Mas isso porque Silas estava sempre em sua mente. Tio Henry e Rupert também tinham o número de seu telefone.

— Alô — disse ela, agora esperando que fosse Rupert ou Henry.

— Tenho um pequeno problema. — Ela reconheceria a voz de Silas em qualquer lugar. O coração disparou.

— Onde você está? — perguntou, tentando controlar a ansiedade na voz.

— No momento, ainda no hospital.

— No momento? Eles disseram que você pode ir para casa?

— Eu estou indo para casa — replicou Silas. Havia uma diferença sutil entre "eles disseram" e "eu estou indo", Colly percebeu.

— Você está dando alta a si mesmo, não está? — Ela tentou não demonstrar a enorme ansiedade.

— Pela manhã.

Não entre em pânico. Fique calma.

— Você está bem o bastante para ir embora? — indagou Colly com cuidado.

— Estou cansado desta doença. Mais um dia aqui e estarei subindo pelas paredes. — Ele fez uma pausa antes de continuar: — O problema é, apesar de eu ter prometido a meu pai que não voltarei ao escritório até que meu médico me dê alta, minha mãe ameaçou bancar minha enfermeira se eu sair do hospital. A menos que -ele fez uma pausa — eu possa fazer alguma coisa a respeito.

— Isso me parece razoável — murmurou Colly com um sorriso.

— Você não conhece minha mãe. Ela é maravilhosa, mas tende a se exceder nos mimos. Vai querer tirar minha temperatura a cada cinco minutos e me alimentar a cada dez.

— Talvez seja melhor você ficar onde está — disse Colly, docemente.

— Sem chance! — Silas replicou rapidamente, então suspirou. — Na verdade, foi minha mãe quem me deu a resposta.

— Que resposta? — Colly quis saber.

E teve certeza que podia ouvir um sorriso na voz dele quando Silas começou a revelar:

— Foi enquanto eu estava tentando todos argumentos possíveis para impedir que minha mãe se mudasse para minha casa, uma vez que ela alega que é a pessoa certa para cuidar de mim, já que eu não tenho uma esposa para fazer isso, que me ocorreu uma idéia.

— Você não disse a ela que tinha uma esposa? — exclamou Colly chocada.

— Eu não estava *tão* em pânico assim. Apenas pensei, se você não estiver muito ocupada com alguma outra coisa agora, unicamente para tirar minha mãe do meu pé, você poderia ir para minha casa e ficar por uma noite ou duas. Naturalmente, você terá seu próprio quarto. Eu apenas... —A voz de Silas falhou e ela supôs que ele ainda não tinha recuperado todas as forças.

Colly o amava demais para colocá-lo em tamanho estresse. E não precisava pensar sobre o assunto.

— Irei buscá-lo no hospital amanhã às dez horas -disse ela decidida. E de modo autoritário: — Agora vá dormir.

— Sim, mãe — respondeu Silas zombando, mas Colly sabia que ele estava sorrindo.

Ela ficou sentada por diversos minutos depois do telefonema, apenas pensando em Silas. Supôs que para um homem que estava sempre trabalhando, sempre tão ocupado, ficar encarcerado deveria realmente enlouquecê-lo. Particularmente agora que não estava mais tão doente como antes.

Colly não tinha idéia do que envolveria "cuidar de Silas", mas, embora ele não estivesse totalmente recuperado, deveria estar se sentindo bem o bastante para deixar o hospital. E se precisava de companhia para passar a noite, ou mesmo durante o dia, então Colly sabia que tinha de ser esta pessoa, e ninguém mais.

Capítulo V

Com Silas sendo sua prioridade, Colly telefonou para casa de Rupert naquela sexta à noite e sugeriu que voltassem ao esquema anterior de horário de trabalho dela.

— Ah, você recebeu sua herança e não precisa mais do dinheiro suado, certo? — respondeu ele.

— Meu coração sangra — brincou ela. — Tudo bem para você?

— Sentirei sua falta. Ninguém faz café como você.

— Estarei aí para lhe fazer um café na próxima terça replicou ela e desligou.

Quando saiu do apartamento na manhã seguinte, Colly estava carregando uma sacola para passar uma noite ou mais. O fato de que cuidar de Silas enquanto se recuperava não ter sido parte do acordo, não estava em questão. Ela o amava, e se Silas tinha um problema, o lugar que Colly queria estar era a seu lado.

Eleja estava vestido e sentado numa cadeira quando ela chegou no hospital, e não parecia muito bem. Colly o estudou.

— Você perdeu peso!

Impaciente para partir, Silas se levantou e falou de modo irônico:

— Eu estive doente.

Ela riu. Mas ainda não estava muito feliz com o fato de ele deixar o hospital.

— Você tem certeza que deveria...

— Eu já tive esse sermão — ele a interrompeu.

— Espere até eu chegar à sua casa — ameaçou ela, e virou-se quando o viu tentando suprimir uma risada. -Sente-se de novo enquanto vou checar seus medicamentos — instruiu-o e foi procurar alguém responsável.

Armada com uma lista mental do que ele podia e do que não podia fazer, Colly retornou a Silas.

— Vamos? — pediu ele, levantando-se. Mais uma vez Colly notou como ele emagrecera, mas conteve um outro comentário. Precisava controlar suas ansiedades.

Com teimosia, ele andou sem ajuda até o carro dela. Estava um dia frio e Colly ligou o aquecedor. Silas adormeceu cinco minutos depois.

Ela sabia o endereço dele e felizmente encontrou-o sem problemas. Silas se mexeu quando chegaram no prédio onde morava.

— É impossível estacionar por aqui — disse ele e, alerta, dirigiu-a para sua garagem.

Sabendo agora onde ficava a garagem, Colly dirigiu de novo para frente do prédio.

— Você desce aqui enquanto vou estacionar — sugeriu ela.

O fato de Silas não ter discutido provou que não estava se sentindo tão forte quanto gostaria. Colly estacionou, pegou sua sacola de roupas e foi para o apartamento. Ele tinha deixado a porta aberta.

— Ainda não está na cama? — perguntou ela, encontrando-o sentado numa linda sala de estar.

— Você não imagina como é bom estar de volta -murmurou ele.

— Café? — Colly achou a cozinha enquanto perguntava-se qual era o melhor jeito de convencê-lo a ir para cama. Não queria discutir ou dizer algo que ele fizesse questão de contradizer. Mas cama parecia o melhor lugar para Silas.

Ela retornou à sala de estar com uma bandeja de café, deu-lhe uma xícara e sentou-se com a sua na cadeira oposta.

— Você provavelmente vai querer descansar na cama depois que beber isso — ela tentou o poder da sugestão.

— Por quê? O que você pôs no meu café?

Colly queria rir e bater nele ao mesmo tempo. Percebeu que sugestões seria perda de tempo.

— Você pode ter saído do hospital, mas ainda precisa descansar na cama.

Ele deu-lhe um olhar de desgosto, mas antes de dizer-lhe que ela era pior que a mãe dele, indagou:

— Como você está?

— Eu? Bem! — replicou ela, não querendo ser o assunto da discussão. — Melhor que você, eu diria.

— Se você precisar de alguma ajuda em relação aos bens de seu pai, meus advogados podem...

— Obrigada pela oferta, mas tudo está indo bem -interrompeu Colly. — Nanette quer vender a casa e não tenho objeção.

— Ela tem seu endereço atual?

— Não, mas tenho trabalhado período integral na galeria e tio Henry aparece sempre que há alguma novidade. Eu lhe contei sobre Henry Warren, o amigo de meu pai?

Silas não respondeu. Em vez disso, comentou outra coisa que ela mencionara:

— Você está trabalhando período integral? Pensei que apenas ajudasse na galeria uma vez por semana.

— Era assim — concordou ela. — Mas, quando descobri que o curso que quero fazer só começa em setembro, achei melhor encontrar um emprego remunerado, de modo que...

— Nós concordamos que eu ia sustentá-la! — Silas parecia irritado.

— Não me pareceu certo ficar sentada e usando seu dinheiro enquanto espero meu curso começar — explicou ela. — Mas, como não sou qualificada para fazer nada em particular, comentei com Rupert que precisava de um emprego remunerado, e ele me ofereceu um.

Silas ainda não parecia feliz.

— Então você teve de pedir folga no trabalho a fim de passar dois ou três dias aqui?

Ela meneou a cabeça.

— Com o novo testamento de meu pai, minha situação financeira mudou. Liguei para Rupert ontem à noite e disse-lhe que eu gostaria de voltar ao nosso esquema antigo.

O que esperava que Silas respondesse, não poderia ter dito, mas um tipo de gemido foi o que recebeu, seguido pela observação:

— Você é orgulhosa demais!

— Olhe quem está falando — retorquiu ela. — Você está morrendo em pé, mas não admite. — E, pelo modo como ele tencionou o maxilar, Colly percebeu que não chegaria a lugar algum com tal atitude. — Ora, Silas, pare com isso. — E quando ele a olhou de maneira obstinada: — Talvez eu precise dar uma saída daqui a pouco. E me sentirei muito mais feliz se souber que você está deitado, recuperando suas forças.

— Para que você teria de sair? — ele quis saber.

— Você precisa comer. Se vou cozinhar...

— Você não tem de cozinhar para mim... — protestou ele e Colly o interrompeu:

— Ouça, Livingstone. Desisti de meu emprego, não de um grande emprego, admito, mas tudo que pude conseguir por enquanto, para vir aqui cuidar de você. Mas se não tenho capacidade de fazê-lo ir para cama, e se não tenho permissão para alimentá-lo com o que considero nutritivo, então, poderia me dizer exatamente o que estou fazendo aqui?

Você está aqui para atender ao telefone quando minha mãe ligar, o que vai acontecer a qualquer momento, se não estou enganado. E — ele lhe lançou um olhar com cautela -, você não deveria falar assim comigo. Não ando muito bem de saúde.

Rir ou bater nele? Ela estava tentada. A risada venceu. Colly virou-se a fim de não ser vista. Ainda de costas, perguntou:

— Sua mãe sabe que estou aqui? Quem eu sou? Quero dizer... que somos casados?

— Oh, não! Se ela soubesse que estou casado, já estaria aqui para conhecê-la. Eu apenas lhe disse que uma amiga gentil, que não era nada mais que amiga no momento, viria passar alguns dias.

E aquilo aborreceu Colly. Embora estivesse ciente de que ciúme era a causa principal.

— Você tem muitas amigas gentis com as quais não tem nada no momento? — questionou brevemente.

Ele deu de ombros.

— Nenhuma que eu me importe o bastante para dar esse tipo de privilégio.

— Não tenho certeza, mas acho que você acabou de me fazer um elogio.

Silas não confirmou nem negou, mas a informou:

— A Sra. Varley passou a maior parte do dia aqui ontem. Ela...

— Sra. Varley? — Colly o interrompeu. — Posso saber quem é Sra. Varley?

— Ela é uma boa alma que trabalha aqui cinco manhãs por semana. Quando não está limpando, lavando ou passando roupa, cozinha. E também faz as compras de mercado. Quando telefonei, ela disse que deixaria uma torta pronta para o jantar de hoje.

— Presumo que eu tenha permissão de esquentá-la? O telefone tocou antes que ela recebesse qualquer resposta.

— Diga a minha mãe que estou bem e...

— Devo atender seu telefone?

— Ela virá correndo para cá se não for atendida -avisou Silas sem se mexer.

— Vá para cama — Colly chantageou-o abertamente.

— Eu poderia contar a ela que somos casados. — Silas devolveu a chantagem com uma própria. Colly decidiu não arriscar.

Foi para o insistente telefone e pegou-o.

— Alô — murmurou nervosa.

— Olá — respondeu uma voz feminina calorosa. — Eu sou Paula Livingstone, mãe de Silas — apresentou-se — li você é Colly?

— Isso mesmo.

— Você levou meu filho para casa? Como ele está? Ele não me dirá se eu perguntar.

Colly lançou um olhar em direção a Silas.

— Ele parece muito melhor do que da última vez que o vi. — Ela achou que aquela era uma resposta segura.

Apenas para descobrir que tinha convidado mais perguntas e especulação de Paula Livingstone.

— Você viu Silas quando ele estava no hospital? De alguma maneira, Colly não foi capaz de mentir.

— Apenas por um pequeno período de tempo, quando ele estava na unidade de isolamento. — Colly sentiu que Silas lhe enviou um olhar de reprovação e virou-se de costas para ele.

— Eles a deixaram vê-lo? Oh, isso foi gentil — Paula observou carinhosamente. — Fui informada que somente membros da família tinham permissão.

Oh, céus. E agora?, pensou Colly.

— Eu o vi no seu último dia lá. Creio que Silas saiu da unidade de isolamento logo depois. — Ela teve de virar-se para dar uma outra olhada nele. Silas estava meneando a cabeça de um lado para o outro. Colly sentiu vontade de cair na gargalhada, mas conteve-se. -listamos apenas tomando uma xícara de café, e Silas vai para cama em seguida — concluiu.

— Oh, ótimo. Estou tão feliz que você está aí com ele — murmurou Paula Livingstone.

— A senhora gostaria de falar com ele?

— Não, não. Ele vai me acusar de ser pedante. Eu iria aí pessoalmente, mas ele sempre teve uma personalidade muito independente. Além disso, é claro que larguei tudo quando Silas ficou doente, o que significa que estou atrasada com meu trabalho do comitê. Mas se você precisar de mim por qualquer razão, por menor que seja, eu estarei aí. Não hesite em me ligar.

Colly desligou o telefone depois de responder à mãe de Silas que esperava não precisar falar-lhe novamente.

— Não lidei com isso muito bem, lidei? — perguntou a um Silas infeliz.

— Você se saiu bem — respondeu ele. Colly sabia que não era verdade.

— Não sou muito boa em subterfúgios — observou ela. — Tudo que consegui agora foi fazer sua mãe acreditar que sou quase tão íntima como se fosse da família.

— Nós não vamos nos divorciar — comentou ele, fazendo uma careta cômica e Colly riu.

— Oh, cale-se — ordenou ela. — E, se não quiser fazer de mim uma mentirosa, vá para cama.

Silas olhou-a por um longo momento, mas, para surpresa de Colly, sem outra palavra, saiu da sala. Aquilo a informou que estava mais cansado do que jamais admitiria.

Movendo-se o mais silenciosamente possível para não perturbá-lo, Colly colocou as xícaras e pires na bandeja e foi para cozinha. Então lavou a louça e investigou os armários. Ele precisaria de uma refeição leve dali a algum tempo.

Dando uma olhada na geladeira e no freezer, viu que a Sra. Varley estivera extremamente ocupada. Havia alimentos o suficiente para uma semana. Colly preparou alguns vegetais, e começou a se perguntar onde seria o seu quarto.

Sentia-se um pouco hesitante em investigar, mas gostaria de saber onde dormiria aquela noite. Levando sua sacola de roupas consigo, andou ao longo do corredor. Havia várias portas a escolher.

Antecipando que uma delas seria a porta do quarto de Silas, bateu de leve à primeira porta e abriu-a devagar. Era o quarto de Silas.

Ele não estava dormindo, mas, totalmente vestido aparte os sapatos, encontrava-se deitado sobre as cobertas, lendo.

— Desculpe-me perturbá-lo — murmurou ela, sentindo-se enrubescer -, mas eu estava procurando pelo meu quarto...

— Eu deveria ter lhe mostrado — disse ele, e antes que Colly pudesse detê-lo, Silas estava fora da cama, aproximando-se.

— Eu o encontro — protestou ela. — Apenas...

— Eu não estou *totalmente* debilitado. — Ele liderou

O caminho no corredor para o quarto do final. — Está bom para você? — perguntou, abrindo a porta e permitindo que ela entrasse primeiro.

Por alguns segundos, Colly sentiu-se em dúvida se deveria ficar lá. Estava fazendo um favor a *ele*, não o contrário! Então, olhou-o e percebeu que Silas detestava estar doente, detestava sentir-se enfraquecido, e, acima de tudo detestava ter de pedir ajuda de alguém. Seu coração doeu por ele.

Colly sorriu-lhe.

— Você é um pouquinho bruto, Livingstone. E este -disse ela olhando ao redor — é um quarto adorável. Um gemido foi a resposta de Silas quando saiu para retornar ao próprio quarto.

Após desarrumar sua mala, Colly foi para cozinha. Decidiu-se por uma omelete de presunto com salada, e gostaria muito de levá-la para Silas numa bandeja. Todavia, em vista da atitude ríspida dele há pouco tempo, decidiu tratá-lo como ele gostaria de ser tratado. Colocou dois pratos na mesa da cozinha e, quando tudo estava pronto, foi chamá-lo.

— Eu pus a mesa na cozinha. O almoço está pronto quando você estiver. — Ela virou-se e voltou para cozinha. Menos de trinta segundos depois, Silas a alcançou.

Ele tinha comido metade da omelete quando pôs o garfo e a faca de lado. Claramente não podia comer mais.

— Desculpe-me — murmurou. Colly sorriu.

— Você está perdoado. E eu tentarei ser mais compreensiva — acrescentou.

E o amou mais ainda quando, sorrindo, Silas falou:

— Minha esposa realmente não me entende. — Ela teve de sorrir de novo, mas não podia negar a pequena felicidade que sentiu por ouvi-la chamar de esposa.

Depois do almoço, Colly se certificou de que ele tomasse os remédios. Achou que ele parecia cansado de novo e perguntou-se se era a melhor pessoa para cuidar de Silas. Estava tendo dificuldade em ser objetiva no assunto.

Ficou aliviada quando ele se retirou para o quarto, porque, mesmo se não tivesse a intenção de dormir, Silas descansaria deitado na cama.

Ele apareceu na cozinha quando ela estava preparando o jantar, uma das tortas de frango da Sra. Varley, acompanhada de batatas, brócolis e cenouras.

Colly viu que o apetite de Silas não apenas tinha retornado, como achou que ele havia gostado do que comeu quando perguntou:

— Aonde você aprendeu a cozinhar?

— Considerando que o jantar deve-se principalmente a Sra. Varley, minhas habilidades culinárias vêm do que acho que se chama "prática" — respondeu Colly.

— Você não teve treinamento formal?

Ela meneou a cabeça. A governanta deles tinha partido uma semana antes de Colly deixar a escola. Ela saía da escola em um dia, e no dia seguinte, era governanta.

— Tem pudim de leite se...

— Não, obrigado — recusou ele. — Está quente aqui. Acho que vou para meu quarto.

Não estava realmente quente. Você está sentindo muito calor? — indagou ela, tentando não parecer tão preocupada quanto se sentia. Calor, frio... é tudo parte do território da febre. Vai passar — disse ele confiante e deixou a mesa.

Colly ocupou-se, arrumando a cozinha, entretanto, estava determinada a ficar de olho em Silas, aquilo o incomodasse ou não. Para tal fim, foi para o quarto dele logo depois das dez, e encontrou-o debaixo das cobertas dessa vez, apoiado sobre os travesseiros e com os olhos fechados. Os ombros e braços estavam descobertos, fazendo-a assumir que ele dormia sem pijamas ou ainda estava sentindo calor.

— Eu lhe trouxe um pouco de água. Você pode sentir sede à noite — disse ela amavelmente, enquanto ele abria os olhos. — Eu ia preparar uma bebida para mim... você quer alguma coisa? Um chá, talvez?

— Venha aqui e converse comigo — Silas pediu.

— Você está entediado?

— Muito.

— Pobrezinho — ela murmurou o termo de maneira carinhosa antes que pudesse evitar. — Ainda sentindo calor? — perguntou de uma forma mais profissional.

— Agora não — replicou ele e, como se tentando lembrar-se de que era o anfitrião ali:

— Você tem tudo que precisa? Se...

— Tenho absolutamente tudo que preciso — Colly falou apressada e, no momento que ele parecia pronto para se sentar e assumir o comando, foi para o lado da cama e se sentou a seu lado. -Acredito que sua aparência já está melhor — tentou encorajá-lo. — Se puder descansar o máximo possível nos próximos dias... — Ela parou quando notou, pela expressão de Silas, que o estava entediando ainda mais. — Certo! Vou aliviá-lo de minha companhia!

— O que eu disse? — protestou ele. Ela o fitou e amou-o tanto.

— Tente dormir um pouco — murmurou gentilmente e, quando foi se levantar, sentiu tanta compaixão por aquele homem forte que tinha sido infectado por um vírus tropical que não pôde resistir à vontade de inclinar-se e beijá-lo.

A sensação dos lábios dele sob os seus a levou de volta à realidade. O que achava que estava fazendo? Colly endireitou o corpo rapidamente e já ia desejar-lhe boa noite, quando Silas encontrou a voz:

— Isso faz parte de seu papel de enfermeira? — perguntou, olhando-a solenemente.

Oh, céus!

— Apenas finja que sou sua mãe — disse ela, totalmente sem jeito e envergonhada.

— Minha imaginação não é tão boa assim.

— Boa noite, Silas. — Colly saiu do quarto, sabendo que nunca, nunca mais faria aquilo.

Na verdade, mal podia acreditar que tinha feito uma coisa daquelas. Ele não a pedira que o beijassem, e certamente não precisava de seus beijos. Todavia, lembrou-se. Silas a beijara duas vezes antes sem que ela lhe pedisse. Um calor percorreu-lhe o corpo. De qualquer forma, não deveria ter agido por impulso.

Colly acordou diversas vezes durante a noite e teve de conter a vontade de ir dar uma olhada em seu paciente.

Mas, às cinco horas da manhã, não conseguiu mais continuar na cama e se levantou. Vestindo um robe de algodão por cima da camisola, cedeu à necessidade de ver Silas.

Acendeu a luz do corredor e foi para a porta dele. Silas podia estar dormindo, portanto Colly decidiu entrar sem fazer barulho. Abriu a porta devagar ficou parada, mas mesmo com a luz do corredor, não podia ver muita coisa. Entrou mais no quarto.

Ele estava deitado de costas com o peito descoberto e claramente tinha sentido calor durante a noite. Ela ficou olhando-o e queria tocar-lhe a testa a fim de sentir a temperatura. Porém, Silas dormia pacificamente e era melhor não perturbá-lo.

Negando a necessidade de cobrir-lhe o peito, virou-se. Mas quando chegou à porta, ouviu:

— Se você vai fazer um chá...

Colly sorriu, mas não se virou. Que danado! Estivera acordado o tempo todo em que ela o observava. Ela foi para cozinha.

Silas estava sentado na cama com o abajur ligado quando Colly retornou.

— Dormiu bem? — perguntou ela, entregando-lhe o chá que ele pedira.

— Eu ia lhe fazer a mesma pergunta.

— Muito bem — disse ela.

— Você normalmente acorda às cinco da manhã?

— O "normal" desapareceu quando eu o peguei no hospital ontem.

— Eu sou um fardo tão grande? — indagou ele seriamente.

Olhando-o, Colly teve de sorrir.

— Não quando você obedece. — Ela tentou parecer séria e fracassou.

— Sou famoso por saber cumprir ordens — mentiu ele.

Colly o fitou com ceticismo.

— Você vai tomar café da manhã na cama? — Ela desafiou-lhe o protesto, mas pôde ver que a idéia não era nada atraente.

— Eu devo? Ela sorriu.

— Oh, Silas. Você está tentando arduamente.

— Isso significa que não preciso tomar café na cama? Eles tomaram o café na cozinha, às sete. E às sete e meia o telefone tocou.

— É minha mãe — afirmou Silas confiante.

— Ela vai querer falar com você — replicou Colly.

— Eu sei. — Silas se levantou para atender.

Algumas horas depois, o mundo parecia ter descoberto que Silas estava fora do hospital e ele passou o resto do dia atendendo chamadas telefônicas.

Falou com o pai e com o primo Kit, também. E, por mais que tivesse prometido ao pai que não retornaria ao escritório antes que o médico autorizasse, e por mais que fosse domingo, isso não o impediu de ler longas conversas sobre negócios com alguns de Meus diretores quando ligaram para lhe desejar estimas melhoras.

Mas no fim do dia, quando Colly levou uma jarra de água para o quarto dele, notou que Silas parecia muito melhor. Supunha que o fato de ter tratado de negócios cru parcialmente responsável pela melhora.

— Você teve um bom dia hoje — comentou ela. Silas tinha tomado banho recentemente e estava de robe, encostado nos travesseiros. — Mas não vai exagerar amanhã, depois que eu for embora, certo?

Em vez de concordar que se cuidaria, ele falou:

— Embora? Para onde você vai?

Surpresa, Colly o encarou, o coração disparado no peito. Parecia que ele não queria que ela se fosse! Mas ti lógica pura afastou tal idéia da mente de Colly. Talvez Silas não quisesse que ela partisse, mas apenas porque, caso contrário, a mãe dele poderia aparecer várias vezes por dia.

— Você me pediu para ficar uma ou duas noites — ela o lembrou. — Esta noite será a segunda.

— Tenho sido um paciente tão terrível assim? — perguntou ele.

— Bem, considerando que você faz as coisas do seu jeito, independentemente do que eu diga, você tomou os medicamentos nos horários certos, portanto...

— Fique mais uma noite? *Como prazer.*

— Você está apenas com medo que sua mãe venha assumir o controle e o faça comer verduras — Colly conseguiu brincar.

— Por favor — pediu ele gentilmente. Então franziu o cenho. — Você vai sair com algum namorado amanhã, é isso?

Ela lhe deu um sorriso charmoso.

— Apenas porque a sua vida amorosa está parada no momento, suponho que eu posso cancelar meu encontro — disse ela, não havendo encontro algum.

— Você realmente deve colocar seu marido em primeiro lugar, Sra. Livingstone — replicou ele com um sorriso encantador.

O coração de Colly saltou de alegria por ser chamada assim.

— Boa noite — murmurou e saiu do quarto quase dançando. Ele a tinha chamado de Sra. Livingstone e ela iria passar mais um dia a seu lado.

Seus padrões normais de sono estavam uma bagunça, e Colly acordou de novo às

cinco da manhã e foi medicá-lo. Silas parecia estar dormindo pacificamente, mas já a tinha enganado antes.

— Chá? — ofereceu ela, a voz não mais que um sussurro.

— Por favor — respondeu ele, mas não abriu os olhos. Aquele dia se desenrolou de maneira um pouco diferente dos dois anteriores. Depois de tomarem café da manhã na cozinha, Paula Livingstone telefonou e não desligou até às 7h45. Colly ficou arrumando a cozinha, mas Silas não fechou a porta, e ela podia ouvir parte da conversa.

— Eu estou bem — ela o ouviu repetir. — Não há a menor necessidade... Sim... Mas... Certo, eu vejo você amanhã.

— Sua mãe vem visitá-lo amanhã? — Colly perguntou quando ele retornou à cozinha.

— Eu deveria saber que não adianta discutir — murmurou ele e parecia tão triste que Colly caiu na gargalhada. Silas apenas sorriu. — Minha mãe está ansiosa para conhecer você.

— De jeito nenhum!

— Você vai gostar dela — prometeu Silas, lira claro, apesar das objeções quanto ao excesso de mimo, que ele amava muito a mãe.

— Eu tenho certeza de que gostaria — replicou Colly. Ela foi adorável comigo ao telefone. Mas eu já lhe disse, não sou boa em subterfúgios. Em meus esforços para não revelar a verdade sobre nós, eu apenas diria coisas inadequadas. E, de qualquer forma, você não iria querer que eu a conhecesse. Nós temos um... casamento secreto.

— Verdade — concordou ele. — Embora eventos que não pudemos prever nos pegaram de surpresa.

— Você não teve culpa de ficar doente. — Ela descobriu que o estava defendendo.

— Verdade de novo — disse ele. — Embora eu não devesse ter lhe pedido para me apanhar no hospital. — Ele parou, olhando-a demoradamente, antes de sugerir: — Mas talvez, você tenha começado isso quando, de forma totalmente inesperada, decidiu ir ao hospital me fazer uma visita.

Acalme-se, disse Colly a si mesma começando a entrar em pânico. Não queria que ele especulasse seu motivo de ter ido ao hospital.

— Por aquela reportagem exagerada do jornal, eu pensei que você estivesse nos últimos suspiros — murmurou ela alegremente.

O que ele teria respondido foi perdido quando ambos ouviram a campainha tocar.

— É a Sra. Varley — Silas a informou. E como a Sra. Varley usava a própria chave para entrar, um minuto depois, Silas as estava apresentando. A Sra. Varley estava ansiosa para saber sobre o estado de Silas, que assegurou-lhe que estava bem e retirou-se para o quarto em seguida.

— Posso ajudá-la em alguma coisa? — Colly ofereceu para a mulher mais velha. O apartamento parecia imaculado, mas ela não podia ficar sentada enquanto a Sra. Varley trabalhava.

— Eu tenho meu próprio sistema e gostaria de mantê-lo, mas obrigada de qualquer forma. — A Sra. Varley recusou a oferta alegremente e Colly voltou a seu quarto.

Com o próprio quarto arrumado, e sentindo-se desconfortável com a idéia de ficar à toa enquanto uma mulher bem mais velha passava o aspirador de pó, Colly estudou suas opções. Podia ficar sentada onde estava, fazendo absolutamente nada, ou podia ir sentar-se com Silas no quarto dele. Silas reclamara sobre estar entediado na noite anterior, atendeu uma pequena voz interior. Porém, ele possuía um telefone no quarto, e, se o dia anterior fosse uma amostra, gostava de conduzir negócios para espantar o tédio.

Percebendo que Silas poderia não apreciar sua interrupção, Colly decidiu que a única

escolha era ocupar-se com alguma coisa.

Vestindo um casaco, pegou a bolsa e parou. A aliança de casamento estava dentro da bolsa. Ela a removeu, sabendo que não tinha o direito de usá-la. Mas, ciente de sua fraqueza, teve de experimentar uma última vez.

Quando olhou para a mão esquerda, se sentiu tão emotiva que soube que precisava sair um pouco do apartamento. Retirando a aliança e guardando-a no bolso, saiu do quarto, encontrou a Sra. Varley e informou-a de que sairia por uma ou duas horas. Então foi transmitir a mesma informação para Silas.

Ele estava acabando de desligar o telefone quando ela entrou. Antes que pudesse dizer uma palavra, Silas pareceu notar-lhe o traje apropriado para sair e perguntou:

— Aonde você vai?

— Precisamos de alguns legumes para salada.

— A Sra. Varley pode sair para fazer compras.

— A Sra. Varley tem bastante coisa para fazer! — respondeu Colly. — E se você pedir com modos, tenho certeza de que ela lhe fará um café.

— Eu vou com você — ele afirmou categoricamente.

— Não, você não vai! — Ignorando a expressão determinada dele, acrescentou: — A Sra. Varley disse que está muito frio lá fora, e você ainda sofre extremos de temperatura. Precisa ficar no mesmo ambiente.

— Quem lhe disse isso? — perguntou Silas.

— Ninguém precisa me dizer. Isso é algo que as mulheres simplesmente sabem. — Ela o fitou. — Há alguma coisa que você queira da rua? Algum trabalho de banco que quer que eu faça? — Colly recusou-se a desviar o olhar. — Você *pretende* descontar aquele cheque que eu lhe enviei, espero.

— Não acho que eu deveria. Nós fizemos um acordo e aquele dinheiro era parte do mesmo.

— Concordo — disse ela porque não podia negar. -Mas tenho meu próprio dinheiro agora e não me sinto confortável aceitando o seu.

— Igualmente! Aceitar o seu dinheiro de volta seria muito injusto. — Ela abriu a boca para discutir, mas ele continuou rapidamente: — Eu tenho o pedaço de papel que necessito, o certificado de casamento. Você não tem nada. E isso me coloca sob uma obrigação... e não gosto disso.

— E você me chama de orgulhosa! — exclamou ela. Então, lembrou-se do quanto ele estivera doente, e como ainda precisava de cuidados, e falou com mais suavidade: — Você esqueceu o que fez por mim quando eu não sabia que rumo tomar? Esqueceu-se que estou morando num apartamento adorável, totalmente de graça?

— Eu não me esqueci de nada — resmungou ele. E a paciência de Colly acabou.

— Oh, você é impossível! — explodiu ela e, enfiando mão no bolso, removeu a aliança de casamento. -Aqui, fique com isto!

— O que é isso? — ele quis saber. Colly quase o golpeou.

— Eu sempre quis lhe devolver a aliança de casamento. Apenas não achei sensato fazê-los nos degraus tio cartório.

Silas pegou a aliança.

— O que devo fazer com isso? — perguntou de modo ríspido.

Ela o olhou com raiva. Guarde-a. Como uma lembrança dos bons tempos! — Dando-lhe as costas, Colly foi para a porta.

Então escutou a risada de Silas. Ele tinha recuperado o bom humor. Estranhamente, quando saiu do apartamento, ela percebeu que tinha um sorriso no rosto. Amava-o tanto.

Mesmo discutir com ele a fazia se sentir viva!

Sabendo que a Sra. Varley passaria a manhã no apartamento, Colly ficou fora por quase duas horas. A Sra. Varley faria café para Silas e o que mais ele requisitasse e ficaria ao seu lado. Colly sabia que estava aproximando-se? demais de Silas. Por amá-lo, queria estar perto dele, mas, ao mesmo tempo, sentia-se nervosa com tal proximidade.

Supôs, como Silas havia dito, que ela começara a toda indo vê-lo no hospital aquele dia. Contudo, estar a seu lado não fazia parte do acordo e, embora tivesse sido idéia dele que ela fosse passar alguns dias lá, Colly não podia evitar pensar que Silas se arrependeria do próprio pedido assim que a saúde tivesse voltado ao normal. Uma vez que estivesse recuperado, provavelmente ia desgostar da situação que ela instigara com a visita no hospital.

Quando Colly retornou ao apartamento, sentia-se mais calma. Permanecer um tempo fora lhe fizera bem, mesmo sabendo que precisara de grande esforço para T não retornar logo. E enquanto queria saborear cada momento que pudesse estar com Silas, também sabia que não mais o veria depois do dia seguinte. Amanhã, antes de Paula Livingstone chegar, ela partiria.

Uma vez que não possuía a chave do apartamento, tocou a campainha. A Sra. Varley abriu a porta e, depois de alguns minutos de conversa amigável, retornou às suas tarefas. Colly levou as sacolas de compras para cozinha e, apesar de sua determinação em manter distância de Silas, teve de ceder à necessidade de vê-lo.

Silas não estava na sala de estar e nem em seu quarto. "Eu vou com você", ele tinha dito quando ela lhe avisara que ia sair. Oh, certamente ele não tinha saído sozinho! Tentando não entrar em pânico, Colly foi procurá-lo.

Encontrou-o num quarto que não havia estado antes. Era um escritório. Ele estava *trabalhando!*

— O que você acha que está fazendo? — ela exigiu saber.

Ele a olhou... e sorriu. Realmente sorriu. A expressão zangada de Colly aparentemente o divertia.

— Você não me deixou sair — respondeu ele de modo inocente, um homem que faria exatamente o que queria sem se incomodar em pedir permissão. — Não achei que: se importaria se eu encontrasse alguma coisa para me ocupar enquanto você estivesse fora. Colly se acalmou.

— Isso significa que você pretende ir descansar em algum lugar agora?

Ele ignorou a pergunta e anunciou inesperadamente:

— Meu pai veio aqui logo depois que você saiu. E lamentou por ter vindo justo na hora que você estava fora.

Colly não lamentava. De um jeito ou de outro, a família de Silas estava se aproximando. Verdade, Silas estivera muito doente e ainda se recuperava. Nada mais natural que os pais quisessem acompanhar o progresso do filho agora.

— Você disse que eu tinha saído? Eu disse a ele que você tinha ido a uma palestra...

— poderia demorar bastante.

Ela sorriu com a implicação de que duas horas era muito tempo para comprar legumes. Você não lhe contou mais nada? Silas meneou a cabeça.

— O que temos é pessoal para nós, Colly. O coração dela disparou. Aquilo soava maravilhoso, mesmo sabendo que a única coisa pessoal para eles era o casamento secreto. E, embora instintivamente soubesse que Silas nunca mentiria para o pai, ele não diria nada mais pessoal entre eles do que aqueles falou no certificado de casamento.

Colly virou-se quando o telefone tocou. Era inútil pedir-lhe que descansasse. Silas

estava falando de negócios antes que ela saísse do escritório.

E, do ponto de vista de Colly, ele pagou o preço por não descansar. A Sra. Varley partiu na hora do almoço. Mas Silas estava sem apetite para almoçar. Colly levou-lhe uma sopa no escritório. Ele não tinha fome na hora do jantar também. Mesmo assim, insistiu em sentar-se à mesa durante a refeição.

— Por que você não vai para cama? — sugeriu ela quando viu que ele comeria tudo que podia agüentar.

Ele pareceu hesitar e, no momento que Colly tinha certeza que ele negaria, Silas levantou-se.

Ele estava na cama quando Colly entrou no quarto um pouco depois. Não estava lendo, mas apenas deitado ali. Ela ficou ainda mais preocupada.

— Como sua enfermeira, há algo que eu deva saber? — perguntou delicadamente.

— Eu a informarei — replicou ele e fechou os olhos. Colly saiu rapidamente do quarto.

Mas não conseguiu se acomodar. Ficou um pouco menos preocupada quando ouviu barulho de água, indicando que ele estava tomando banho. Mesmo assim, não pôde resistir dar uma outra olhada nele antes de se acomodar para dormir. Entrou no quarto de Silas na ponta dos pés. Ele tinha apagado a luz e parecia estar dormindo. Colly saiu silenciosamente.

Depois de um banho, entrou debaixo das cobertas. Porém, às duas da manhã, continuava acordada. Quando o relógio deu três horas, Colly desistiu. Não adiantava. Sabia que não descansaria enquanto não checasse se Silas estava bem.

Chamando-se de grande tola, ainda assim saiu da cama, vestiu o robe e, incapaz de negar o instinto que a instigava, andou silenciosamente pelo corredor e entrou no quarto sem fazer barulho. E a visão que encontrou seus olhos, a fez agradecer a Deus por ter tido tal atitude.

A luz do abajur estava acesa e Silas estava encolhido na cama, tremendo.

— Você deveria estar dormindo — disse ele quando a ela correu para dentro do quarto, incerta do que era melhor fazer.

— Onde você guarda sua bolsa de água quente? — perguntou, aproximando-se e cobrindo-o melhor.

— Eu não tenho uma — respondeu ele, o corpo inteiramente tremendo de frio.

— Eu volto em um minuto.

— Não ouse chamar um médico! — instruiu Silas. E quando ela o olhou de maneira obstinada, acrescentou: — Isso não é nada perto dos ataques que tive no hospital. Aquilo a fez se sentir apenas um pouquinho melhor.

— Eu vou ligar o aquecimento. — Colly foi procurar os controles. Descobrimo que o sistema era programado para fechar durante a noite, ligou-o no máximo e correu para seu quarto, a fim de pegar a coberta de sua cama.

De volta a Silas, envolveu-o na segunda coberta.

— Vou lhe preparar um chá quente — disse ela.

— Um conhaque seria melhor.

— Não tenho certeza. Talvez não seja permitido com medicação. Vou fazer o chá.

Colly ainda estava indecisa se devia ou não chamar o médico, mas decidiu esperar por meia hora e ver se a tremedeira de Silas melhorava. De qualquer forma, depois que lhe levou o chá, não tinha intenção de deixá-lo sozinho.

Olhou para o robe de seda dele aos pés da cama, mas não achou que muito calor seria obtido dali, caso conseguisse vesti-lo em Silas.

— Sente-se e beba isto — ordenou ela, então colocou o chá no criado-mudo e puxou a

coberta em volta dele. Na verdade, Colly ainda tinha um braço no corpo trêmulo de Silas quando ele deu alguns goles, quis mais e inclinou-se contra ela.

— Ponha seu braço debaixo das cobertas e tente dormir — murmurou ela gentilmente.

Ele pôs o braço debaixo das cobertas, porém ela suspeitou que mais porque estava com frio do que porque queria obedecer.

— Você precisa dormir também — respondeu ele.

— Eu irei... daqui a pouco — replicou Colly e, meio sentada, meio inclinada contra ele, cobriu-o mais uma vez. — Tente relaxar.

— Mantenha-me aquecido — sussurrou ele, e move se para que Colly pudesse se aproximar.

Não foi necessário considerar aquilo. Silas era sua única prioridade. Ela deitou-se a seu lado, por cima d cobertas, a cabeça nos travesseiros, perto da dele.

— Você ficará bom logo — sussurrou suavemente.

— Fique comigo — murmurou ele e não disse mais nada, mas aconchegou-se contra ela, como se procurando seu calor.

E Colly ficou a seu lado, um dos braços envolvendo-o. Alguns minutos depois, Silas parou de tremer.

Quando outros dez minutos tinham passado e, embora Silas fosse acometido por um tremor ocasional, a tremedeira sucumbira, Colly pensou e esperou que o pior tinha passado. Mas, principalmente, porque não tinha certeza, permaneceu ali. E abraçou o seu amor.

Gradualmente os tremores ocasionais também desapareceram. Ela o sentiu começar a relaxar, ouviu a inspiração de Silas se tranquilizar, e relaxou também. Relaxou tanto que fechou os olhos.

Colly mexeu-se durante o sono... e bateu em alguma coisa. Abriu os olhos... Sempre dormia sozinha.

— Bom dia, Sra. Livingstone — disse seu companheiro de cama.

— Silas! — exclamou ela, assustada, um milhão de emoções dominando-a. — Como... você está? — perguntou, já tentando sair correndo dali. Ele estava sentado com o braço ao redor dos ombros dela, segurando-a.

— Des... desculpe-me — gaguejou antes que ele pudesse responder. — Você estava tremendo, eu tentei mantê-lo aquecido — explicou apressada.

Da maneira mais honrada.

— Sim... bem — Colly não entendeu o que ele quis dizer. — É melhor eu ir agora.

— Não tenha pressa — replicou ele para surpresa de Colly. E, com um sorriso que ela simplesmente adorava:

—Não estou nem perto de minha força anterior.

Aquela era uma admissão e tanto, vinda dele. Colly procurou sinais de exaustão que tinha visto no rosto pálido na noite anterior. Não havia nenhum.

— Vamos agradecer as pequenas graças — disse ela.

— Sim. — Silas abaixou-se e beijou-lhe de leve nos lábios.

Ela o amou ainda mais. E então fez uma séria tentativa de se mover. E foi quando seu pé encontrou uma perna nua! Colly o encarou, atônita. Estava *debaixo* das cobertas!

— Eu não entrei na cama com você. Eu juro que não — protestou com veemência. — Você não fez isso — concordou ele. — Quando acordei por volta das seis, sua coberta estava no chão. Você estava dormindo tão pacificamente que achei uma pena acordá-la. Então eu a cobri.

— Você é muito bom para mim — murmurou ela, e do novo, tentou sair da cama, mas

o rosto de Silas estava tão perto que, num impulso completamente louco, ela o beijou. — Desculpe-me. Terei de conter meus impulsos perversos. — Colly riu, esperando cobrir a culpa.

É só que você estava tão mal que é um alívio saber que está bem agora e que, independentemente de você ter me ordenado para não fazê-lo, eu fiz a coisa certa em não chamar o médico. — Ela estava tagarelando e parou. — Você está bem, não está?

Os olhos azuis a fitavam com bom humor.

— Você me diz — sugeriu ele e, abaixando a cabeça beijou-a longa e profundamente.

— Oh — murmurou ela quando Silas levantou a cabeça de novo. — Eu acho... que você está mais forte do que tenta parecer. — De alguma maneira, a vontade ter deixar o quarto tinha desaparecido.

— Acho que você pode ter razão — concordou ele soltou a colcha para que ela pudesse se libertar.

Colly sentou-se. Os corpos de ambos colidiram.

— Desculpe-me — repetiu ela, fazendo um tremendo esforço para se levantar e não obtendo sucesso. — Por que estou me desculpando? É você quem está tentando me tirar do caminho!

— Acusação absurda! — negou Silas e de repente os dois estavam rindo. E assim que pararam de rir, ficaram se entreolhando. E então se beijaram.

E foi maravilhoso. Em poucos segundos, estavam se abraçando feito um casal apaixonado, trocando beijos e carícias. O coração de Colly batia descompassado.

— Oh — sussurrou ela, amando-o e sentindo-se num inundo totalmente novo e abençoado quando as mãos másculas começaram a lhe acariciar as costas. — Não tenho certeza se isso é bom para você — murmurou num isolado momento de sanidade.

— Eu serei o juiz disso — sussurrou Silas contra seu pescoço, e no próximo momento, Colly percebeu que estava deitada debaixo dele e mãos grandes estavam sobre sua camisola, acariciando-lhe o corpo quente.

Choque a assolou. As carícias estavam ficando mais intensas, mais íntimas.

— *Não!* — exclamou, a mente em pânico, mas certamente queria dizer sim. Ela o queria.

— Não? — perguntou ele. Isso não é... Você... Pare! — ordenou ela quando mais uma vez as carícias de Silas estavam indo longe demais.

A mão máscula parou sobre a coxa de Colly. Ele inclinou-se e beijou-a ternamente. E ela estava perdida.

— Este poderia ser o melhor remédio para nós dois, você não concorda? — perguntou ele contra a boca de Colly.

As palavras "sim, sim" já estavam se formando, mas foi quando a campainha tocou. Colly olhou perplexa para o relógio do criado-mudo. Oito e meia da manhã. *Oito e meia!*

— A Sra. Varley — disse ela, saltou da cama num movimento brusco e correu de volta para seu quarto.

A Sra. Varley tinha a chave do apartamento e entraria sozinha. Tocar a campainha era uma mera cortesia, apenas para avisar que estava chegando. Colly foi tomar um banho e se vestir.

Estava quase pronta quando a mente começou a girar com perguntas. Se a Sra. Varley não tivesse chegado, Colly e Silas poderiam ter feito amor. Pensando melhor, eles certamente teriam feito amor. Ela tinha colocado toda a resistência que fora capaz e, como Silas havia dito, ele estava se sentindo mais forte do que acreditava. Mas aonde isso os teria levado? O casamento dos dois teria sido consumado. E, embora Silas

quisesse o certificado de casamento, definitivamente não queria uma esposa.

O pensamento pôs o orgulho de Colly em ação. Complicações à parte, deveria informá-lo que, como ele não queria uma esposa, ela também não queria um marido.

Lembrou-se dos beijos e não podia mentir para si mesma. Queria mais daqueles beijos. Queria estar nos braços dele. Mas isso nunca daria certo. Recordou-se da própria resposta, do jeito que o abraçara... do jeito que, de certa forma, tinha se oferecido a Silas. Oh, como poderia fitar os olhos dele novamente?

Foi quando, não podendo mais agüentar aquilo, Colly decidiu que não precisaria mais fitar os olhos dele. Tinha pretendido ir embora antes da mãe dele chegar naquela manhã, de qualquer forma.

E era melhor que partisse, porque Paula Livingstone chegaria a qualquer momento. Se fosse rápida o bastante, poderia ser capaz de sair do apartamento sem ter que ver Silas uma última vez.

Colly não apenas se apressou. Praticamente voou!

Capítulo VI

Colly não viu mais Silas. Ouviu falar dele, todavia. No dia seguinte. Flores chegaram. "Obrigado por tudo", dizia o cartão. O quão final era aquilo?

Ela queria detestá-lo pelo fato de ele ter dispensado-a com algumas flores. Todavia, não teve coragem de jogar as flores no lixo. E, uma vez que elas preenchiam dois vasos, Colly supôs que *algumas* flores não era exatamente verdade.

E, com toda honestidade, o que esperava? Tinha deixado o apartamento dele sem uma palavra. Silas provavelmente queria agradecê-la pessoalmente, mas ela não lhe dera chance.

Os dias se seguiram de modo rotineiro, Colly descobriu um mês depois que havia saído do apartamento de Silas. Apesar de desejar muito saber se ele tinha se recuperado completamente, após a finalidade das flores, ligar e perguntar estava fora de questão. Devia concentrar-se em seus assuntos pessoais.

Para começar, teve sua entrevista para o curso profissionalizante no qual se inscrevera, e foi aceita para iniciar em setembro. Nanette apareceu um dia na galeria e, sem a menor vergonha, declarou que, uma vez que Colly iria ser beneficiada assim que a propriedade fosse vendida, ela iria lá ajudar a esvaziar a casa.

Na verdade, além de chamar avaliadores de antiguidades, Nanette tinha pouca intenção de levantar um dedo pura qualquer outra coisa. Colly estava satisfeita por estar ocupada. Era uma casa grande, seus dias estavam todos tomados. As noites nem tanto.

Tony Andrews continuava convidando-a para sair e, embora ela não tivesse intenção de aceitar o convite, ela começou a formar a opinião de que ele não era de todo mal, afinal de contas. Tony não a tinha pressionado quando ela dissera que a noite terminava no degrau de sua casa, tinha?

E, de qualquer forma, já havia passado um mês desde que ela saíra do apartamento de Silas e ele certamente encontrava-se recuperado a essas alturas. E da maneira que era bonito e viril, não iria ficar sentado em todas as noites. Pelo menos não sozinho.

N a próxima vez que Tony Andrews telefonou e sugeriu que eles saíssem para jantar, Colly concordou.

— Você disse sim! — exclamou ele feliz.

Ela já estava se arrependendo da decisão.

— Eu adoraria jantar com você — disse rapidamente antes que mudasse de idéia.

Colly sabia, contudo, vinte quatro horas depois, enquanto esperava por Tony, que tinha aceitado o convite apenas porque sentia ciúme ao imaginar Silas de volta a sua vida amorosa. Além disso, Silas estava constantemente em sua cabeça e em seu coração, e aceitar o convite de Tony era uma tentativa de afastar o homem que amava de seus pensamentos.

O esforço foi totalmente fracassado quando, entrando no estabelecimento que Tony tinha escolhido, a primeira pessoa em quem ela pôs os olhos foi Silas Livingstone!

O restaurante estava cheio. Dezenas de outras pessoas estavam lá. Por que ele tinha de se sobressair à multidão? Era uma pergunta que Colly não precisava fazer. Ele era seu amor, sua vida... pura e simplesmente.

Silas a tinha visto também, ela sabia disso. Ele estava com um grupo de pessoas e Colly se recusou a tentar descobrir qual das mulheres atraentes o acompanhava. Por alguns segundos, os dois se entreolharam.

Perturbada, ela virou-se e olhou para Tony, que estava lhe dando seu melhor sorriso. Então o maitre os conduziu para a mesa e o coração disparado de Colly diminuiu um pouco o ritmo. Pelo que podia ver, a saúde de Silas estava completamente recuperada. E não poderia ter ficado mais feliz quanto a isso. Não podia negar tampouco que, apesar de sentir-se perturbada pelo ciúme, estava feliz por vê-lo.

Colly reprimiu os pensamentos. Tony estava dando o melhor de si para ser uma boa companhia. Ela" tinha aceitado o convite para jantar e, no mínimo por educação, deveria esquecer as seis pessoas na outra mesa, as quais pareciam se divertir a valer.

Então Colly comeu, mal notando os alimentos. E conversou, respondendo alegremente aos comentários de Tony. Mas, oh, como desejava que a noite acabasse logo.

Sabia que não relaxaria totalmente enquanto Silas estivesse no restaurante com os amigos, mas esforçou-se até a hora da sobremesa, quando viu algumas pessoas do grupo de Silas dirigindo-se para porta.

Determinou-se a manter os olhos no prato ou em Tony. Durante o jantar, já tinha olhado disfarçadamente para Silas algumas vezes, e ele sempre a pegava no ato, como se a estivesse observando o tempo todo. Agora ela não o olharia de novo.

— Olá, Colly.

Ela não teve saída. Olhou para cima e percebeu que Silas devia ter deixado o grupo de amigos, e estava parado a seu lado. Mas, enquanto o coração disparava loucamente, e antes que pudesse encontrar a voz, Silas abaixou-se e beijou-lhe o rosto num cumprimento, surpreendendo-a.

Atordoada demais para pensar, muito menos para pensar com clareza, Colly apenas murmurou:

— Olá.

— Como você tem passado? — perguntou Silas com um sorriso.

Desde que ela tinha fugido da cama dele?

— Eu... ando ocupada.

— Ocupada? — Ele sabia que ela só trabalhava um dia na semana.

— A casa está sendo vendida — disse ela, imaginando se ele saberia a que casa se referia. — Tenho passado muito tempo lá... esvaziando-a.

Obviamente ele estava aborrecido com os detalhes, uma vez que olhou para o companheiro de jantar de Colly.

— Você não vai nos apresentar? — perguntou Silas. Enquanto Colly pensava se ele a estava censurando

por falta de educação, e pensava que ele não somente se aproximara da mesa, mas realmente a beijara, Tony já tinha se levantado.

— Tony Andrews — apresentou-se.

— Silas Livingstone — disse Silas e eles apertaram as mãos.

Ela viu Tony registrar que Silas era o dono da Livingstone Desenvolvimento, e percebeu que, uma vez que Tony trabalhava em relações públicas, devia saber quem era quem. Finalmente, encontrou a voz:

— Você se recuperou totalmente, Silas? Os dois homens se voltaram para ela.

— Graças aos seus serviços *pessoais* de enfermeira — respondeu Silas suavemente. E ela perguntou-se como podia amá-lo tanto ainda e, ao mesmo tempo, ter vontade de puxar-lhe as orelhas. Era óbvio que ele enfatizara a palavra "pessoais" para referir-se ao modo que ela se deitara ao seu lado no dia da tremedeira.

— Eu não sabia que você era enfermeira também — comentou Tony, parecendo curioso.

— Eu estaria perdido sem Colly lá para me aquecer — disse Silas antes que ela pudesse responder.

Ela o olhou, atônita.

— Silas estava com febre. Você deve ter lido sobre isso. — Ela sorriu para Tony, ao mesmo tempo especulando se causaria uma cena caso decidisse dizer que era casada com aquele homem. — Acho que você deve considerar muito bem antes de se aventurar em países tropicais novamente — falou para Silas.

Ele a fitou diretamente nos olhos.

— Teve suas compensações — murmurou, assentiu para Tony e voltou a se juntar a seu grupo.

— Eu não sabia que você conhecia Silas Livingstone comentou Tony quando eles ficaram sozinhos.

— Ele conhecia meu pai — replicou ela. — Meu pai estava no ramo de engenharia também.

— Então é por isso que você o conhece. — Tony franziu o cenho. — Vocês me pareceram bastante íntimos.

— Eu estava disponível quando ele adoeceu — explicou ela, tentando soar casual. — Eu não o via há anos. Como está sua mãe?

Tony entendeu a dica. Depois, levou-a para casa. E felizmente, comportou-se muito bem. Se, porque se recordava da última vez que a levava para casa e do tempo que tinha demorado até que ela aceitasse um novo convite, Colly não sabia. Ou talvez ele estivesse tentando uma outra tática. Ou talvez, tivesse simplesmente perdido o interesse.

Colly teve certeza de que Tony não tinha perdido o interesse quando ele ligou na noite seguinte, e mais uma vez convidou-a para sair.

Embora ela achasse lisonjeiro ter alguém que apreciasse sua companhia, concluiu que era cedo demais para aceitar um outro convite. Não estava procurando um namorado firme, apesar de suspeitar que não era a única mulher que Tony convidava para sair.

— Estou ocupada na casa no momento — desculpou-se tendo-lhe contado, na noite anterior, sobre a propriedade vendida do pai.

— Mas isso é durante o dia — apontou ele.

Colly não tinha intenção de discutir.

— Eu ligo para você — disse, decidida.

Mal colocara o telefone no gancho quando tocou de novo. Supondo que era Tony, querendo saber se ela ligaria naquele mesmo dia, quase não atendeu a ligação. Todavia,

havam jantado um dia antes, e ele se comportara quando a levava para casa.

Ela atendeu.

— Alô.

— Com quem você estava falando? — perguntou uma voz que fez o coração de Colly disparar.

— Quando? — questionou ela, tentando se recompor. Silas!

— Você ficou séculos ao telefone — acusou ele.

— Bem, você sabe como é quando se é popular!

— Tony Andrews?

A pergunta soou como uma outra acusação.

— Sim, Tony — confirmou ela. Silêncio. Então ele falou:

— Você se lembra que está casada *comigo*? Colly ficou boquiaberta.

— Que absurdo! — exclamou perplexa. Mas, recuperando-se rápido e sentindo-se um pouco zangada pela implicação de Silas, acrescentou: — Eu não cometi adultério, se é isso que está perguntando. E espero que você possa dizer o mesmo — murmurou, sabendo muito bem que ele não podia.

— Acredite ou não, eu levo meus votos muito a sério — replicou Silas, fazendo Colly abrir a boca de novo, chocada. Ele se referia aos votos de casamento? Se estivesse falando sério, significava que não tinha dormido com ninguém desde o casamento deles. Por mais estranho que parecesse, ela acreditou em Silas, e de repente ficou satisfeita que ele não podia ver o sorriso encantado que brotou nos seus lábios. Procurou alguma coisa espirituosa para dizer, mas não conseguiu pronunciar uma palavra.

— Janta comigo? — convidou Silas.

— Não! — Colly não precisava pensar no assunto. O relacionamento deles não era do tipo de jantar fora. Ele sabia disso também. Então, por que sugeria aquilo? -Por quê? — perguntou ela, desconfiada.

Houve uma pausa, então ela teve certeza que havia um sorriso na voz dele quando Silas respondeu:

— Talvez eu tenha uma proposta a lhe fazer.

Sim, sim, sim. Ele tinha proposto um casamento. Também havia proposto que ela passasse algumas noites no apartamento dele, e olhe o que acontecera.

— Já tive o bastante de suas propostas — retorquiu ela, e sabendo que queria muito jantar com ele e estava perto de ceder, desligou o telefone.

Em seguida, se arrependeu do que tinha feito. Mas foi para cama sorrindo e sabendo que amava Silas mais que nunca. Por isso mesmo era uma boa idéia manter distância. Mas, oh, como adoraria sair para jantar com seu amor.

Silas não voltou a ligar. O que não impediu o coração de Colly de disparar cada vez que o telefone tocava. Perguntou-se por que ele tinha telefonado e duvidou que ele tivesse alguma proposta a lhe fazer. Caso contrário, teria ligado de novo e insistido no tal jantar. que significava, portanto, que apenas ligara para lembrá-la de que era uma mulher casada. Talvez Silas temesse a proximidade dela com Tony e quisesse lembrá-la de que o casamento deles era segredo e que havia uma cláusula não escrita no acordo que dizia: "sem divórcio imediato".

Era uma linda manhã de junho quando Colly olhou pela janela para o sol brilhante, e sentiu que a vida parecia terrivelmente chata. Não via ou ouvia falar de Silas há semanas.

Lembrou a si mesma que no casamento deles não deveria haver nenhum tipo de comunicação, e tentou contar suas bênçãos. Nanette estava atualmente viajando com um "amigo", e a casa estava no processo de ser vendida. Assim que todo o processo legal

fosse completado, Colly não precisava ter mais nenhum contato com a madrasta.

Tony Andrews continuava convidando-a para sair. Obviamente decidira não esperar pelo telefonema dela e ligava com frequência. Colly ainda trabalhava na galeria às terças-feiras, e Rupert seguia se lamentando sobre a tragédia do amor perdido.

E aquele era o centro do problema. O motivo pelo qual ela se sentia tão deprimida. Não queria uma vida amorosa. Tudo que queria era ver Silas. Mas ele não entrava em contato e consideraria muito peculiar se ela o procurasse sem razão alguma.

Colly disse a si mesma que precisava superar aquilo. Não ia deixar que seus sentimentos por Silas lhe arruinassem a vida. Talvez quando comesse o novo curso, conheceria outras pessoas e deixaria a vida tomar uma nova direção.

Mas por enquanto, ia começar uma vida nova. Com as pessoas que conhecia. Ligou para Tony Andrews.

— Colly! — exclamou ele, soando feliz.

Ela já estava se arrependendo de ter ligado. Mas linha de fazer aquilo.

— Você gostaria de jantar comigo? — convidou ela.

— É claro! — aceitou ele ansioso. — No seu apartamento, você quer dizer?

Não, ela não queria dizer aquilo. Mas hesitou antes de responder:

— Se você quiser... Mas podemos jantar fora, se preferir...

— Eu levo o vinho. A que horas?

Ela não tinha mencionado que era naquela noite! listava prestes a lhe dizer isso, mas então refletiu. Por que estava adiando? Que melhor momento de iniciar uma vida *nova* do que agora? Naquela segunda à noite? O que havia para esperar?

— Podemos jantar por volta das oito — sugeriu.

— Estarei aí às sete e meia — aceitou ele prontamente.

Colly ainda estava tentando reprimir seu desagrado por receber Tony no apartamento quando, às sete e meia em ponto, garrafa de vinho em mãos, ele chegou sorridente.

Era a primeira vez que ela recebia alguém no apartamento e, conforme a noite se desenrolou, foi relaxando e tudo parecia transcorrer de modo agradável. Tony elogiou-a pela habilidade culinária, mas ela confessou que a sopa de queijo tinha sido comprada pronta. O restante dos pratos haviam sido feitos em casa, todavia, e Colly sentiu prazer em ver Tony saboreando.

Gostava da companhia dele, mas sabia que jamais poderia considerá-lo mais que um amigo.

Quando acabaram de jantar, apesar dos protestos de Colly, que alegou que poderia fazer aquilo mais tarde, Tony insistiu em ajudá-la com a louça.

Ele começou a tirar os pratos e levá-los para pia.

— Deixe-me ver como me saio em tarefas domésticas — pediu ele, dando-lhe seu sorriso mais charmoso.

Do ponto de vista de Colly, aquilo era um absurdo. Afinal, ele era uma visita e era a primeira vez que jantava em sua casa. Se houvesse refeições subseqüentes, talvez ajudá-la parecesse mais normal, mas...

— Se você tem certeza. — Ela cedeu e assumiu o lugar à pia. Apenas para tencionar imediatamente quando Tony aproximou-se por trás e beijou-lhe a nuca.

Instintivamente, Colly tirou a mão da água e passou no pescoço para limpar o beijo dele.

— Olhe o que você fez — brincou Tony e, pegando um pano de prato, aproximou-se de novo para secar-lhe a nuca.

— Não é preciso, obrigada — disse ela com cautela, fechando a torneira e virando-se,

os instintos alertas caso ele tentasse mais algum movimento.

Com o pano de prato, Tony secou-lhe as mãos.

— Você é muito linda, sabia? — murmurou, o tom totalmente sedutor agora. Então, sem aviso, tomou-a nos braços.

— Assim não poderei acabar de lavar a louça — ela o lembrou, agindo como a anfitriã educada.

— Nós podemos, como você sugeriu, fazer isso mais tarde — replicou ele e a beijou.

Colly sentiu uma alma em tormento. Queria uma vida e necessitava ter uma vida sem Silas. Mas a verdade era inegável. Não queria os beijos de ninguém, exceto os de Silas.

— Você pode fazer melhor que isso, não pode? — disse Tony, e ela se perguntou se estava sendo justa com ele e consigo mesma.

— É claro — respondeu e tentou. Envolveu os braços *em* volta dele e lhe ofereceu os lábios. Mas sentiu que estava abraçando um estranho, beijando um estranho. *Vai melhorar*, disse a si mesma na esperança de encontrar uma vida nova, caso se esforçasse o bastante.

Ele se aproximou mais, pressionando-a contra a pia. Colly tentou arduamente manter a calma, corresponder. Queria mesmo fazer aquilo? De repente, Tony segurou-lhe os quadris e a puxou para si.

Ela o empurrou e soube então que, com vida nova *u* sem vida nova, preferia lavar a louça.

— Eu... eu acho... — foi o máximo que conseguiu antes que Tony a beijasse de novo enquanto movia as mãos em direção aos seios dela.

— *Não!* — Desta vez, Colly o empurrou para valer.

Tony sabia que ela falava sério. Estava no tom de voz de Colly, no olhar, na postura.

— Por que não? — protestou ele. — Eu lhe dei muito tempo antes de investir de novo. Você me convida para limiar e então... — Ele parou e sorriu de repente. — Por que continua se fazendo de difícil, Colly? — questionou e tentou agarrá-la mais uma vez.

Ela estava determinada a não entrar em pânico, mas não pôde evitar o tom de ordem.

— *Não!*

— Por que não? O que nos impede? Somos ambos livres e descomprometidos. — Tony sorriu novamente.

— Eu tenho certeza que posso despertar desejo em você. Relaxe, querida — sussurrou contra o rosto dela, e no próximo instante, tentou forçar um beijo.

Totalmente agitada agora, Colly o empurrou com força, enquanto se perguntava por que o deixara beijá-la em primeiro lugar. E de súbito, perdeu a compostura quando ele não a largava e gritou:

— Eu não sou livre!

Aquilo pareceu detê-lo. Tony a encarou com expressão incrédula.

— Você é noiva? Casada?

Oh, céus, a cabeça dela estava girando. Não sabia o que fazer. Tudo que podia pensar era que ninguém podia saber sobre seu casamento. Pânico instalou-se e declarou antes que pudesse evitar:

— Nós estamos nos divorciando.

Tony ouviu o que ela tinha dito e pareceu refletir por um momento.

— Então, qual é o problema? — disse ele sem se abalar. Mas, mesmo enquanto tentava abraçá-la de novo, aparentemente procurava entender melhor a situação.

— Quem é seu marido? — E antes que Colly pudesse responder, concluiu: — Silas Livingstone! — Tony parecia repassar na mente a revelação de Silas de que Colly havia

sido sua enfermeira pessoal. Como ela estivera lá para mantê-lo aquecido. — Você é casada com Silas Livingstone — afirmou e, como se estivesse perturbado pela novidade, deu um passo atrás.

Colly queria repetir que eles estavam se divorciando, mas havia uma série de complicações se formando em sua mente. Na verdade, queria negar que estava casada com Silas. A partir daí, ficou tão apavorada que qualquer outro comentário apressado de sua parte levaria Tony a tirar novas conclusões.

Sem mais nenhuma palavra, saiu da cozinha. Tony a seguiu.

— E verdade, não é? — questionou-a, mas parecia absolutamente convicto.

— Eu... acho melhor você ir embora, Tony. — Ela tentou manter a voz firme.

— Isso é um pouco grosseiro, não acha? — reclamou ele. — Você me convida para um jantar íntimo...

Jantar *íntimo*! Assim que ele tinha lido seu convite? Colly meneou a cabeça.

— Apreciei sua companhia. Até certo ponto — acrescentou ela. — Mas eu nunca tive a intenção de nada além de um jantar.

— Suponho que seu marido não aprovaria. — O tom de Tony era amargo. — Não havia qualquer resposta possível para aquilo. Portanto, ela permaneceu calada. Não me telefone. Eu ligo para você. Colly foi abrir a porta para seu convidado. Visivelmente irritado, Tony partiu sem falar mais nada.

Ela fechou a porta e suspirou. O que tinha feito? A horrível cena voltou à sua cabeça. Silas Livingstone! Tony adivinhara. E ela havia mentido, dizendo que iam se divorciar! Oh, Senhor!

Precisando fazer alguma coisa, foi para cozinha e acabar de lavar a louça. Mas sua cabeça girava ainda mais quando percebeu que os pratos já estavam lavados e guardados e a cozinha mais uma vez imaculada. Porque nesse meio tempo, tinha se lembrado que Tony Andrews trabalhava com relações públicas e, pelas conversas que haviam tido, ele deixara claro que conhecia diversas pessoas da mídia.

Oh, o que ele poderia fazer com as novas revelações que obtivera aquela noite? Colly duvidava que, após o episódio que haviam vivenciado há pouco, Tony sentiria que lhe devia alguma lealdade.

Necessitando de qualquer tipo de ação, ela foi escovar os dentes. Então penteou os cabelos. Mas estava tão agitada que ficou andando de um lado para o outro. Por si mesma, não dava a mínima para o que Tony contaria à imprensa. Mas por Silas... Não podia nem pensar. A coisa toda era um pesadelo.

Continuou andando de um lado para o outro, pensando e pensando. Por volta da 11h30 chegou a conclusão de que só havia uma coisa a fazer. Tinha de avisar Silas! Não havia outra saída. Precisava preveni-lo.

Esperando que ele estivesse em casa, Colly foi procurar o número do telefone de Silas.

Quando o telefone não foi atendido no ato, teve certeza de que ele devia ter saído. Mas então, de repente:

— Livingstone — ele atendeu.

— É... é Colly.

Um momento de silêncio.

— Você tem o hábito de telefonar para os homens quando eles estão indo para cama? — perguntou ele seriamente.

E Colly gostou de ele estar sendo vil. Aquilo fez seus nervos acalmarem um pouco.

— Tenho certeza que você está sozinho na cama — retorquiu ela. Mas, imediatamente incerta, sentiu ciúme e voltou a ficar nervosa. — Você está, não está? Quero dizer, eu não

atrapalhei... — Ela não pôde terminar a Crase.

Um momento agonizante de silêncio se seguiu até que Silas falou:

— Você não atrapalhou nada. Para ser bem honesto, querida, tenho de estar no aeroporto para uma viagem de negócios em breve. E não me importaria de dormir algumas horas antes disso.

— Oh, desculpe-me, desculpe-me — murmurou ela. Somente então registrou as palavras dele. — Você vai viajar?

— Não se aborreça. Eu volto.

— Engraçadinho — exclamou ela, furiosa.

— Acredito que você vai me contar o motivo pelo qual ligou antes de meu avião partir.

— Você certamente não apanhou o bastante quando criança — disse ela.

O tom de Silas tornou-se mais carinhoso:

— Você está com algum problema? — adivinhou Colly suspirou.

— Oh, Silas. Eu fiz uma coisa tão terrível que não sei como lhe contar.

— Parece sério.

— É sério.

— Não posso esperar até que você retorne. Silas estava decidido. Eu vou até aí.

— Não, não — protestou ela. — Já estou me sentindo bastante culpada sem adicionar a culpa que sentirei se o fizer se deslocar agora.

— Eu vou aí. — Ela desligou o telefone antes que ele pudesse convencê-la do contrário.

Um pouco depois, estava tocando a campainha do apartamento de Silas, e ainda não tinha encontrado um jeito de contar-lhe o que sabia que precisava contar.

Silas estava usando calça e camisa quando abriu a porta.

— Você não precisava ter se vestido — murmurou ela, assumindo que, saindo da cama, ele vestiria apenas um robe.

— Isso é um convite? — provocou ele, conduzindo-a para sala de estar.

Ela não respondeu, dando-lhe apenas um olhar significativo. Silas gesticulou para que ela se sentasse acomodou-se à sua frente.

— Por falar em convites — começou Colly insegura eu convidei um amigo para jantar... e as coisas saíram muito mal.

— Tony Andrews? — adivinhou Silas, perdendo todo brilho anterior que havia nos olhos.

— Eu conheço outros homens — disse ela, um pouco irritada por ele pensar que Tony era o único homem que conhecia. — Mas sim, Tony.

— Aonde vocês comeram? — Silas quis saber. Ela suspeitava que eleja sabia.

— No apartamento.

— No apartamento de meu avô?

— E onde eu moro! — devolveu ela.

— Andrews sempre janta lá com você?

Silas não gostava da idéia, era óbvio. Mas depois do que ela tinha feito, não estava em posição de discutir seus direitos.

— Foi a primeira vez... e a última — confessou. Silas tinha uma expressão cautelosa no rosto, mas o tom foi gentil quando comentou:

— Parece que você o expulsou do apartamento?

— Não. Bem, mais ou menos. — Então de súbito, Colly queria acabar logo com aquilo. Se Silas iria ficar furioso e agredi-la, então era melhor que o fizesse de uma vez.

— A coisa é... eu o convidei para jantar como amigo. Mas ele pareceu entender o

convite como um íntimo e...

— Não lhe ocorreu que um jantar para dois em seu apartamento sugeria um toque de intimidade?

— Bem, se você vai ficar do lado dele! — explodiu ela. Porém, novamente recordou-se que era a errada na história toda. — Não, não me ocorreu que ele tentaria alguma coisa.

— Ele tentou e você não gostou? — A expressão de Silas era séria.

Colly desviou os olhos. Não queria contar-lhe que tentara responder a Tony, mas também não podia fazer Tony o vilão da história.

— No começo foi tudo bem — murmurou ela apressada. — Mas então eu disse não e...

— Você disse não? — Silas a interrompeu. — Por que você não queria, ou por que está casada comigo?

De maneira alguma, admitiria que nenhum outro homem tinha chance... por causa dele. Mas pôde sentir o tosto esquentar com o pensamento de que Silas poderia adivinhar seus verdadeiros sentimentos.

Incapaz de permanecer sentada, mas sem idéia de para onde iria, Colly se levantou.

— Gostaria que eu lhe fizesse um café? — ofereceu.

— Por que você não queria ou por causa dos votos de casamento? — insistiu ele.

Ela se sentiu encurralada.

— Por que não durmo com qualquer um! — declarou e percebeu que, de alguma maneira, Silas parecia abalado com a confissão.

— Não dorme? — Ele também se levantou. — Mas, alguma vez você já... teve essa... experiência?

Ela não queria responder. O silêncio reinou até que Colly meneou a cabeça, e depois ficou olhando para o tapete.

— Isso é muito antiquado? — perguntou e, esperando alguma observação do quão absurdo era uma moça de 23 anos ser virgem, virou-se de costas.

Contudo, para sua surpresa, Silas não fez observação alguma, mas aproximou-se e, tocando-lhe os ombros, virou-a para que ela o encarasse. Gentilmente então, puxou-a para si.

— Não se sinta envergonhada — murmurou.

— Sinto-me uma tola — confessou ela e por maravilhosos segundos, relaxou nos braços dele.

Então, sem pressa, Silas abaixou a cabeça e beijou-a com suavidade nos lábios.

— Você não é tola, você é adorável — assegurou-a, e a conduziu de volta para cadeira. — Então, o que aconteceu quando você rejeitou os avanços de Andrews?

Sentindo-se um pouco confusa, Colly esforçou-se para pensar com clareza.

— Bem, ele não aceitaria um não como resposta — começou, mas foi interrompida pela pergunta raivosa de Silas:

— Ele a forçou? Ele a violou sexualmente? Onde ele mora? — Silas se levantou, parecendo pronto a ir procurar Tony Andrews e acabar com o sujeito.

— Não, não — respondeu ela rapidamente, racionalizando que a proteção de Silas devia ser devido ao fato de que ela usava o seu nome. Era a reação de qualquer homem decente, mas não havia nada mais pessoal do que isso.

— Eu neguei diversas vezes e Tony queria saber por que não. Achou que eu estava bancando a difícil... Eu não deveria tê-lo convidado para ir ao apartamento, posso ver isso agora. De qualquer forma, ele não podia entender por que eu não queria. Oh, meu Deus, isso indo parece tão sórdido.

— Você está indo bem — Silas a encorajou. — Está chegando lá — acrescentou, como

se estivesse lembrando que ela mencionara ao telefone que tinha feito uma coisa terrível. E para encorajá-la ainda mais, retomou o assento à sua frente e esperou que ela estivesse pronta para continuar.

— Bem, Tony estava... querendo saber o que nos impedia. Ele disse que éramos ambos livres e... Bem, eu fiquei muito nervosa e acabei lhe dizendo que eu não era livre.

— Você disse a Andrews que era casada?

— Não em tantas palavras, eu acho. Mas então fiquei confusa e tudo que sabia era que ninguém podia saber de nosso casamento.

Você não estava fazendo um bom trabalho — comentou Silas.

— A coisa piora. Comecei a entrar em pânico.

— Pobrezinha — disse ele, como Colly uma vez lhe dissera.

Ela se sentiu encorajada para prosseguir:

— Eu soube no ato que tinha dito a coisa errada, eu soube instintivamente que eu deveria falar algo para cancelar a idéia de que eu era casada. — Ela engoliu em seco. — Então me enterrei num buraco ainda maior.

— Você lhe disse que era casada comigo? — concluiu Silas.

Ela meneou a cabeça.

— Eu não precisei. Tony adivinhou. Ele deve ter se lembrado da noite que vocês dois se encontraram. Você sabe, aquela noite que...

— Na noite em que comentei sobre suas habilidades como enfermeira?

Ela assentiu. E não pôde evitar enrubescer quando se recordou que tinha se deitado na cama com Silas.

— De qualquer forma...

— A partir disso, Andrews decidiu que seu marido deveria ser eu — Silas complementou, olhando-a com expressão aborrecida. — É isso?

— Eu disse que fica pior — Colly o relembrou. E, querendo terminar aquilo, apressou-se: — Tony trabalha com relações públicas. Conhece muita gente da imprensa. — Ela parou quando viu os olhos de Silas assumirem uma expressão preocupada.

— Você prevê um problema? — ele quis saber.

Era isso. Ela tinha de dizer-lhe. Tremendo por dentro, respirou fundo.

— Eu estava em pânico e sabia que tinha de fazer alguma coisa para contradizer a afirmação de que eu era casada. Eu simplesmente não estava raciocinando direito e disse a Tony que... nós estávamos nos divorciando.

Silas a olhou como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo.

— Você disse a ele que eu e você estamos nos divorciando? Realmente falou ao homem que tem conexões com a imprensa que estamos nos divorciando? — repeliu ele, irado. — Quando você sabe que esta é a última informação que eu quero que vire notícia?

— Sinto muito — murmurou ela, observando-o se levantar. — Eu estava em pânico, como lhe falei, tentando consertar uma coisa que deixei escapar sem querer.

Silas parecia não ouvi-la, a expressão pensativa. Colly adoraria saber o que estava passando naquela mente inteligente.

— Quais as chances de Andrews não espalhar a notícia? — ele quis saber.

— Não tenho idéia. Ele estava bem zangado comigo quando partiu, portanto, não suponho que tenha a intenção de me poupar. Devo ligar para ele? Implorar-lhe para não...

— Não! — respondeu Silas decidido. E, após mais alguns momentos de reflexão, voltou a se sentar e olhou-a diretamente nos olhos. — Não quero que você tenha mais nada a ver com Andrews daqui para a frente. — E, tencionando o maxilar, acrescentou: —

Isto está claro?

— Não estou tão entusiasmada com ele assim — concordou Colly e foi recompensada com um pequeno sorriso. — Há algo que eu possa fazer?

Ele levou alguns minutos para responder:

— Tendo considerado tudo, há apenas uma coisa que nós podemos fazer se eu quiser continuar com os planos futuros para Livingstone Desenvolvimentos. — Os olhos verdes de Colly estavam fixos em Silas quando ele declarou: — Graças a você, minha querida, creio que chegou a hora de revelar a todos que nós estamos casados. E felizes no casamento.

A boca de Colly secou. Não tinha idéia do que aquilo podia significar, entretanto, sabia que tudo ia mudar. Conhecia as regras quando eles tinham se casado, soubera de antemão que divórcio era uma palavra proibida. Tinha sido ela quem violara as regras e fizera toda a confusão.

— Você... pretende contar ao seu avô? — perguntou hesitante.

— A meu pai — Silas corrigiu. — Ele será o primeiro a saber. Vou telefonar-lhe do aeroporto e para meu avô quando eu voltar. Até lá, ele saberá, através de meu pai, que nós estamos casados, e a despeito do que possam ler nos jornais, saberão que nenhum de nós pretende pedir o divórcio. — Então Silas se levantou. Colly supôs que ele estava pronto para ir dormir um pouco, antes de pegar o vôo da manhã. Ela se levantou também e deixou-o conduzir até a porta.

— Estamos de acordo? — indagou ele.

Com tristeza, Colly encarou os brilhantes olhos azuis. Não tinha idéia que tipo de complicações aquela mudança de eventos traria. Mas fora tudo culpa sua, portanto, como poderia discordar?

— De acordo — replicou, e mais uma vez quis se desculpar por ter criado aquela situação constrangedora. — Eu não estou livre para Tony Andrews. — Ela não se desculpou, mas se sentiu tão triste naquele momento que teria adorado se Silas a abraçasse por um momento. Silas não a abraçou. Nem lhe beijou no rosto. Provavelmente estava decepcionado com ela, assim como estava consigo mesma.

— Entrarei em contato assim que eu retornar — disse ele.

— Como quiser — respondeu Colly e partiu.

Capítulo VII

Colly passou os próximos dois dias pesquisando vários jornais em busca de qualquer referência de que Silas Livingstone estava casado. Não havia nenhuma.

Mas, oh, o que tinha feito? A essas alturas, o pai de Silas, e a mãe, é claro, saberiam que o filho estava casado. E pelo que parecia, pensou Colly, entrara em pânico desnecessariamente. Sem nada nos jornais, a família de Silas não precisaria saber que ele tinha uma esposa! Agora o avô de Silas provavelmente também sabia. E ninguém precisaria ter tomado conhecimento! E Silas a odiaria!

Desesperada para saber o que estava acontecendo, sentiu-se inclinada em ligar para Tony Andrews e perguntar-lhe se pretendia usar a informação de que Silas era casado. Todavia, temeu que, se ele não tivesse entrado em contato com a mídia, seu telefonema poderia despertar-lhe a vontade de fazer isso. Além do mais. Silas tinha sido categórico quando afirmara que ela não devia ter mais nada a ver com Tony.

Colly saiu da cama na quinta-feira, desejando que tivesse idéia de quando Silas

retornaria de viagem. Oh, cm que confusão tinha se metido! Entretanto, precisava avisá-lo, não precisava? E a decisão de tornar o fato público tinha sido dele. Recordando-se da segunda-feira quando fora vê-lo, percebeu que realmente não poderia ter feito diferente.

Para acrescentar mais angústia a seu estado emocional, não havia nada no jornal naquele dia também. Ela não sabia se Silas apareceria ou telefonaria. "Entrarei em contato assim que eu voltar", ele tinha dito. Colly gostaria de ter perguntado quando isso seria. Agora, temendo perder o telefonema dele, não saía de casa desde o dia anterior.

Ele não telefonou naquele dia tampouco, porém, por volta das nove da noite, alguém bateu à porta. Silas! Não poderia ser nenhum dos vizinhos, é claro. Ela já conhecia diversos agora, mas, de alguma maneira, sabia que era Silas.

O que a fez respirar fundo várias vezes antes de abrir a porta. Era ele! Eles se entreolharam. Quando Colly encontrou a voz, convidou-o para entrar e conduziu-o para a sala de estar. Silas estava vestido de terno.

— Você veio direto do aeroporto? — perguntou ela educadamente.

— Eu cheguei esta tarde e passei um tempo no escritório antes de vir para cá. Você já comeu?

Se ele podia perceber que ela estava nervosa, não comentou.

— Sim, mas eu não me importaria se você me servisse uma xícara de café — replicou ele prazerosamente.

Colly ficou aliviada de escapar para cozinha. O alívio durou pouco, todavia, porque alguns segundos depois, Silas a seguiu.

— Andrews tem entrado em contato? — questionou ele, puxando assunto.

Ela meneou a cabeça.

— Não acho que ele ainda tenha algum interesse por mim.

— Isso a aborrece?

— Você sabe muito bem que não — replicou ela brevemente. Mas então exclamou: — Oh, Silas, eu fiz tudo errado, não fiz?

— Fez? — perguntou ele, parecendo não saber sobre o que ela estava falando.

— Talvez você não saiba, uma vez que estive fora do país, mas não saiu nada nos jornais sobre... sobre o nosso casamento!

— Eu sei — ele a surpreendeu dizendo. Então Silas devia ter lido as notícias estrangeiras de onde estava. Ou talvez tivesse tido tempo de pesquisar depois que chegara de viagem naquela tarde.

Colly suspirou.

— Desculpe-me, eu fui precipitada procurando-o daquela maneira. Mas achei que você precisava saber.

— Você fez a coisa certa — ele a assegurou.

— Fiz?

Silas sorriu então, e o rosto bonito ficou tão iluminado que fez o coração de Colly disparar. Como ele era querido!

— Ainda não saiu nada nos jornais, mas amanhã sairá — murmurou ele brevemente.

— Devo levar isso? — ofereceu, pegando a bandeja de café.

Eles voltaram para sala de estar. Ela sentou-se no sofá e Silas em uma poltrona à sua frente, com a mesinha de centro entre os dois. Ele recostou-se e pareceu apreciar o café. Colly ignorou o próprio café. Havia coisas que queria saber.

— Você parece muito certo de que os jornais vão publicar...

— Apenas os jornais financeiros, suspeito — disse ele e, em seguida, explicou: — Na terça-feira cedo entrei em contato com minha secretária. Eu suspeitava que, se a notícia

do nosso casamento ou divórcio virar notícia, alguém contataria meu escritório para confirmação. Ao final de minhas instruções, Ellen saberia confirmar, se pressionada, que eu estava casado e feliz, e ria da idéia de que um divórcio estava em questão, e depois, transigiria a ligação para meu próprio departamento de relações públicas, o qual publicaria o que eu havia ditado para Ellen.

Colly o fitou.

— Você não deixa escapar nada em seus planos — comentou. — E alguém ligou?

— Diversas pessoas — confirmou ele.

— Eu posso saber no que consistia o seu ditado?

Ele deu de ombros.

— Eu dei o mínimo de detalhes possíveis sobre nós, inclusive que Columbine Gillingham e eu tínhamos mantido tudo em segredo por causa da morte recente de seu pai. E, a partir daí, desviei o foco de nós dois, dando detalhes sobre o cérebro brilhante de seu pai e mencionando algumas das espetaculares conquistas dele. — Silas fez uma pausa. — Espero que isso não a ofenda, Colly. Como poderia? Era verdade que eles tinham se casado em segredo, depois da morte do pai dela, mesmo que a morte de Joseph não fosse o motivo do segredo do casamento. Nem Colly poderia se ofender pelo fato de Silas elogiar o cérebro brilhante do pai dela. Na verdade, sentia-se feliz que as conquistas do pai não haviam sido esquecidas.

— Não, é claro que não estou ofendida — disse ela. E, percebendo que, com a imprensa tendo contatado o escritório de Silas, fizera a coisa certa ao contando, pegou o café e deu um gole. Nervosa com a pergunta que faria a seguir, tentou parecer calma: — Você ligou para seu pai do aeroporto, como disse que faria?

— Sim — confirmou ele, então sorriu. — Minha mãe estava ligando para meu hotel na Itália antes de eu chegar lá.

Oh, céus.

— Seus pais... receberam bem a notícia?

— Você quer dizer, por não terem estado presentes no casamento?

Ela não quis dizer aquilo, embora supôs que eles tinham o direito de ficarem aborrecidos.

— Eu quis dizer sobre o fato de você estar casado?

— Eles não podiam ter ficado mais satisfeitos. Na verdade, minha mãe está radiante.

— Está?

— Sim, está — confirmou Silas. — Ela se lembra de ter falado com você ao telefone e comentou que sua voz é adorável. — Ele a olhou. — Quanto ao meu pai, está satisfeito porque eu estou feliz.

— Você... está feliz? — perguntou Colly.

— Por que eu não estaria?

Por que, na verdade? O futuro de Livingstone Desenvolvimento parecia seguro, e o futuro da companhia era o que interessava a Silas.

— Você acha que seus pais já contaram para seu avô? Silas a olhou solenemente, e hesitou um minuto antes de confirmar que o avô já sabia que ele tinha uma esposa.

— Meu avô ficou encantado — revelou.

Mas Colly teve a estranha sensação de que havia mais que isso.

— E? — pressionou ela, um pouco apreensiva.

— E — Silas respondeu calmamente -, meu avô quer conhecer você.

— Não! — Ela nem pensou no assunto. — Não — repetiu, embora com menos veemência desta vez. Silas não disse nada, mas continuou estudando-a. E então Colly

começou it pensar melhor, mesmo que não gostasse muito da idéia.

— Quando? — perguntou. Ele quer que o visitemos este fim de semana.

No fim de semana! *Fim de semana?*

— Fim de semana? — verbalizou ela com fraqueza. — Você quer dizer o fim de semana *inteiro*?

— Ele está muito solitário desde que minha avó morreu — murmurou Silas, amolecendo-lhe o coração. — Mas em vista de nossos outros compromissos, eu avisei que nós chegaremos no sábado, em vez de na sexta como ele sugeriu, e ficaremos apenas uma noite.

Ficar uma noite. Colly não se sentiu mais feliz, porém, alguma coisa que Silas tinha dito a fez esquecer-se daquilo por um momento e seguir a nova trilha.

— Nossos... outros compromissos? — perguntou cautelosamente, e logo descobriu que estava certa em ser cautelosa.

— É natural que meus pais ficarão ofendidos se não a conhecerem primeiro — explicou ele.

Colly não pensou muito sobre a explicação. Embora não estivesse raciocinando claramente, parecia-lhe que, se ia encontrar o avô de Silas no sábado e tendo em mente que hoje era quinta-feira, então, em algum período de agora até sexta iria conhecer os pais de Silas.

— Isto está ficando complicado demais — reclamou ela, olhando para o homem que se casara em segredo.

— Qual é a complicação? — indagou ele e pareceu tão sensato que ela quase o detestou.

Principalmente porque não possuía uma boa resposta para dar.

— Por que não podemos simplesmente contar a verdade a seus pais? Que estamos casados, mas...

— Porque fazendo isso nós estaríamos obrigando-os a não contar a verdade para meu avô — interrompeu Silas secamente. — Esta é minha situação, não deles.

Relutantemente, Colly podia entender aquilo. Envolver os pais de Silas, como ela havia sugerido, não seria justo com eles. Mesmo assim, protestou:

— Eu não gosto de enganar as pessoas.

— Como estamos enganando alguém? — questionou ele, e Colly verdadeiramente o detestou por continuar parecendo tão sensato, enquanto ela sentia-se tão abalada. Então, lançou-lhe um olhar de desgosto. Silas ignorou o olhar. Meu avô quer conhecer minha esposa. E você, Colly, é minha esposa.

Você é minha esposa. Ela achou difícil detestá-lo enquanto seu coração disparava de alegria com aquelas palavras. E, embora tais palavras parecessem lindamente possessivas, sabia muito bem que Silas as pronunciara como um mero fato. Colly se recompôs.

— Eu não assinei por nada disso quando aceitei me casar com você.

— Nem eu — retornou ele, friamente. — Se bem me recordo, foi você quem provocou o novo rumo para nossa história — lembrou-a.

Diria verdade. Se ela não tivesse dito a Tony Andrews que não era livre, e depois piorando ainda mais as coisas falando que eles iam se divorciar, dando-lhe espaço para especular com quem ela estava casada, nada daquilo teria acontecido. Devido à situação, Silas tinha sido forçado a entrar em ação, a fim de evitar um possível desastre.

Colly estava errada e sabia disso. Respirando fundo, tentou parecer graciosa quando perguntou:

— Quando vou conhecer seus pais?

A expressão dura no rosto de Silas se desfez.

— Nós vamos recebê-los para jantar amanhã à noite.

— Na sua casa? — indagou ela num sussurro mal audível. E continue lembrando a si mesma de que a errada é você, Colly.

— Na *no*ssa casa — corrigiu ele.

— Você não espera que eu me mude para seu apartamento? — exclamou ela alarmada.

Ele pareceu divertido.

— Oh, sua expressão! — Então voltou a ficar sério para informá-la: — Contanto que todos pensem que moramos juntos, não vejo necessidade para irmos tão longe.

Por que Colly se sentiu magoada com tais palavras? Não queria morar com ele, pelo amor de Deus! Bem, não sob as circunstâncias atuais, corrigiu-se.

— Tudo bem — concordou ela e viu os lábios de Silas se curvarem num sorriso. — Eu devo cozinhar?

— A Sra. Varley cuidará disso. Meus pais chegarão por volta das sete horas, então, apenas no caso de eles se adiantarem, você pode chegar às seis?

— Eu estarei lá... às seis.

— Eu vou sair mais cedo do trabalho — anunciou ele e, de repente, Colly estava apavorada.

— Eu causei uma tremenda revolução, não causei? -perguntou ela de modo apologetico.

— Oh, Colly, não fique tão aborrecida — murmurou Silas gentilmente, deixando sua cadeira e indo sentar-se com ela no sofá. — E, em tom amigável, acrescentou: — De um jeito ou de outro, você me fez um favor.

Ela virou-se para encará-lo, o coração disparando pela proximidade.

— Como? — questionou com o pouco de normalidade que pôde encontrar. — Se eu não...

— Eu acabei descobrindo que é impossível menti para minha família — interrompeu Silas. — Então, quando meu pai me perguntou se eu havia pensado melhor sobre o que meu avô lhe confidenciara, fui capaz de acalmar-lhe as ansiedades e contar-lhe que eu estava seriamente envolvido com alguém.

— Você quis dizer comigo?

— Sim, com você — confirmou Silas. — Nesta época nós já estávamos casados.

— Não suponho que você possa ficar mais seriamente envolvido do que isso — murmurou Colly.

— Tudo se encaixou para meus pais quando se recordaram que, enquanto estive no hospital, você teve permissão de me ver. Como, assim que eu saí do hospital, você foi ficar comigo no apartamento. Minha mãe começou a se sentir esperançosa. Portanto, quando, poucos meses depois, eu lhes contei que tinha me casado em segredo, eles não ficaram tão surpresos.

— Eles não acharam estranho o fato de você não tê-los convidado para o nosso casamento?

— Não tanto depois que lhes contei o seu nome do meio, quem você era. Meu pai reconheceu seu nome de imediato. Ele havia me acompanhado no funeral de seu pai. Minha mãe, apesar de um pouco magoada, ao mesmo tempo entendeu quando eu disse que não queria imperar, e sim me casar imediatamente. E com a morte recente de seu pai, nós combinamos que era melhor um casamento particular.

Colly sabia, mesmo que seu coração se alegrasse com a frase "Eu não queria esperar", que não podia se sentir excitada com isso. Silas quisera o certificado de casamento com urgência. Ela, a noiva, era incidental para os planos futuros dele.

— Humm — murmurou ela e notou que tinha a total atenção de Silas. — Este jantar amanhã... — Colly parou, sem saber como continuar. Silas a olhou, mas não disse nada, forçando-a a prosseguir: — Quero dizer, seus pais pensam que somos um casal apaixonado?

— Eu não disse isso com essas exatas palavras. Mas minha mãe certamente acredita que somos um casal apaixonado. — De súbito, ele deu um sorriso perverso. — Ou no mínimo acredita que nenhuma mulher possa me conhecer e não me amar.

— O que mostra o quanto as mães realmente são cegas! — disse Colly com ironia. — E porque era verdade que o amava muito, apenas que ele não podia saber disso, ela se levantou do sofá, comentando: — Acho que preciso saber... se devo mostrar alguma afeição em relação a você.

— Bem, se seus sentimentos estiverem explodindo no peito, e você sentir que deve me abraçar e me beijar... — ele começou a provocar. Então, notando o quanto ela estava tensa, saiu do sofá e aproximou-se. — Nervosa por causa de amanhã? — perguntou gentilmente.

Apavorada, se quer saber.

— Pode-se dizer que sim — replicou ela e de repente encontrou-se nos braços dele.

— Não fique — disse Silas, enquanto o coração de Colly disparava cada vez mais. — Meus pais vão adorá-la. Apenas seja você mesma e tudo vai dar certo.

Colly gostaria de poder acreditar nele. A verdade era, não sabia mais como ser ela mesma. Meneou a cabeça confusa.

— Tudo que fiz na segunda à noite foi dizer que eu não era livre, acrescentar que estava me divorciando, e olhe onde isso nos levou!

— As coisas tomaram outro rumo — concordou Silas.

— E que rumo!

— Não se lamente por isso. O que está feito, está feito.

E tinha sido ela quem fizera aquilo.

— Vou mandar você embora — anunciou Colly, sabendo que necessitava urgentemente ficar um pouco sozinha. Estar no círculo daqueles braços fortes a estava enlouquecendo.

Colly não dormiu bem aquela noite. Em sua mente, imaginou todo tipo de desastres que poderiam ocorrer o jantar da sexta, quando conheceria seus sogros. A única forma de conseguir algum descanso, foi repetindo a si mesma que Silas estaria lá também. Teria o apoio dele.

Mas foi quando estava tomando banho na sexta de manhã que os medos em relação àquela noite se transformaram numa preocupação ainda maior. E não tinha nada ver com a noite da sexta, mas sim com a noite seguinte.

Porque somente então se deu conta de uma coisa. O que aconteceria na noite de sábado? Amenos que o avô de Silas morasse numa casa que tivesse suítes separadas para hóspedes, na noite seguinte, ela teria de compartilhar um quarto com Silas!

Esperava sinceramente que ele tivesse planos de dormir em qualquer outro lugar. Todavia, considerando que estavam casados há apenas quatro meses, podia imaginar a surpresa do avô de Silas com a mera idéia de eles dormirem em quartos separados.

Colly ficou satisfeita quando, mais tarde naquela manhã, o telefone tocou e uma conversa difícil com Henry Warren afastou-lhe a mente das preocupações de conhecer os

sogros... e o avô de Silas.

— É verdade? — perguntou Henry Warren.

Ela sabia do que ele estava falando e percebeu que deveria ter imaginado que Henry lia jornais financeiro» e provavelmente lera o que Silas tinha ditado.

— Sim, é verdade — respondeu ela. — Desculpe-me, tio Henry, eu devia ter lhe contado. Mas... — Mas o quê? Ele sempre fora tão bom com ela e provavelmente achava muito estranho seu silêncio sobre algo tão importante. — Tenho estado muito confusa ultimamente.

— Por causa de seu pai?

— Eu... Silas foi ao funeral de meu pai.

— Você o conheceu naquele dia? *Mais ou menos*. Ela não respondeu.

— Sinto por não ter lhe contado. Mas Silas e eu queríamos um casamento em segredo. Os pais deles não sabiam de nada até recentemente.

Aquilo pareceu tranquilizá-lo. Mas, talvez por dívida ao velho amigo, ainda tinha perguntas a fazer:

— Mas então por que você mora sozinha nesse apartamento?

— O apartamento pertence ao avô de Silas, mas ele não o usa e não quer vendê-lo, portanto, temos de manter o local arejado. Silas viaja com frequência para o exterior, mas enquanto está em casa gosta que alguém fique aqui. — Colly não estava feliz em adornar a verdade. — Antecipando a próxima pergunta dele sobre o motivo pelo qual ela ficara tão aliviada quando tinha descoberto da herança do pai, continuou rapidamente: Silas é muito generoso, mas eu não gostaria de me casar com ele sem ter meu próprio dinheiro. Orgulho natural, suponho. Fiquei tão grata a você quando consentiu me liberar algum dinheiro.

— Você sempre foi uma moça orgulhosa — comentou ele, e enquanto Colly consumia-se de culpa, Henry acrescentou ainda mais carinhosamente: — Você merece ser feliz, Colly.

Talvez, mais do que ninguém, Henry soubesse o quanto ela tinha sido triste mesmo antes da morte do pai.

Ela o agradeceu e, embora arrependida por não poder se abrir totalmente, se sentiu melhor porque a conversa ao telefone tinha terminado de modo amigável e afetuoso.

Por volta das quatro naquela tarde, todavia, pensamentos sobre a noite que viria ocuparam sua mente por completo. Supôs que era normal para as mulheres ficarem apreensivas no momento de conhecer os sogros. Embora tudo que sentia sobre aquele encontro fosse *anormal*.

Devido a grande ansiedade interior, deixou o apartamento dez minutos antes do que deveria. Estava usando um conjunto de seda de calça e blusa verde esmeralda e, lendo notado a ausência de flores na casa de Silas, carregava um grande buquê quando tocou a campainha.

Perguntou-se quem abriria a porta, Silas ou a Sra. Varley. Silas abriu. Ele tinha comentado que sairia mais cedo do trabalho e assim fizera. Enquanto ela achava que ele parecia absolutamente maravilhoso, Silas também parecia impressionado com a aparência dela.

— Você está adorável — elogiou ele, sem se mover para lhe dar passagem, apenas parado ali, os olhos mostrando admiração.

O relacionamento deles não era pessoal... a maior parte do tempo. Mas ouvir Silas dizer que ela estava adorável era tudo que Colly precisava.

— Vesti uma roupa qualquer — murmurou ela casualmente, apesar de ter trocado de

roupa três vezes antes de se decidir pela primeira que tinha experimentado. E, sentindo-se tímida de repente, estendeu-lhe as flores. -Aqui, vamos cuidar disse antes que elas morram.

O rosto de Silas estava iluminado por um lindo sorriso quando ele pegou as flores e convidou-a a entrar. Colly se sentiu bem de repente. Talvez a noite não seria um desastre, afinal de contas.

— Aonde você guarda os vasos? — perguntou ela quando seguiam o corredor.

— Boa pergunta.

Colly queria rir. Era bom estar com ele.

— Vou tentar na cozinha — decidiu e descobriu que Silas a seguiu imediatamente.

Na cozinha, a Sra. Varley estava dando os toques finais no salmão defumado e na entrada de salada de agrião.

— Oh, Sra. Livingstone. — A Sra. Varley sorriu e Colly percebeu que adorava ser chamada assim. — O Sr. Livingstone me contou sobre o casamento de vocês. -E, claramente uma romântica: — Eu sei que vocês serão muito felizes.

— Obrigada — respondeu Colly com um sorriso sem graça. — Irei atrapalhar a senhora se eu cuidar destas flores aqui na cozinha?

Levou mais tempo para cuidar das flores do que pensara. Os arranjos pareciam não dar certo e ela agradeceu por ter chegado dez minutos mais cedo. Às 11h45 havia dois vasos de flores na sala de estar, antes tipicamente masculina, e um na sala de jantar.

Tarefas cumpridas, Colly começou a se sentir mais nervosa do que nunca. A Sra. Varley a assegurou que estava tudo sob controle, então Colly a deixou e foi ao banheiro verificar sua aparência. Passou uma escova nos cabelos, retocou o batom e foi para a sala de estar. Silas a esperava.

Se ele percebia o quanto ela estava nervosa, Colly não tinha idéia, mas o sorriso dele aqueceu-lhe o coração. Silas se aproximou:

— Gostaria de beber alguma coisa?

Como ele podia parecer tão calmo quando os nervos dela estavam à flor da pele?

— Não, obrigada. — Ela o avisara que não era boa em subterfúgios, mas se ele ainda queria que aquele evento acontecesse, então, que assim fosse.

Silas não comentou a recusa dela pelo drinque, mas aproximou-se mais.

— Talvez seja melhor você usar isso — disse ele, pôs a mão no bolso e pegou a aliança de casamento que ela lhe devolvera.

— Eu me esqueci! — exclamou Colly, percebendo que, embora algumas mulheres preferissem não usar aliança, não era uma delas. Como tinha feito antes, Silas pegou-lhe a mão esquerda e colocou a aliança de ouro no seu dedo anular.

— Você está tremendo — observou ele surpreso.

Ela se sentiu uma tola. Ele era tão sofisticado, tão capaz de lidar com qualquer tipo de situação.

— Para você é fácil — ela o acusou. — Você conhece meus sogros. Eu não!

Silas caiu na gargalhada.

— Oh, eu... gosto de você, Colly Livingstone — declarou e, enquanto o coração dela disparava violentamente com a súbita expressão amorosa nos olhos de Silas, a campainha tocou.

— Eles estão adiantados — gaguejou ela.

— É normal — disse ele e, para o alívio de Colly, não a deixou sozinha esperando enquanto ia receber os pais, mas pegou-lhe a mão e conduziu-a para porta. — Vamos.

Os próximos minutos se passaram numa confusão de sorrisos, abraços e beijos, o que

deixou Colly, que sentia falta do amor de mãe, muito emotiva.

— Como você é linda! — exclamou Paula Livingstone, alta, elegante e carinhosa. — E, oh, como estou feliz por conhecê-la. — Ela puxou Colly para si e deu-lhe outro abraço apertado.

O pai de Silas, Borden Livingstone, era mais contido do que a esposa. Colly o reconheceu como o homem que tinha ido com Silas ao funeral de seu pai, e sorriu para Borden Livingstone quando ele ofereceu-lhe as condolências e desculpou-se por não ter falado com ela na época.

— Vocês gostariam de beber alguma coisa antes ou estão prontos para jantar? — ofereceu Silas quando já estavam na sala de estar.

— É melhor comermos logo — respondeu Paula, olhando para os arranjos de flores com aprovação. — Mal consegui comer o dia inteiro. Preciso de algo sólido antes de tentar alguma bebida alcoólica.

Colly gostou da sogra. Ela era uma pessoa tão espontânea e calorosa que seria impossível não gostar. Colly desejou que pudesse ser tão espontânea em retorno e deu tudo de si para ser. Mas estava ciente que necessitava manter-se de guarda. Qualquer pequeno deslize e eles teriam de confessar a verdade.

Todos conversaram e riram durante a entrada e Colly começou a se sentir um pouco mais relaxada.

Foi durante o prato principal, todavia, que descobriu que não podia relaxar de modo algum.

Paula Livingstone fez uma referência passageira ao vírus tropical que Silas tinha contraído, e comentou rindo havia ficado aliviada que alguém especial o iria apanhar no hospital e cuidar dele em casa.

— É claro que na época eu não sabia que você e Silas estavam casados — continuou ela amorosamente, olhando para a aliança na mão de Colly. — Nós quase nos encontramos no dia em que vim visitá-lo, mas você já tinha saído.

Oh, Deus, o que ela poderia dizer? Colly recordou que deixara o apartamento antes das nove naquela manhã, e não tinha idéia a que horas Paula Livingstone lia via chegado.

— Acho que Colly não se importa se eu lhes contar que ela estava tendo alguns problemas com o testamento do pai — colocou Silas suavemente. Colly o fitou e supôs que, considerando os problemas que enfrentara quando se descobrira excluída do testamento do pai, Silas estava falando apenas a verdade.

— Oh, sinto muito, Colly — murmurou Paula imediatamente. E, voltando-se para o marido: — Tenho certeza de que seus advogados poderiam...

— O problema não existe mais — Silas a informou. Como ele podia dizer isso quando as consequências da atitude que ela havia tomado quando acreditou estar sem teto, sem emprego e sem dinheiro, ainda repercutiam a sua volta? E que consequências! A menos que tivesse uma idéia brilhante, teria de compartilhar o quarto com ele na noite seguinte!

— Fico feliz que você tenha conseguido resolver tudo — disse Paula gentilmente.

— A casa está sendo vendida. — Colly, não querendo pensar sobre a viagem que faria para Dorset a fim de visitar o avô Livingstone, estava pronta para conversar qualquer coisa que afastasse sua mente disso. — É uma grande casa, com móveis e objetos que foram acumulados por anos. Tenho passado a maior parte de meus dias lá.

— Eu não saberia por onde começar, se tivéssemos que vender a nossa casa — murmurou Paula em cumplicidade. — Borden tem tanta quinquilharia.

— Quinquilharia? — perguntou o marido, franzindo o cenho.

— Eu juro que ele tem todas as revistas de engenharia que já foram publicadas —

replicou a esposa. — Possui anos e anos de edições.

Quando a Sra. Varley serviu o último prato, Silas, com um olhar para Colly que parecia procurar confirmação, um gesto que era puramente para o benefício dos pais, agradeceu a Sra. Varley e disse-lhe que eles cuidariam de tudo dali em diante. Colly a agradeceu também. Em sua opinião, a Sra. Varley era uma cozinheira de primeira.

No geral, tinha sido uma refeição feliz, pensou Colly. Seus sentimentos de culpa a tinham assolado de vez quando esperava que tivesse se comportado adequadamente e não os demonstrado.

Não pôde respirar aliviada, contudo, até que, depois de beijos e abraços e uma firme sugestão de que ria e Silas deveriam jantar com eles em breve, se despediram do casal mais velho.

— Foi tão ruim assim? — perguntou Silas quando os dois voltaram pelo corredor.

— Seus pais são maravilhosos — respondeu ela, acrescentando assim que chegaram à cozinha: — Uma culpa com a qual terei de conviver. Mas se você puder me livrar de um outro jantar, eu ficarei agradecida. — Pronta para lidar com o resto dos pratos, a Sra. Varley já tendo enchido a máquina de lavar louça, Colly começou a encher a pia. — Acabo com isso em 5 minutos, depois vou embora — disse, pensando em esperar até que os pais de Silas estivessem seguramente longe.

Ela começou a lavar travessas e panelas, mas para um surpresa, Silas pegou um pano de prato e começou a secar a louça.

— Você poderia ficar se quisesse — ofereceu ele após alguns momentos. Ela o olhou perplexa e Silas acrescentou sorrindo: — Há um quarto de hóspedes aqui. Eu não iria...

Ela sabia que havia um quarto de hóspedes. Já o usara. E adoraria ficar, mas... O amor sempre se tratava de negação?

— Acho que é o suficiente que terei de agüentá-lo amanhã à noite — brincou ela, temendo que Silas pudesse desconfiar de seus sentimentos por ele. Porém, uma vez que o assunto havia surgido, era melhor aproveitar a chance. Nervosa, desviou os olhos. — Suponho que amanhã à noite não terei a chance de ter um quarto só para mim?

E teve de encará-lo de novo. Viu que Silas estava sério, mas ouviu sensibilidade sincera na voz dele quando respondeu:

— Lamento, Colly, mas isso é muito pouco provável.

O coração dela de súbito disparou com o olhar gentil de Silas. E então, talvez por causa da tensão da noite ou por algo mais, simplesmente sabia que precisava ficar sozinha.

— Agora tenho de deixá-lo com a louça da maquiagem — anunciou ela, tirando as mãos da água e secando-as.

Ela foi para sala de estar, onde deixara sua pequena bolsa e, pegando-a, removeu as chaves do carro. Ouviu um ruído e virou-se para descobrir Silas parado à porta da sala de estar.

Colly foi na sua direção. Ele não se moveu para lhe dar passagem e, mesmo com o coração descompassado, ela conseguiu provocá-lo:

— Posso sugerir que, assim que você terminar com a louça, vá para cama e descanse o máximo possível? Ele arqueou as sobrancelhas. — Seria ótimo se você estivesse bem disposto pela manhã.

— Você acha? Oh, sim, ela achava. Muito.

— Do meu ponto de vista, a menos que aquele quarto em Dorset tenha duas camas de solteiro, você provavelmente passará uma noite muito desconfortável — disse ela docemente. — Acordado em uma cadeira.

Silas não foi enganado pela falsa doçura de Colly. Nem abalado pelo que ela dissera. Porém conseguiu, com esforço, tirar-lhe o sorriso falso do rosto quando perguntou suavemente:

— Eu lhe disse isso quando você insistiu em entrar comigo na cama daquela vez?

Sem fala, ela o encarou. Não tinha sido daquele jeito e Silas sabia disso. Mas, tendo silenciado as provocações dela com eficácia, ele afastou-se da porta para deixá-la passar.

Colly já estava a caminho quando ouviu:

— Eu a apanho por volta das duas. — Ele a seguiu até o elevador.

Esqueça-me, ela pensou em falar. Mas amava-o muito e sabia que não poderia decepcioná-lo.

Capítulo VIII

Faltava cinco minutos para às duas horas no sábado à tarde quando Silas chegou. Colly estava pronta esperando. Embora, interiormente, achava que nunca estaria pronta.

Engoliu em seco antes de abrir a porta. E mais um vez tentou reprimir a culpa que sentia por ter de enganar um senhor idoso. Devia ver o outro lado daquela moeda. Pensar em Silas. Ele não tinha pensado em si; mesmo quando decidiu que necessitava se casar, e sim no bem da companhia, em seus funcionários e acionistas. Como ele dissera, o avô queria conhecer a esposa do neto, e ela era a esposa.

Colly abriu a porta.

— Desculpe-me a demora para atendê-lo. — Silas estava vestido casualmente de calça e camisa e ela ficou radiante em vê-lo.

— Vou somente pegar a mala — murmurou.

Silas levou a mala para o carro e, minutos depois eles estavam a caminho.

— Minha mãe ligou para agradecer você pela noite maravilhosa — comentou ele.

Obviamente Silas tinha dado uma boa desculpa para que ela não pudesse atender ao telefone.

— Refletindo, cheguei a conclusão de que a noite foi boa — disse ela.

— Meus pais a adoraram — respondeu Silas.

— Oh, não é verdade — negou ela, mais uma vez consumida pela culpa. — Eles estavam preparados para adotar qualquer mulher com a qual você se casasse. — Colly falou como via aquilo, sabendo, no fundo, que adoraria ser a verdadeira nora de Paula Livingstone. — Sua mãe é tão amorosa.

— Você sente falta do amor materno — observou ele com sensibilidade. — Quantos anos você tinha quando morreu sua mãe?

— Oito — replicou ela, mas não queria falar sobre o assunto. — Você não vai marcar outro jantar para nós tom os seus pais, vai?

— Você se preocupa demais — disse Silas como resposta.

Colly ficou em silêncio, e logo Silas pareceu ocupar-se com os próprios pensamentos. Apesar disso, após muito tempo, perguntou:

— Há alguma outra coisa preocupando-a, Colly?

— Por onde você quer que eu comece? — respondeu rudemente, mas em seguida se arrependeu. — Desculpe-me. Tudo isso é muito mais culpa minha do que sua.

— Que pessoa querida você é — disse ele e, depois do coração de Colly dar um salto de alegria, percebeu que ele parecia falar sério.

— Tenho pensado apenas em mim mesma e na minha culpa, mas você também deve estar detestando fato de não poder contar a verdade sobre nosso relacionamento à sua família.

Colly não sabia o que esperava que ele respondesse se, mas ficou totalmente atônita quando, do nada, Silas de repente declarou:

— Sabe, Sra. Livingstone, eu acho que aprecio bastante o fato de estar casado com você.

A boca de Colly se abriu em choque, e ela ficou satisfeita que os olhos dele estavam na estrada. Silas apreciava estar casado com ela? Uma esperança brotou em seu coração, até que o bom senso venceu. Por que ele apreciaria o fato de estarem casados? Moravam em casas separadas. Ele tinha o certificado de casamento que precisava, e certamente por isso fizera tal comentário.

Aquilo provavelmente significava que, de qualquer pessoa que Silas poderia ter escolhido para se casar, estava feliz que fizera a escolha certa. Bela atitude da parte dele!

Percebendo que estava ficando tensa e irritada novamente, e que não era o humor adequado para conhecer o avô de Silas, Colly fez um esforço determinado.

— Tio Henry telefonou ontem — contou alegremente,

— Ele leu sobre o nosso casamento? — Silas adivinhou. E então adicionou em tom preocupado: — Você não contou para ele...

— Obrigada por sua confiança — Colly o interrompeu em tom rude, mas sabia que estava errada e deu um suspiro. — Por que estou sempre me desculando com você? Eu sei, eu sei — continuou apressada — eu escorreguei antes com Tony Andrews. Mas não fiz isso com o Henry.

— Ele ficou muito aborrecido?

— Ele foi muito compreensivo, na verdade. Eu lhe disse que o apartamento pertencia a seu avô, a propósito. E que você viaja com frequência, mas que quando está em casa, às vezes, gosta de ficar no apartamento.

— Eu fiz de você uma mentirosa? — perguntou ele, lançando-lhe um olhar de soslaio.

— Foi o que você me falou — defendeu-se Colly. — Que às vezes passa a noite lá.

— Lembre-me de fazer isso com mais frequência — respondeu ele com sarcasmo.

Ela riu. Aquele homem tinha o poder de fazê-la rir. O avô Silas Livingstone era alto, como todos os homens da família. Com cabelos grisalhos e vestido com elegância, foi cumprimentá-los. Ele não a abraçou, mas, depois de apertar a mão do neto, pegou uma das mãos de Colly carinhosamente nas suas. As palavras foram calorosas também quando, estudando-a com cuidado, falou:

— Como este meu neto ousou fugir com você e se casar às escondidas, sem que eu estivesse presente para lhes desejar felicidades?

Colly sorriu para o homem mais velho, um sorriso espontâneo e carinhoso quando respondeu:

— Nós não queríamos esperar e não queríamos nenhum tipo de tumulto. — E porque o avô de Silas não tinha sido convidado, acrescentou: — Sinto muito.

— Com um sorriso deste eu a perdôo — replicou ele, de modo galante e convidou: — Entre. Gwen está com a chaleira no fogo.

Gwen aparentemente era a governanta da casa, uma moça rechonchuda e baixinha que trabalhava para o Livingstone mais velhos há anos. E foi Gwen quem levou o carrinho de chá para sala de estar.

Mas foi Colly quem serviu o chá e, enquanto bebiam e comiam um pedaço de bolo, aceitou as desculpas do avô Livingstone por não ter comparecido ao funeral do pai dela.

Colly se deu conta de que o funeral de seu pai não tinha acontecido muitos meses depois que o avô de Silas havia perdido a esposa. E tal fato, já com a idade avançada, não o deixara em condições emocionais pari; atender ao funeral.

— O senhor conhecia meu pai?

— Não pessoalmente. Mas a maioria das pessoas no campo de engenharia o conhecia — respondeu ele e então comentou várias conquistas de Joseph Gillingham.

Colly se sentiu muito orgulhosa, e de repente percebeu que estava relaxada. Ficou orgulhosa de Silas também, quando ele e o avô tiveram uma pequena conversa sobre engenharia, mesmo que ela não entendesse nada do assunto.

Contudo, considerando que não era educado falar de um assunto que ela não podia participar, os homens logo mudaram o rumo da conversa, apenas para acabar com o estado de relaxamento de Colly quando o avô Livingstone sugeriu a Silas:

— Vocês querem se refrescar, suponho. O quarto está pronto para vocês. É o da frente.

Oh, céus! Era uma casa grande, porém, não havia chance do quarto deles ser uma suíte dupla.

— Vamos levar nossas malas para cima, Colly? — interferiu Silas com naturalidade, aparentemente sabendo a que quarto o avô tinha se referido.

— Certo — respondeu ela, sorrindo, esperando que o avô não percebesse sua súbita tensão. Um homem que estava radiante pelo neto ter se casado e levado a esposa para conhecê-lo.

Silas levou as duas malas para cima. Ela torceu para que o cômodo tivesse duas camas. Errado! Assim que a porta foi aberta, Colly olhou ao redor e viu a grande cama de casal.

Silas passou por ela e foi colocar as malas no chão, enquanto Colly permaneceu onde estava. Quando pensava na possibilidade de compartilhar um quarto com ele, tinha sido capaz de convencer a si mesma que poderia lidar com a situação. Mas agora, com a realidade diante de si, não estava mais nem um pouco convencida!

— O que houve? — Silas notou que ela parecia congelada perto da porta.

— Nada — disse ela, dirigindo o olhar para uma poltrona no canto. Deu alguns passos à frente e Silas aproveitou para fechar a porta atrás dos dois. Quando ele, inesperadamente, pôs as mãos em seus ombros, Colly pulou como se tivesse sido mordida.

— Nada? — zombou Silas, virando-a para encará-lo. — Parece que há algo errado.

— Não continue! — exclamou ela, desvencilhando se dele.

Se Colly pensou que ele deixaria as coisas assim, logo descobriu que estava enganada.

— Olhe — começou Silas calmamente — para todo mundo, você e eu somos casados, mas, enquanto eu admito que você é uma mulher linda e desejável, você tem de entender que eu não quero fazer nada que, a longo prazo, irá uni-la permanentemente a mim.

Aquilo verdadeiramente acabou com a tensão de Colly. Não por causa do que ele tinha dito, não pela tentativa de Silas de confortá-la, mas porque ele implicara que ela poderia lhe dar alguma chance caso ele tentasse uma aproximação física. Quem ele pensava que era, afinal?

— Então, quaisquer medos que você tenha de que aconteça alguma coisa entre nós dois, esqueça! — declarou ele.

Ela abriu a boca, pronta para agredi-lo com algumas palavras, mas engoliu-as com dificuldade.

— Certo — murmurou, encarando-o com expressão zangada. Ele a olhou de volta.

— O que foi agora?

Colly não respondeu. Mas, enquanto continuo olhando-o com teimosia, a expressão séria de Silas se transformou num sorriso cínico, e ela sabia que não ia gostar do que ouviria a seguir. E não gostou.

— Certamente você não *quer* que nada aconteça entre nós que possa consumir...

— Pare agora mesmo, Livingstone! — explodiu ela. — Eu não quero agora nem nunca... — Subitamente, ela parou e começou a ver o lado engraçado da discussão deles. O que havia para discutir, afinal de contas? Os dois queriam a mesma coisa. Colly notou que ele estava sorrindo e olhando diretamente para sua boca, e teve de dizer-lhe: — Respondendo a sua pergunta "O que foi agora?", suponho que questionei-me se você, ou qualquer outro homem, dada as circunstâncias, ficaria tão imune aos meus charmes.

Silas sorriu ainda mais amplamente, e ela supôs que ele apreciou sua honestidade quando, sendo sincero também, tomou-a nos braços e murmurou:

— Imune? Acho que você sabe que isso é impossível, não sabe, Colly?

Ela o fitou, o coração batendo descompassado.

— Então, agora sabemos nossa posição.

— Exatamente — concordou ele, plantou-lhe um leve beijo nos lábios e afastou-se. — Grite se precisar de alguma coisa. Vou fazer companhia a meu avô até que você esteja pronta para se juntar a nós.

Depois que Silas saiu, Colly desempacotou as poucas coisas que tinha levado. Reconheceu que se sentia melhor pelo fato de estar sozinha por alguns momentos. Na verdade, agora que ele não estava mais no quarto, começou a perguntar-se por que eles haviam tido aquela tola discussão. Silas deixara perfeitamente claro que queria que o casamento deles permanecesse exatamente como era, não consumado. E, portanto, que ela não correria nenhum risco pelo fato de dormirem no mesmo quarto. Mas, um sorriso iluminou o rosto de Colly. Era bom saber que Silas não era totalmente imune a ela.

Sentiu-se um pouco apreensiva, todavia, quando desceu para jantar no fim da tarde. Mas descobriu, com Silas lá como um apoio, e com o avô dele sendo um homem cortês e charmoso, que não tinha a menor necessidade de ficar apreensiva. O único momento em que sentiu tensão foi quando o avô Livingstone perguntou ao neto:

— Suponho que você não tem tido tempo de ir dar uma olhada no meu apartamento ultimamente?

— Tenho, sim — Silas o assegurou, tendo estado lá naquele mesmo dia. — Você não precisa se preocupar.

Um pouco mais tarde, eles saíram da sala de jantar e foram para sala de estar, e Colly percebeu, para sua surpresa, que o tempo tinha voado e a noite fora muito agradável.

Durante a conversa que se seguiu na próxima meia hora, foi mencionado que o avô de Silas normalmente ia para cama por volta das dez e meia, e Colly decidiu que aquele seria o momento apropriado para se retirar.

— Eu vou ficar aqui embaixo até mais tarde — anunciou Silas.

Os nervos a atacaram de novo.

— Eu direi boa noite então. — Ela sorriu enquanto deixava o sofá e os dois homens se levantaram também.

Dentro do quarto que iria compartilhar com Silas, Colly tentou bloquear da mente toda a conversa de que Silas não era imune a ela, mas não tinha o menor desejo de tornar o casamento deles verdadeiro.

Logo descobriu que o avô de Silas não se preocupava muito com luxo no que dizia

respeito à cama e cobertas. Ela tomou banho e vestiu a camisola e, ficando apenas com o lençol e um cobertor, pegou a colcha da cama e colocou-a sobre a poltrona que não parecia muito confortável. Continuou parecendo desconfortável com a colcha por cima. Adicionou um travesseiro.

De lá, foi acender a luz do banheiro e deixou a porta aberta, a fim de que Silas tivesse luz suficiente para movimentar-se sem bater em nada. Esperando que conseguisse dormir antes que ele chegasse, apagou a luz do quarto e acomodou-se na cama de casal. Para que não houvesse nenhum engano, optou por ocupar o centro da cama.

Todavia, ainda não estava dormindo quando escutou Silas subindo a escada. Continuava acordada quando, o que pareceu horas depois, escutou-o abrir a porta. Estava de costas para o banheiro e de olhos fechados, concentrando-se em manter a respiração tranqüila, quase silenciosa. Silas entrou calmamente e fechou a porta atrás de si.

Se ele sabia que ela ainda estava acordada, não falou nada. Colly também não tinha nada a dizer. Silas devia ter entendido a dica da luz do banheiro e não acendeu mais nenhuma luz do quarto. Ela ouviu os movimentos, os passos, então, quando a porta do banheiro foi fechada, abriu os olhos para encontrar a escuridão.

Logo depois, houve luz de novo, brevemente. Colly fechou os olhos e sabia que Silas estava indo para a poltrona desconfortável. Pelo menos esperava que assim fosse. Haveria uma guerra se ele achasse que os dois iriam compartilhar a cama!

Foi uma idéia que, depois de uma hora, ou talvez duas, ouvindo Silas tentando acomodar o corpo grande para que conseguisse dormir, Colly teve de rever.

A cadeira fez ruídos de novo quando, mais uma vez, Silas mudou de posição, e ela começou a enfraquecer, começou a se sentir penalizada. O que ele fizera para merecer aquilo? Nada além de tentar dar o melhor de si para fazer prosperar a firma que o avô iniciara.

Bem, uma noite sem dormir não o mataria, argumentou uma voz em seu interior. Silas provavelmente teria dor de cabeça por uma semana, mas... — A poltrona fez ruído novamente quando ele tentou ajustar a posição.

— Oh, pelo amor de Deus! — Colly se pegou exclamando. — Traga seu travesseiro e colcha e deite-se aqui. Com a cabeça para baixo e os pés para cima — disse e moveu-se para a ponta da cama, a fim de lhe dar bastante espaço.

Ela o ouviu se mover e desejou que tivesse se mantido calada, e não ficou apaziguada quando a voz dele soou perto:

— Por você, eu trouxe pijamas — Silas a informou.

— Eu não me importo se você está usando uma armadura! — devolveu ela. -Ainda assim, vai dormir com os pés na minha cara.

Ela ouviu a risada baixa de Silas e não pôde negar que de repente teve vontade de rir também. Contudo, conteve-se. Então sentiu a cama afundar. Silas, colocando a cabeça ao lado dos pés dela, tinha se acomodado na cama.

Se ele adormecera ou não, Colly não sabia. De seu lado, estava tão consciente da proximidade do grande corpo, que não conseguia dormir.

Em algum momento da madrugada, sentiu-o levantar da cama. Ou Silas costumava acordar muito cedo ou também não conseguia dormir. Ela supôs que era a primeira opção. Ouviu a porta do banheiro se fechar e concluiu que ele ia tomar um banho e se aprontar para o dia.

Colly fechou os olhos e finalmente conseguiu adormecer. Mas não dormiu por muito tempo. Logo, lembrou-se que era uma hóspede e que hóspedes tinham certas tarefas.

Uma delas era não se atrasar para o café da manhã se esse fosse servido num horário rígido.

Sentando-se, puxou as cobertas até o peito e deu uma olhada ao redor. Então relaxou. Como havia suspeitado, Silas já tinha acordado e saído do quarto. Colly saiu da cama com sua camisola de alcinha e foi para o banheiro, a fim de tomar um banho.

Quando abriu a porta, quase desmaiou. Ficou atônita, boquiaberta, imóvel. Tinha pensado, na verdade, tinha certeza que Silas saíra do banheiro horas atrás. Achava que dormira por aproximadamente uma hora, mas concluiu que devia ter apenas cochilado por alguns minutos. Porque o banheiro não estava vazio. Silas estava lá. E completamente nu!

Ele estava de lado, parado diante do grande espelho, tendo obviamente acabado de se barbear. Virou a cabeça quando a porta do banheiro se abriu, e Colly perdeu o fôlego com a visão da extensão das pernas, dos músculos grossos da coxa, as nádegas perfeitas, sem mencionar as costas largas.

Então seus olhos encontraram os dele e Colly sentiu o rosto corar. Estava incerta de quem se moveu primeiro, mas, sem se demorar com a análise disso, virou-se num sobressalto.

Havia dado alguns passos para dentro do quarto, mas ainda não tinha recoberto a compostura, não sabendo o que fazer, se entrava de novo debaixo das cobertas ou saía correndo.

Ficou parada, sentindo-se rubra, tentando dizer a si mesma para não fazer um drama da situação, que Silas não tinha cometido nenhum pecado. Pelo que ele sabia, ela estava dormindo e a última coisa que esperava era que sua privacidade fosse invadida.

Então Colly o ouviu se aproximar e parar atrás dela.

— Isso está ficando pior — murmurou Colly com voz trêmula.

— Eu não sabia que eu era tão assustador sem roupas — respondeu Silas, tentando amenizar o clima com a brincadeira. Mas Colly não podia encontrar humor na situação.

— Não faça isso! — disse ela com voz rouca. — Eu não sabia que você estava aí. — E não sabia onde estava quando, por trás, braços fortes a rodearam num abraço frouxo. Colly olhou para baixo e ficou extremamente aliviada ao ver, pelos braços dele, que Silas devia ter vestido um robe rapidamente. — Eu pensei que você tivesse tomado banho e saído do quarto.

— Acho que sei disso — murmurou ele no topo da cabeça dela. E, assumindo toda a culpa, acrescentou: — Da última vez que a olhei, você dormia profundamente. Mesmo assim, considerando que não há trinco na porta do banheiro, eu deveria ter deixado um bilhete na maçaneta, ou algo assim.

— Tudo bem — replicou ela.

Os braços de Silas se firmaram um pouco em volta dela. Colly não estava certa se ele lhe beijara o topo da cabeça de leve. Subitamente lembrou-se de que estava apenas de camisola curta e fina, e provavelmente tudo que Silas tinha no corpo era um fino robe de seda.

Ela tentou se afastar, mas os braços fortes a seguraram, e, com toda honestidade, não tinha a menor vontade de sair dali. Logo voltariam para Londres e tal proximidade terminaria. Necessitava aproveitar aqueles momentos preciosos.

— Você tem sido brilhante, Colly — sussurrou ele, inclinando-se sobre a orelha dela. -Apenas mais algumas horas e podemos nos despedir do fim de semana.

Apenas mais algumas horas! Ela queria ficar daquele jeito para sempre.

— Eu nunca quis criar esta confusão — replicou Colly e, sem saber se porque ele a

abraçara mais ou porque ela estava obedecendo a uma compulsão incontrolável, moveu-se e aninhou-se mais a Silas.

Ele não a afastou e a lateral dos rostos dos dois estavam quase se tocando.

— Você tem sido maravilhosa — ele a elogiou.

Oh, que Deus a ajudasse, estava começando a se sentir instável.

— É isso que você diz para todas as garotas que quer levar para cama? — perguntou ela com uma pequena risada nervosa.

Ele a virou então, ainda tocando-lhe os braços.

— Você é especial, Colly.

Ela sorriu, lembrando-se de quando lhe perguntara o que aconteceria se eles estivessem casados e Silas quisesse se casar com uma outra pessoa. E ele respondera que ela teria de ser mais que extra-especial.

— Cuidado — ela o avisou. — Quando você conhecer a mulher extra-especial, eu saio de cena.

Como resposta, Silas a encarou, os olhos azuis fixos nos verdes. E por infinitos momentos, eles apenas se entreolharam, sem dizer uma única palavra. Então, de repente, Colly o sentiu puxando-a mais para si.

Pensou que seria uma boa idéia resistir. Somente que então os lábios de Silas estavam sobre os seus, aquecendo-os com gentileza, e Colly perdeu a esperança de resistir. Amava-o. Por que deveria resistir?

Após alguns momentos, Silas levantou a cabeça. Ela tentou encontrar a voz, mas tudo que pôde balbuciar foi um tímido:

— Bom dia. Ele riu.

— Bom dia, esposa.

Adorando ser chamada assim e sem poder evitar, Colly falou:

— Você tem uma boca muito saborosa, Sr. Livingstone.

— E você tem a permissão de beijá-la sempre que quiser — sugeriu ele.

Naquele momento, a lógica tentou penetrar a consciência de Colly. Não era assim que o fim de semana deveria se desenrolar. Mas a lógica era uma companheira fria, e ela preferia aceitar a oferta do marido.

Como que por vontade própria, os braços circularam o pescoço dele. Ela sentiu o calor emanando do corpo másculo e simplesmente teve de beijá-lo. Silas respondeu com paixão.

Eles se separaram. Sem fôlego, Colly o encarou.

— Eu... — começou, mas foi incapaz de prosseguir. Porque, o que queria lhe dizer, era que o amava, mas sabia que não podia fazer isso.

— Você? — incentivou ele, abrindo um sorriso naquela boca maravilhosa.

— Eu... acho que estou me sentindo um pouco confusa — admitiu ela.

Ele sorriu, como se compreendendo.

— Você supõe que um outro beijo ajudaria?

Ele devia estar brincando! Os beijos eram parcialmente responsáveis pelo estado de confusão de Colly. Mas, embora pretendesse recusar a oferta tentadora, descobriu que não era capaz.

Eu não queria que você me achasse gulosa — murmurou ela e não disse mais nada.

Como poderia? Silas a puxara para si novamente, estava apertando-a contra o coração. Colly não mais pensava, mas apenas sentia, desfrutava, e foi até as nuvens quando o homem que amava desesperadamente a beijou não apenas uma vez, mas muitas outras vezes.

E Colly adorava aqueles beijos, e correspondeu sem insistência. Adorava como os dedos fortes moviam-se pelos seus cabelos escuros e longos, o modo como as mãos másculas acariciavam-lhe o rosto. O jeito que ele movia as mãos para abraçá-la com força.

— Silas! — sussurrou Colly quando de repente se descobriu contra a parede e com Silas inclinado sobre ela.

— Você está... — A voz dele era rouca. — Eu não estou alarmando você, estou?

— Você me quer? — perguntou ela.

— Oh, minha menina doce e inocente — murmurou ele e, sorrindo, acrescentou: — Sim, pode-se dizer que sim.

— Oh! — exclamou Colly, olhando-o com intensidade.

— Eu estou preocupando você? — questionou ele, afastando-se um pouco.

Ela meneou a cabeça.

— É só que... Bem, eu não tenho muita experiência nesses assuntos. — Enquanto Silas sorria, parecendo encantado com ela, Colly queria sentir o calor contra seu corpo novamente e pressionou-se contra ele.

— Colly! — murmurou ele e a beijou, e foi um beijo tão intenso e apaixonado que ela sabia que iriam fazer amor.

— Oh, Silas! — exclamou ela e o abraçou com força, adorando cada momento, cada beijo sussurrado, cada carícia que as mãos mágicas e fortes faziam em seus ombros nus.

Ela perdeu o fôlego no momento em que, com uma mão abraçando-a, Silas usou a outra para lhe acariciar o seio. Um fogo se instalou no corpo de Colly e ela queria mais.

— Oh! — Ela gemeu quando os dedos másculos provocaram-lhe os mamilos. E gemeu mais alto quando ele abaixou a cabeça e tocou os lábios quentes por cima do tecido fino da camisola. Então voltou a beijá-la.

Silas a beijou longa e demoradamente, enquanto as mãos alisavam-lhe as costas, a cintura, as nádegas.

Quando as mãos fortes encontraram a bainha da camisola, e os dedos tocaram as nádegas nuas de Colly, puxando-a mais para si, ela pensou que fosse desmaiar.

Beijou-o porque precisava disso. Mas a camisola de repente era um obstáculo.

— Você precisa disso? — Silas perguntou, os dedos na bainha, prontos para removê-la.

— Não... Quero dizer, sim.

Ela não sabia o que queria dizer, mas a idéia de ficar totalmente nua diante dele lhe era muito estranha, portanto, não podia fazer isso. Aquilo tudo era muito novo para Colly, e o fato de amá-lo tanto, de desejá-lo com desespero, era algo que a fazia querer negar. Talvez fosse alguma timidez por estar naquela situação com um homem pela primeira vez na vida. Simplesmente não sabia.

— Eu não posso — murmurou ela engolindo em seco, a idéia de ficar nua na frente de Silas apavorando-a.

Silas, a pele levemente avermelhada, olhou-a com expressão incrédula.

— Você não quer fazer amor comigo? — perguntou, deixando as mãos caírem na lateral do corpo e colocando algum espaço entre os corpos, mas estudando-lhe a expressão o tempo todo.

Ela não queria dizer aquilo, de maneira alguma. Todo seu corpo estava tremendo de desejo por ele. Mas, subitamente, apesar da intimidade que compartilhavam, e talvez porque Silas tinha se afastado e não a estava tocando mais, percebeu que não poderia dizer as palavras que queria: *Sim, eu preciso de você. Sim, eu quero você. Por favor,*

possua-me.

Então meneou a cabeça. Confusão? Sim, confusão total e absoluta. Então, por que sua voz soou tão composta, tão distante, quando, após dar um passo de lado, perguntou:

— Você terminou de usar o banheiro? — ela ouviu uma estranha voz feminina murmurar.

E arriscou um olhar para Silas, que a olhava como se em descrença total. Entretanto, jamais a forçaria. Ele deu um outro passo, distanciando-se.

— Você é fria — murmurou ele. Fria? Se ele soubesse!

— Vou aceitar isso como um sim. — Colly foi para o banheiro enquanto podia, antes que jogasse os braços ao redor dele e lhe implorasse que entendesse que nenhum outro homem jamais a vira nua, que, embora não sentisse vergonha do corpo, parecia ter algum bloqueio em relação à nudez.

Eles ficaram em silêncio durante a jornada de volta para Londres. Colly tinha muito no que pensar, e Silas também parecia pensativo. Trabalho, ela supôs. Era quase certo que um homem sofisticado como Silas não se incomodaria de pensar sobre o que tinha acontecido entre os dois.

Ela também não queria pensar naquilo. Tinha ficado no banheiro por séculos depois que o deixara. E quando havia finalmente saído, Silas não estava mais no quarto. E por que teria ficado? Eles tinham compartilhado alguns momentos intensos, mas Silas não tentara detê-la quando ela dissera que não podia e fora para o banheiro.

Algo pelo que, agora, ele devia estar mais do que satisfeito. Afinal, não desejava de verdade consumir o casamento, e provavelmente estava agradecendo à sorte por não ter deixado um momento de desejo arruinar-lhe a vida.

Ela estava satisfeita também, pensou, porque fazer amor não estava no contrato deles. *Oh, pare de pensar nisso*, repreendeu a si mesma.

— Você está bem? — A súbita questão quebrou a atmosfera tensa do carro.

Não, ela não estava bem. Longe disso.

— Por que eu não estaria? — indagou, tentando soar casual.

O silêncio se instalou no veículo mais uma vez.

— Assumo metade da culpa se você assumir a outra metade — declarou Silas.

— Isso é o mínimo que você pode fazer! — retorquiu e acrescentou: — E, se você não se importa, eu não gostaria de discutir isso.

Um gemido foi a resposta que obteve. Ótimo. Tendo tempo para distrair a mente, ela pensou que tinha descoberto um talento desconhecido para atuar quando finalmente havia descido a escada e se juntado a Silas e ao avô. Ou talvez tivesse sido apenas boas maneiras na frente do homem mais velho. Mas, de alguma maneira, nas horas que se seguiram, tinha conseguido conversar e rir com ambos os homens como se nada de extraordinário tivesse acontecido em sua vida recentemente.

E quando, logo depois do almoço, Silas comentou que deveriam ir embora, e o avô os acompanhou até o carro e disse: "Conhecer você fez bem ao meu coração, Colly", tinha parecido natural que eles se dessem as mãos e se beijassem no rosto. No momento que Silas ligara o carro, o Livingstone mais velho pedira:

— Voltem em breve.

Se dependesse de Colly, isso nunca aconteceria.

— Obrigado por ter ido comigo — murmurou Silas formalmente assim que parou em frente ao prédio dela, e saíram do carro.

Eu não teria perdido isso por nada nesse mundo. pensou Colly.

— Sem problemas — disse.

— Eu levo sua mala para dentro.

De jeito nenhum! Já tivera um encontro íntimo com ele. Não o queria sentado em sua sala de estar, onde poderiam trocar agressões verbais.

— Não é necessário — respondeu ela com firmeza. E sentindo que estava perto das lágrimas: -Até qualquer hora. — Pegando sua pequena maleta, afastou-se rapidamente antes que Silas pudesse detê-la.

Colly foi para cama naquela noite, sentindo-se deprimida. E, após uma terrível noite na qual passou acordada a maior parte, levantou-se na segunda de manhã com a mesma tristeza no peito.

A situação, sentia, era insolúvel. Não poderia ter um casamento apropriado com Silas, mesmo que assim quisesse. E era óbvio que ele não queria, então, qual era o ponto de permanecerem casados?

Colly não teve de pensar profundamente naquilo. Sabia a resposta. Mas, de seu ponto de vista, um divórcio seria uma boa opção.

Se eles estivessem divorciados, os convites para jantar com a família acabariam. E, apesar de ter verdadeiramente gostado dos pais de Silas, e apesar do fato de que adoraria ser parte da família dele, como poderia?

O avô Livingstone tinha pedido, emocionado, que eles voltassem para visitá-lo em breve. Como poderia voltar lá novamente com Silas?

Impossível. Lembrando-se como tudo havia saído de controle, uma vez que fazer amor não era parte do acordo dos dois, Colly sabia que jamais poderia arriscar aquilo de novo. Entretanto, por quanto tempo mais Silas conseguiria continuar enganando os pais? E o avô?

Mas, enquanto o divórcio parecia ser a única resposta, Colly sabia que não poderia se divorciar de Silas a menos que quisesse que o primo dele assumisse o controle da Livingstone Desenvolvimento, conseqüentemente, arruinando o trabalho de três gerações.

Não seria capaz de fazer isso com Silas. Desejou que não o amasse tanto, e soube então que nunca deveria ter se casado com ele. Mas também sabia que era agradecida por tê-lo conhecido. Quando tudo tinha sido feito, ele nunca pedira que ela se apaixonasse. E pela atitude silenciosa de Silas durante o trajeto de volta para Londres, era óbvio que ele estava apavorado com a idéia dos dois se tornarem mais íntimos do que já estavam. Ele não desejava esse tipo de envolvimento.

O dia se arrastou, parecendo infinito. Mas, para mostrar-lhe que não era a única deprimida, Rupert Thomas telefonou-lhe por volta das cinco daquela tarde e pareceu realmente melancólico.

Colly tinha ficado tentada a não atender ao telefone quando este tocara. Mas uma tola esperança a fez atender. Realmente acreditava que, após as poucas palavras frias que haviam trocado no carro, Silas ligaria? Oh, era uma tola mesmo!

— O que você vai fazer esta noite? — perguntou Rupert, o tom triste.

Ele tinha sido rejeitado novamente?

— Nada em particular — respondeu ela, percebendo que no dia seguinte teria de esconder os próprios sentimentos, enquanto escutava, capítulo por capítulo, as últimas tragédias de Rupert.

— Você pode jantar comigo? — ele quis saber.

Ela já jantara com ele antes. Rupert era uma boa companhia, quando estava feliz.

— Alguma razão em particular? — Ele era muito chato quando estava triste, mas era seu amigo, afinal de contas.

— Você não vai acreditar! — exclamou ele, querendo desabafar. — Aquela miserável da Averil Dennis me dispensou.

— Oh, sinto muito — murmurou Colly e, pelos próximos cinco minutos, ouviu uma lista dos defeitos de Averil.

— Estou precisando muito conversar com alguém — finalizou Rupert em tom dramático. — Diga que vai jantar comigo.

Colly estava prestes a lembrá-lo de que iria à galeria no dia seguinte, onde ele poderia desabafar à vontade, mas abruptamente mudou de idéia. Afinal, não ia fazer nada naquela noite, nem na noite seguinte, nem depois... nem em qualquer noite num futuro previsível, e aquilo não era bom o bastante!

— Eu adoraria jantar com você, Rupert — respondeu, forçando um tom alegre, perguntou: — Aonde vamos? No White Flamingo? — Era um dos restaurantes favoritos dele.

— Hmm... Pensei em levá-la num lugar um pouco mais sofisticado. Um lugar que Averil me apresentou. Apanho você às sete.

— Estarei pronta. — Colly imaginou que Rupert tinha esperança de encontrar Averil naquele estabelecimento, a fim de que pudesse ignorá-la e se vingar. E apresentá-la para Averil como se ela fosse sua última conquista.

Colly não se importava. Rupert tivera uma vida difícil e, embora tivesse quarenta anos e parecesse cinquenta, era inofensivo e divertido na maior parte do tempo. Além disso, ela gostava dele.

Rupert chegou na hora, e falou de Averil o tempo todo. Claramente não tinha lido sobre seu casamento com Silas, pensou Colly. Todavia, com Averil ocupando-lhe todos os pensamentos, ele provavelmente não comentaria nada mesmo se soubesse.

Se Rupert sabia ou não sobre seu casamento, de repente se tornou irrelevante. Porque conforme Rupert dirigia, Colly começou a se sentir apreensiva. Ela tinha de estar errada! Tinha de estar! Mas, se não estivesse, Rupert a estava levando para o mesmo hotel onde ela tinha jantado com Silas na noite em que ele lhe fizera incrível proposta de casamento!

— Rupert, eu... — ela ameaçou protestar quando ele parou em frente ao hotel. Mas ele estava tentando ocupar a vaga que alguém acabara de liberar e não lhe deu atenção.

Colly se acalmou. Que importância tinha aquilo? O restaurante daquele hotel podia ser o favorito de Averil, mas isso não significava que era o favorito de Silas. Pelo amor de Deus, havia dúzias de restaurantes em Londres! E quanto àquele que Tony Andrews a levava na noite em que Silas se aproximara da mesa deles? Talvez aquele fosse o restaurante favorito dele.

Dizendo a si mesma para não ser ridícula, Colly mesmo assim olhou ao redor do salão de jantar quando entrou com Rupert. Então percebeu que seu amigo estava fazendo a mesma coisa, embora, no caso dele, parecia desapontado que o objeto de sua procura não estava jantando lá naquela noite. Quanto a Colly, não queria comer lá. Sabia bem o quão tola estava se sentindo mas aquele era um lugar seu e de Silas.

Estava se sentindo tensa, pois, como ainda era cedo imaginou que Silas podia entrar por aquela porta a qualquer momento. Queria vê-lo? Oh, se fosse honesta consigo mesma, queria desesperadamente vê-lo.

— Então eu a levei para casa — Rupert estava dizendo. Colly tentou se concentrar. Estava sentada onde podia ver a porta de entrada. Esta se abriu, e um homem alto e moreno entrou. O coração dela disparou, depois se aquietou. Não era Silas.

— Pensando no quê? — Rupert perguntou.

— Falta de sorte — murmurou ela sem pensar, e descobriu que tinha dito a coisa certa

quando Rupert comentou:

— Precisamente falta de sorte. Averil jura que eu fiz de propósito, mas...

E assim continuou o jantar. Colly tentava não olhar para a porta a cada dois minutos e ficou grata por precisar falar muito pouco, uma vez que Rupert tagarelou sem parar.

— Satisfeita? — perguntou ele. Ela assentiu, esperando que ele estivesse se referindo a comida.

— O jantar estava maravilhoso.

— Vamos tomar o café no saguão? — convidou ele.

Saguão... onde Silas e ela haviam tomado café aquela noite. Oh, Silas.

Sim esperar resposta, Rupert se levantou. Não eram ainda nove horas, mas quando foram para a área do saguão, Colly sentiu que preferia ir para casa.

Menos de um minuto depois, desejou que tivesse feito isso. Porque, quando entrou no saguão acompanhada de Rupert, seus olhos foram imediatamente para um homem bonito de cabelos escuros sentado a uma mesa, conversando com uma loira inacreditavelmente bonita!

Silas! Colly alegrou-se de imediato, apenas para se sentir triste em seguida. Tinha passado boa parte da noite observando todos os homens altos que entravam no salão de jantar, entretanto, Silas encontrava-se no saguão, tomando café, tão entretido com sua companhia, que nem mesmo levantara os olhos quando a porta do saguão fora aberta.

Todavia, enquanto Colly tremia e o ciúme a assolava com intensidade, Silas desviou o olhar da loira e encontrou os olhos de Colly. Ela o viu olhar para Rupert com expressão nada prazerosa. Em menos de dois segundos, ele se levantou e Colly sussurrou para Rupert:

— Eu preciso sair daqui!

Ela quase correu para fora do saguão, e, sem discutir, Rupert a seguiu.

— Sentindo-se enjoada? — perguntou ele quando chegaram no carro.

Colly decidiu que deveria falar a verdade:

— Acabei de ver alguém que não queria ver — respondeu, embora admitisse para si mesma que era Silas quem não queria ver, mas não queria ver Silas com outra mulher.

— Oh, conheço bem essa cena — disse Rupert maneira compreensiva. — Vamos então.

Colly tentou se lembrar das boas maneiras quando Rupert parou diante de seu edifício. Ela o deixara se café e sabia que deveria convidá-lo para subir e tomar um café, mas, de alguma maneira, não foi capaz.

— Obrigada pelo adorável jantar — murmurou em vez disso, grata que Rupert tinha pago a conta na mesa, antes de irem para o saguão.

— Foi bom, não foi? — replicou ele e, quando Colly foi descer do carro, acrescentou: — Eu a vejo amanhã na galeria. Vou esperar aqui até que você entre.

Colly abriu a porta externa do prédio, virou-se para acenar-lhe e seguiu para seu apartamento. E pensara que estava triste antes! Agora, tudo que podia ver era Silas, conversando animadamente com a bonita loira.

Talvez ele a estivesse convidando para ser a esposa número dois, pensou com amargura. Oh, como estava se sentindo péssima. Detestava o sentimento e detestava Silas por fazê-la se sentir assim.

Foi tomar um banho e se preparar para dormir. Mas o sono não existia, e voltou para sala de estar no exato momento em que o telefone começou a tocar.

Silas! Como se fosse! Ele tinha coisas melhores a fazer do que lembrar que possuía uma esposa, disse a si mesma. Rupert então? Estava com humor de escutar mais sobre

Averil? *Não seja malvada, Colly.* Rupert não tinha culpa por se apaixonar sempre por mulheres que o dispensavam primeiro.

Ela atendeu ao telefone.

— Ele sabe que você não está livre para um velhote namorador? — perguntou Silas do outro lado da linha.

Choque, prazer e ódio lutaram por precedência. O ódio venceu todos os outros sentimentos.

— Ainda mantendo seus votos de casamento, Livingsgtone? — acusou ela e imediatamente quis morder a língua. Tinha demonstrado que estava com ciúme? perguntou-se arrependida.

Houve uma pausa, mas ele obviamente controlou sua irritação, porque teve a coragem de convidar:

— Você gostaria de jantar comigo amanhã, Colly?

E aquilo a deixou louca! Furiosa! Simplesmente não podia acreditar! A menos de uma hora, ele estivera em profunda conversa com a loira. Provavelmente ainda estava *com* a loira, pensou ela, e o pensamento fez sua ira assumir proporções gigantescas. Silas tinha acabado de pedir licença para dar aquele telefonema? Ainda estava no hotel com a loira?

— *Jantar!* — explodiu Colly. — Eu estava pensando mais em me *divorciar* de você do que em jantar na sua companhia! — Com isso, desligou o telefone e caiu aos prantos.

Capítulo IX

Colly ficou imediatamente envergonhada. Secou os olhos e perguntou-se de onde vinha aquele comportamento agressivo. Oh, como podia ter sido tão horrível com Silas? Nunca costumara ter um temperamento tão forte. Suspirou quando se deu conta de que suas emoções estavam em turbilhão recentemente. Na verdade, desde que tinha conhecido Silas.

Embora, pensando melhor, talvez algumas de suas emoções tivessem começado a sair de controle depois da morte inesperada de seu pai.

Lágrimas marejaram seus olhos novamente. Lágrimas que não pôde controlar e escorreram-lhe pelo rosto. Com tudo tendo acontecido tão rápido, a morte do pai, seguida por Nanette expulsando-a. Colly sentia como se nunca tivesse ficado propriamente de luto pelo pai.

Mais uma vez secou as lágrimas, os pensamentos em Silas e em como ele tinha encontrado a solução para os problemas dela, assim como para os seus próprios. Oh, por que tinha se apaixonado por ele?

As lágrimas voltaram a queimar-lhe os olhos, mas dessa vez ela as conteve. Não queria chorar porque amava Silas. Não poderia tê-lo porque ele preferia as loiras.

Por que ele havia telefonado? Ela reconheceu que não tinha dado muita importância para a observação "velhote namorador". Mas por que Silas a convidara para jantar? Supôs que ele não ficou muito satisfeito sobre o comentário do divórcio. Mas...

Os pensamentos pararam quando, subitamente, alguém bateu à porta. Silas! Ou um de seus vizinhos? Não podia ser Silas, ela o agredira. Um vizinho então.

Quem quer que fosse, Colly não ia abrir a porta. Não estava adequada para ser vista. Com olhos vermelhos de tanto chorar, vestia apenas uma camisola e estava pronta para aconchegar-se na cama.

Se fosse um vizinho, descobriria no dia seguinte e alegraria uma dor de cabeça. Se fosse Silas, então... Ela perdeu o fôlego. Alguém estava destrancando a porta. Alguém estava... *entrando!*

Silas tinha a chave! Em um instante, Colly estava de pé, querendo correr, se esconder. Tarde demais. Fechando a porta atrás de si, Silas entrou na sala de estai

A reação de Colly foi imediata. Como não podia se esconder, virou-se de costas para ele. E, encontrando um tom seco, sugeriu:

— Você poderia, por favor, ir embora? Está invadindo meu espaço privado! — Como se achasse que aquilo ia adiantar.

— Nós precisamos conversar — retorquiu Silas seriamente.

— Pelo seu tom, você parece que prefere brigar a conversar. — Ela continuava de costas.

— Não quero brigar — murmurou ele e, obviamente não gostando que alguém lhe desse as costas, rodeou-a plantou-se à sua frente.

Colly olhou para baixo, mas logo sentiu uma mão erguendo-lhe o queixo.

— Você estava chorando! — acusou Silas.

— E daí? — respondeu ela de modo desafiante.

— Por quê? — ele quis saber. E logo tirou suas próprias conclusões: — Quem era o homem que estava com você no restaurante? Ele...

— Ele não fez nada — Colly o interrompeu, notando a ira de Silas. — Aquele era Rupert.

— Da galeria?

— Olhe, Silas, eu estava indo para cama e...

— Eu espero, se você quiser ir se trocar — disse ele. Aquilo a fez recuperar o bom senso.

— Você realmente quer conversar. Havia um olhar determinado no rosto de Silas, mas o tom perdera a gravidade quando perguntou:

— Por que você estava chorando, Colly? — ela deu de ombros.

— Um misto de coisas, suponho. — Silas esperou. E mesmo não querendo contar-lhe, Colly se pegou dizendo: Eu nunca tive o temperamento forte antes... e então, de repente estava gritando com você...

— Você está dizendo que eu sou a causa de suas lágrimas? — indagou ele, parecendo não gostar nem um pouco da idéia.

— Entre outras coisas — afirmou ela. — Provavelmente foi o que despertou meu choro — admitiu. Mas então pensou que ele acharia que era a maior causa de sua tristeza e acrescentou: — De qualquer forma, com tantas emoções acontecendo dentro de mim, comecei a perceber que nunca tive tempo de viver propriamente o luto pela morte de meu pai.

— Suas lágrimas foram por ele? — murmurou Silas, o tom tão gentil que ela teve de protestar:

— Não seja bonzinho comigo. Você vai me fazer chorar de novo. Mas, recobrando algum controle, adicionou: — Se vamos ter uma discussão, eu preferia...

— Eu não quero discutir com você — interrompeu Silas num tom cada vez mais suave. -As coisas... saíram um pouco fora de controle entre nós. Eu acho que deveríamos conversar sobre isso.

— São quase horas! — objetou ela, preocupada para onde tal conversa os levaria.

— Você não precisa ir à galeria amanhã — disse Silas.

— Rupert vai ficar radiante — zombou Colly, mas não pôde evitar a sensação de

felicidade por Silas ter se lembrado que terça era seu dia de ir à galeria.

— Vamos nos sentar?

— Isso vai demorar? — perguntou ela quando Silas a conduziu para o sofá e sentou-se a seu lado.

— O tempo que for necessário — respondeu ele como se, apesar de saber que ia trabalhar no dia seguinte, pretendia ficar a noite toda lá, se fosse preciso, até que tivessem esclarecido tudo. Colly não tinha certeza se queria aquela conversa com Silas, quando qualquer palavra descuidada seria capaz de revelar seus sentimentos de amor.

— Você jantou com ele esta noite? — perguntou Silas, o que era, para a mente de Colly, o último assunto importante numa discussão séria.

— Rupert estava deprimido. A última namorada o dispensou, e ele gosta de desabafar comigo nessas ocasiões.

— Algumas de suas lágrimas foram por ele?

Se fosse honesta, Colly teria dito que não pensara nem por um minuto em Rupert depois que ele a deixara na porta do prédio, mas, em vez disso, observou:

— Eu não me lembro de ter visto você no salão de jantar.

— Nós não jantamos — replicou ele. — Pensando nisso, fora um sanduíche mais cedo, eu não comi mais nada hoje.

— Você não a alimentou? Oh, céus.

Uma expressão alerta surgiu nos olhos de Silas.

— Você não está com ciúme, está, Colly? — A pergunta não a surpreendeu, porque ouvira o ciúme em seu próprio tom também. Seria um milagre se ele não tivesse percebido.

— Oh, não! — mentiu ela. — Posso ser sua esposa, Livingstone, mas não tenho o menor ciúme de você. Quem era a loira? E o que, uma vez que 11h da noite parecia cedo para Silas, ele estava fazendo lá, em vez de estar na companhia da loira? — Ela parece... muito interessante.

— Ela é — replicou ele e Colly desejou que não tivesse comentado. Não tinha certeza se queria saber mais quando Silas continuou: — Eu esperava ver você esta noite quando Naomi telefonou e pediu que eu a encontrasse. Ela estava triste...

— Eu realmente não preciso saber disso — interrompeu Colly friamente. Agora o nome Naomi a perseguiria o tempo todo. — Sobre o que você quer conversar, Silas?

Ele a olhou longamente, como se estivesse pensando na melhor forma de dizer o que queria. Então ergueu o queixo e murmurou:

— Eu não quero falar sobre divórcio, isso com certeza.

E Colly imediatamente se sentiu perversa. Percebeu que Silas tinha todo o direito de estar zangado por ela ter dito que queria se divorciar.

— Desculpe-me, Silas. Mesmo nervosa, foi injusto da minha parte dizer que queria o divórcio. — Pelo amor de Deus, ela soubera antecipadamente que ele sairia com outras mulheres. Eram livres para namorarem outras pessoas. — Foi particularmente injusto quando eu sabia que você precisava de nosso casamento para a segurança de sua empresa. Você...

— Isso não tem nada a ver com a empresa! — ele a interrompeu bruscamente.

Colly o fitou. Não estava entendendo direito.

— Nós estamos... Você... Você não está aqui para falar do divórcio? — perguntou ela, confusa. — E isso não tem nada a ver com negócios?

— Nada — concordou ele. E continuou olhando-a, parecendo estudá-la com atenção.

— Entendo — murmurou ela, mas então teve de confessar: — Não, eu não entendo.

Houve diversos momentos de silêncio antes que Silas deliberadamente falasse:

— Casamento, Colly. Eu quero falar sobre o nosso casamento.

Casamento? O casamento deles? Não tinham um casamento. Não realmente. O que possuíam era apenas um pedaço de papel, um certificado que os unia.

— Nosso casamento? — começou ela. — Em relação a sua família, você quer dizer, e encontros futuros... -A voz falhou. Silas estava meneando a cabeça.

— Nosso casamento em relação a nós — ele a corrigiu.

— Oh — murmurou Colly enquanto a cabeça girava. — Você se refere ao que falou sobre as coisas terem saído de controle entre nós? — ousou bravamente.

Um pequeno sorriso iluminou o rosto de Silas.

— As coisas não saíram como eu planejei.

— Após tanto planejamento — acrescentou ela com um sorriso de encorajamento.

— Parecia uma idéia tão boa no começo — confessou ele. — Você obteria sua carreira e eu continuaria no controle dos negócios. Apenas que... — Silas hesitou.

— Apenas quê? — incentivou Colly. Era estranho. Silas era sempre tão seguro do que ia dizer, mas de repente, parecia nervoso. *Não delire, Colly*, murmurou para si mesma.

— Apenas que o princípio da idéia parecia perfeito. Eu estudei o plano dos mais diversos ângulos, ou assim pensei que tivesse feito. E quanto mais eu pensava nisso, mais a idéia de me casar com você parecia a solução perfeita. Para nós dois.

— Uma solução perfeita — repetiu Colly, esforçando-se para manter a calma.

— Foi o que pensei — concordou ele. — Mas então, as coisas começaram a mudar. Eu nunca pretendi que isso acontecesse. — Silas fez uma pausa. — Também nunca esperei que pudesse me sentir do jeito que comecei a me sentir.

— Oh — murmurou ela. — Você... começou a se sentir... de modo diferente sobre alguma coisa? — Agora era Colly quem estava nervosa. O que aquilo tudo significava?

Como resposta, Silas estendeu uma das mãos e pegou a mão de Colly. Oh, meu Deus, o coração dela disparou violentamente no peito.

— Você precisa entender, Colly que sou um homem de negócios sério. Pouca coisa interfere no meu trabalho. — Ela não tinha certeza se acreditava naquilo, não no que se referia à família. Tinha visto o respeito de Silas pelo pai e pelo avô, seu carinho e também respeito pela mãe. — Mas aqui estou eu, experimentando um sentimento de interesse que não deveria existir.

Os olhos de Colly se arregalaram.

— Interesse... em mim? — perguntou incerta. Ele assentiu.

— Eu zombei da idéia, é claro.

— É claro — concordou ela firmemente.

— E zombei novamente quando descobri que não gostava de vê-la sair com outros homens.

A garganta de Colly secou.

— Bem, você deveria, não deveria? — murmurou ela, o que não significava absolutamente nada, mas dava-lhe a chance de recuperar o fôlego.

Ele apertou-lhe a mão e fixou os olhos azuis nos verdes.

— Colly, estou fazendo de tudo aqui para ser contido, mas a verdade é que você mexeu comigo de um jeito que não sei mais quem sou. — Os olhos de Colly estavam cada vez mais arregalados. — O que estou tentando lhe dizer é que... eu passei a gostar de você.

— Não é verdade! — negou ela instintivamente. Então, porque queria acreditar: — Verdade?

Ele pareceu refletir por alguns momentos antes de responder:

— Pelo que aprendi a conhecer sobre você, eu diria que não perguntaria se era verdade se não estivesse interessada em saber mais.

Oh, meu Deus!

— Eu... estou me sentindo um pouco abalada com isso tudo — confessou ela e foi recompensada com um sorriso.

— Entendo bem essa sensação — disse Silas. — E estou fazendo todo o possível para não apressá-la.

— Eu me lembro de um dia ter pensado que você era um homem que gostava das coisas para ontem. — Colly não sabia de onde tirara aquilo, mas seus nervos estavam à flor da pele.

— Mas não agora. Não aqui e agora — declarou Silas. — Eu não quero aborrecê-la ou preocupá-la. Motivo pelo qual estou me esforçando para ir devagar.

Ela não sabia o que ele queria dizer, o porquê achava que ela ficaria aborrecida ou preocupada, então se concentrou no que Silas tinha dito até agora.

— Você disse que aprendeu a gostar de mim?

— Aprendi e gosto de você — respondeu ele sem hesitação. — Eu não deveria me envolver, não queria isso. Gostar de você não fazia parte de meus planos. No entanto, lá estava eu, no dia em que nos casamos, beijando-a, embora brevemente, e não por causa da ocasião, mas porque não pude resistir.

Colly o encarou. Aquilo não podia estar acontecendo!

— Eu pensei que você tivesse me beijado por causa das pessoas que estavam olhando — sussurrou ela com o fôlego que pôde encontrar.

Silas meneou a cabeça.

— Simplesmente aconteceu. Vejo agora que eu já começava sentir alguma coisa por você. — Colly ainda estava tentando se acostumar com aquilo quando ele continuou: — Naturalmente, em minha sabedoria superior, neguei tamanha bobagem.

— Naturalmente — concordou ela, ainda sentindo-se sem fôlego.

— Então, por que você não sai da minha cabeça?

— Eu não saio?

— Mesmo quando estou em reuniões de diretoria -confirmou ele.

Ela o olhou, incrédula.

— Meu Deus! — exclamou.

— Diversas vezes, tive de controlar a urgência de vir vê-la — Silas a surpreendeu com a admissão. — Apenas para verificar se você estava bem acomodada. Não por outra razão qualquer, obviamente.

— Por que mais seria? — Colly conseguiu dizer.

— Então, tive sentimentos confusos quando você escreveu sobre sua herança. Pelo menos a carta me deu um bom motivo para encontrá-la.

— Oh — Colly deixou escapar, mas ainda estava muito perplexa para fazer mais do que ficar sentada e... sentir esperança.

— Eu decidi que não viria mais vê-la — revelou Silas, diminuindo a esperança de Colly. — Mas você continuou ocupando meus pensamentos. Mesmo quando fui internado no hospital, você estava na minha cabeça. Então, um dia abri os olhos e você estava lá. — Ele parou, e, de súbito, a pergunta que ela evitara uma vez, surgiu novamente: — Por que você foi?

— Eu... — Ela sentiu uma grande necessidade de ser honesta. Silas parecia estar compartilhando os mesmos sentimentos, então, por mais difícil que fosse, teria de ser

sincera. — O jornal... a reportagem no jornal dizia que você estava gravemente doente. — Colly respirou fundo para acalmar-se. — E eu tinha começado a gostar de você também.

— Meu amor! — sussurrou Silas e, a cabeça se aproximando, beijou-a gentilmente. Por longos segundos, eles apenas se entreolharam. Então Silas estava dizendo: — Tenho de confessar que quando decidi deixar o hospital, tentei lutar contra a compulsão de pedir que você ficasse duas noites comigo.

— Porque...

— Porque eu sabia que estava me apaixonando -admitiu ele abertamente.

Gostar dela e se apaixonar significava que Silas a amava um pouquinho? Colly não tinha experiência o bastante para saber disso. A expressão no rosto dele era carinhosa, doce, mas... Ela começou a se sentir assustada. Decidiu ficar com o que sabia.

— Mas você pediu que eu fosse. Telefonou-me e...

— E culpei a doença pela minha fraqueza. Se eu estivesse forte fisicamente, não teria fraquejado emocionalmente.

— Então você cedeu?

— Sim, eu cedi — confirmou ele. — E descobri que gostava de ter você em meu apartamento. — Isso — acrescentou com um olhar depreciativo -, incomodou-me.

— Você foi bastante rude algumas vezes — disse Colly com um sorriso.

— Por que eu não seria? Descobri que não queria que você fosse embora. Entretanto, eu ainda não estava pronto para enfrentar meus sentimentos.

Colly o olhou solenemente. Enfrentar que estava gostando dela, ele queria dizer?

— Você enviou flores — murmurou ela, tentando clarear a mente.

— Eu deveria ter telefonado para agradecer-lhe -Silas se desculpou. — Mas eu estava um pouco chateado que você partiu sem se despedir. Supus que lhe enviar aquelas flores era um jeito brilhante de dizer "Fim". — Ele sorriu então, um sorriso que fez o coração de Colly disparar. — Apenas que não era o fim. Da próxima vez que a vi, você estava jantando com Andrews e parecia gostar muito da companhia dele.

Colly o olhou, divertida. Dessa vez era ela quem detectava algo parecido com ciúme na voz dele.

— Você ficou com... ciúme?

— Muito ciúme — admitiu Silas. — Oh, eu lutei contra você, Colly Livingstone. Mesmo na noite seguinte, quando liguei a fim de convidá-la para jantar, eu estava lutando contra você.

— Contra seus... sentimentos por mim?

— Exatamente. O tempo todo lembrava a mim mesmo que nosso acordo era puramente profissional, e que assim deveria ser. Eu não queria estar *casado* de verdade. — Ele apertou-lhe a mão com carinho. — Mais uma vez, decidi que não ia mais procurá-la. Eu resistiria à tentação de telefonar-lhe de novo. — Os olhos azuis a acariciaram. — Então você, minha Colly querida, ligou para mim — disse ele com um olhar tão terno que Colly teve de engolir em seco antes de encontrar a voz:

— Eu liguei para confessar que tinha feito uma coisa horrível.

— Pobrezinha — sussurrou ele. — E eu soube aquela noite, assim que você me contou sobre o ataque de Andrews e experimentei uma raiva descomunal, que estava apaixonado por você.

A boca de Colly estava aberta. Aquilo era... amor!

— Oh, Silas! — exclamou ela, tremendo.

— Meus profundos sentimentos por você não a aborrecem? — perguntou ele.

— Oh, não, nem um pouco — sussurrou ela. — Você tem certeza? — Era difícil

acreditar.

— Certeza absoluta — respondeu ele carinhosamente. — Naquela noite, eu soube que não podia mais lutar. Embora eu não tivesse certeza do que eu queria na época... Era tudo muito novo, assustador... O que eu tinha certeza era que não me importava que o mundo inteiro soubesse que você e eu éramos casados.

— Você não...

— Não. — Ele levou um momento para beijá-la, mas então se afastou: — Como você se sente em relação a mim, Colly?

Olhando-o, ela se sentiu nervosa, e tímida demais para dizer as palavras que nunca tinha falado antes.

— Você disse que gostava de mim — murmurou Silas quando ela não respondeu. E estou tentando arduamente ir devagar para deixá-la confortável. Mas eu realmente quero saber o quanto você gosta de mim, meu amor.

— Eu... — Colly pigarreou para aliviar o nó na garganta. — Oh, Silas Livingstone, eu chorei esta noite porque... pensei que meus sentimentos por você jamais seriam correspondidos e...

— Algumas de suas lágrimas foram por mim?

— Mais do que algumas — admitiu ela.

— Minha querida — sussurrou ele, e teve de beijá-la de novo, enquanto acariciava-lhe a lateral do rosto. — Continue — pediu após estudar-lhe a expressão por alguns momentos.

— Posso lhe garantir que não choro facilmente — confessou Colly com voz trêmula. — Mas quando saí dirigindo no dia depois do nosso casamento, eu poderia ter caído aos prantos. Eu já sabia então que você tinha um efeito peculiar sobre mim.

— Você acha que foi quando começou a gostar de mim? — Silas quis saber.

— Eu tentei negar meus sentimentos — replicou ela com um sorriso terno. — Mas quando li no jornal sobre sua doença, e o vi no hospital, quando, exausto como estava, você riu do meu comentário sobre ser uma "viúva", eu entendi que estava perdidamente apaixonada por você.

— Oh, Colly. — Ele a puxou para si. E por maravilhosos segundos intermináveis, segurou-a nos braços. — Você tem certeza? — Silas afastou-se para questioná-la, como se também não pudesse acreditar no que estava ouvindo.

— Eu amo você — declarou ela com voz rouca e foi puxada para o peito largo novamente.

Por longos momentos abençoados, eles ficaram abraçados, afastando-se ocasionalmente para um beijo terno e voltando a abraçarem-se.

Eu a amo tanto, minha linda esposa — sussurrou Silas contra o ouvido dela.

Eu também o amo — respondeu Colly. — Nunca pensei que pudesse me sentir desse jeito.

— Meu amor. — Silas beijou-a demoradamente, antes de recostar-se e confessar com expressão séria: — Cada minuto desde que me separei de você ontem, tem sido puro tormento.

— Verdade? — Ela sabia tudo sobre aquele tormento.

— Nunca mais quero passar uma noite de tortura como a noite passada — disse ele, sorrindo, então ficando sério.

Eu sabia que não descansaria até que a visse. Que eu precisaria contatá-la esta noite. Então Naomi ligou e me atrasou. Quando eu a vi com Rupert... — Colly tencionou nos braços dele e Silas a liberou. — O que foi?

— Naomi. — Tendo revelado todos os seus sentimentos, Colly não viu razão para conter este.

— O que tem Naomi? — Ele franziu o cenho.

— Seu encontro esta noite...

— *Encontro?* Ela não é minha... Oh, meu Deus, eu não lhe contei? — Silas meneou a cabeça. — Não, não contei. Oh, meu amor, fiquei com tanto medo de afastá-la de mim no momento que lhe confessasse meus sentimentos, que me esqueci completamente. — Naomi é a esposa de Kit.

— Kit? Seu primo?

— O próprio. Deixe-me explicar. Eu tive uma reunião em Lisboa hoje. Fui escalado para passar a noite lá e retornar pela manhã, mas estava ansioso para ver você. — Colly já estava se sentindo terrível sobre seu ciúme. Silas tinha se negado a ficar em Portugal porque queria vê-la!

— Você não precisa explicar — disse ela apressada. Mas ele não aceitou aquilo.

— Acho que preciso. Não quero nenhum mal entendido entre nós — continuou ele. — Eu tinha acabado de chegar em casa, e estava pensando se devia telefonar-lhe ou vir direto para cá, quando Naomi ligou, soando extremamente nervosa e pedindo que eu a encontrasse para solucionar um problema. Pareceu-me rude negar. Sendo esposa de Kit, Naomi faz parte da família. Eu lhe disse que tomaria um café com ela, contanto que não fosse demorado. Naomi sugeriu um estabelecimento que lhe convinha. *Nosso* hotel. Eu teria preferido um lugar diferente, mas ela já parecia tensa demais para que eu lhe criasse ainda mais problemas.

— Você foi capaz de ajudá-la? Silas meneou a cabeça.

— Duvido. Ela pode ter ficado aliviada por desabafar sobre o marido infiel, Naomi tem certeza que Kit está tendo um caso, mas, embora eu tenha me proposto a conversar com ele, duvido que isso fará alguma diferença. Porém, basta de um casamento que está dando errado. Eu prefiro falar sobre um casamento que espero muito que, de agora em diante, comece a dar certo.

Oh, céus! Colly desejou que soubesse mais o que aquilo significava. Ela se censurou mentalmente. Pelo amor de Deus, aquele era um homem extremamente ocupado no trabalho que voltara para Londres porque estava ansioso para *vê-la!*

— *Nosso...* casamento?

— Não tenha medo, meu amor — disse Silas gentilmente. — Estou falando do nosso casamento. Se você precisa de mais tempo, eu posso esperar. Se ainda quer uma carreira, sem problemas. Mas tenho de lhe dizer que eu a amo tanto que o que mais desejo é que tornemos o nosso casamento apropriado e permanente.

Colly o olhou, o coração batendo descompassado no peito.

— Com apropriado e permanente... você quer dizer... A voz falhou. Silas a encarou de volta. Com apropriado e permanente, eu quero dizer que desejo que você vá morar comigo e ser minha esposa -respondeu ele calmamente, então lhe beijou o lóbulo. -Eu quero que você seja minha esposa em todos os sentidos da palavra, Colly.

Ela se sentiu enrubescer, mas Silas a estava olhando agora.

— Mas... você não quer que nada nos una a longo prazo. Você disse isso no sábado — ela o relembrou. -Quando entramos no nosso quarto, você falou...

— Eu menti — ele a interrompeu.

— Você... mentiu? — Colly teve de rir.

Mas Silas não riu. Quanto a essa parte do casamento, eu não vou apressá-la. Se você...

Foi a vez de Colly interrompê-lo:

— Sem querer parecer ansiosa, acho que não quero esperar para resolver... essa parte do nosso casamento

— declarou ela, perguntando-se como, após sua resposta física a ele no dia anterior, Silas podia duvidar disso.

— Eu amo você — declarou solenemente. E quando ele a abraçou com mais força: — Eu o amo muito, Silas. Com todo meu coração, minha mente e meu corpo.

Ele a olhou por momentos infundáveis, então a puxou ainda mais para si. Beijou-a e foi um beijo maravilhoso, um beijo diferente dos beijos gentis que haviam compartilhado aquela noite.

O coração de Colly batia violentamente quando, com dedos trêmulos, Silas encontrou o caminho por baixo do leve robe que ela usava, e, com gentileza, segurou-lhe um dos seios.

— Oh, Silas! — Ela gemeu baixinho. Ele parou.

— Oh, Silas, sim? Ou, Oh, Silas, não?

Ela o fitou, atônita. Mas como também não queria nenhum mal entendido entre os dois, murmurou timidamente:

— Sim.

— Querida, sinto como se estivesse pisando em ovos aqui — murmurou ele. — Ontem você disse não...

— Eu não disse — negou Colly. Silas afastou-se e tirou a mão de dentro da camisola, olhando-a. — Quando eu fiz isso? — Sua memória estava...

— Quando eu...

— Oh! — exclamou ela, de repente lembrando-se dos dedos de Silas no tecido da camisola.

— Oh?

Ela corou de novo.

— Você tem de me perdoar — disse calmamente. -Isso tudo é muito novo para mim. Eu não estava negando... que queria fazer amor com você. — As palavras dele "eu não quero aborrecê-la ou preocupá-la" e "estou fazendo o possível para me conter", de repente assumiram um novo significado. — Oh, Silas, você disse alguma coisa sobre eu não precisar da camisola. Eu nunca fiquei nua na frente de um homem antes. E ontem, não tive coragem. — Ela pigarreou. — Eu pareço ter um certo bloqueio. Mas... foi isso que eu quis dizer. Não que... — Ela se atrapalhou com as palavras e parou.

— Oh, meu doce amor — sussurrou Silas. — Que tolo insensível eu sou. Perdoe-me. Eu devia ter percebido...

— Não importa. Não agora — Colly o assegurou. Orno mais alguma coisa poderia importar? Silas a amava e ela o amava. Silas a amava, a amava!

— Não vamos deixar com que importe — decretou ele. — Será um pequeno obstáculo que vamos ultrapassar conforme nos conhecemos melhor. — Ele deu-lhe um sorriso maravilhoso. E então perguntou: — Você vai se casar comigo, Sra. Livingstone? E vai morar comigo, e me amar e ficar... permanentemente casada comigo?

Colly sorriu docemente. Nunca tinha se sentido tão feliz na vida.

— Estou felicíssima que você voltou de Lisboa — replicou ela, amor brilhando nos olhos verdes. — A resposta, Sr. Livingstone, é sim.

Os sorrisos deles se tornaram risadas, risadas de pura felicidade.

— Esposa — murmurou Silas suavemente, como se saboreando o doce som. — Minha esposa. Minha esposa mais que extra-especial.